

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

ALESSANDRA KOSINSKI DE OLIVEIRA

**A TRAMA DE SABERES CONSTITUÍDA EM UMA COMUNIDADE DE
APRENDIZAGEM À LUZ DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Rio Grande – RS

2011

ALESSANDRA KOSINSKI DE OLIVEIRA

**A TRAMA DE SABERES CONSTITUÍDA EM UMA COMUNIDADE DE
APRENDIZAGEM À LUZ DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG/RS na linha de pesquisa Educação Ambiental: ensino e formação de educadores/as (EAEFE).

Orientadora: Profa. Dra. Elisabeth Brandão Schmidt

Rio Grande – RS

2011

Para

Werner, Lucas e Matheus

Murilo, Muriel e Matheus

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Elisabeth Brandão Schmidt, que com o seu conhecimento e competência me ajudou a transcender.

À Profa. Esp^a. Maria Ângela Teixeira pelo exemplo de dedicação e amor à educação.

Ao Prof. Esp^a. Luís Fernando de Fraga Silva pelas lições de cultura e de amor.

Aos meus pais, Humberto e Marilene, e a toda minha família pelo incentivo e pelo apoio.

Aos meus colegas e alunos que constituem a Escola Estadual Lilia Neves, lugar onde muito aprendo.

“A única lição que é possível transmitir com beleza e receber com proveito; a única eterna, digna, valiosa: o respeito pela vida.”

Cecília Meireles (02/09/1930)

“O conhecimento só tem sentido se valorizar a vida.”

(BRANDÃO, 1997)

RESUMO

Construir projetos de Educação Ambiental na Escola possibilita o desenvolvimento de posturas éticas, críticas e participativas face às questões socioambientais. O projeto “Conhecer, compreender e interagir com o contexto local” desenvolvido na Escola Estadual Lilia Neves, localizada na Vila da Quinta, em Rio Grande, RS, representa uma alternativa importante para a educação dos jovens do Ensino Médio moradores da zona rural, pois busca despertar o sentido de pertencimento àquela região, por meio do resgate da história local. Essa pesquisa objetiva compreender, à luz da Educação Ambiental, o que a comunidade de aprendizagem, constituída por professoras e alunos desta Escola e moradores das localidades, conta sobre os aspectos naturais e culturais da Vila da Quinta e demais zonas rurais do seu entorno, que visões de mundo, crenças e valores e quais as transformações históricas ocorridas no ambiente são expressas e registradas em vídeo nas expedições de estudos desenvolvidas no Projeto “Conhecer, compreender e interagir com o contexto local”. Procedeu-se a transcrição e análise do vídeo, contendo a gravação das expedições de estudos e de uma avaliação por escrito realizadas pelos envolvidos no Projeto. Foram selecionados alguns recortes do vídeo e, após transcritos, realizada a Análise Textual Discursiva (ATD). O processo analítico possibilitou a identificação das categorias emergentes: aspectos culturais, visões de mundo, crenças e valores, aspectos naturais e transformações históricas. Os dados produzidos foram articulados com os referenciais teóricos da pesquisa (BRANDÃO, CARVALHO, MORIN, FREIRE entre outros), o que propiciou uma maior compreensão do fenômeno investigado. As interlocuções empíricas e teóricas possibilitaram a compreensão de que ao conhecer, compreender e interagir com o contexto local, significando aspectos da cultura (modo de vida, crenças e valores) da comunidade estudada e os aspectos naturais desta região rural localizada no extremo sul do Rio Grande do Sul, as pessoas tornem-se pertencentes e responsáveis pela preservação da cultura e do ambiente.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Contexto Socioambiental. Pertencimento. Escola.

ABSTRACT

Constructing Environmental Education projects in schools enables the development of ethical, critical and participative attitudes towards socioenvironmental issues. A project called “Knowing, comprehending and interacting with the local context”, which was carried out at *Lilia Neves* State School in *Vila da Quinta*, in Rio Grande, RS, proved to be an important alternative for the education of high school students who live in a rural area because it aimed at triggering the sense of belonging to that region by focusing on local History. This research has the objective of comprehending what the learning community, which is constituted by school teachers and students and dwellers in that region, tells about the natural and cultural aspects related to *Vila da Quinta* and surrounding rural areas in the light of Environmental Education. It includes their views of the world, beliefs and values, besides the historical changes that happened in that environment. Video recordings were carried out during field trips as part of the project “Knowing, comprehending and interacting with the local context”. After the video transcription and analysis were carried out, those involved in the project made their written evaluation. Some parts of the transcription were selected for Textual Discourse Analysis (TDA). The analysis enabled the identification of emerging categories: cultural aspects, views of the world, beliefs and values, natural aspects and historical transformations. The data, intertwined with theoretical references, such as Brandão, Carvalho, Morin and Freire, led to better understanding of the phenomenon under investigation. Empirical and theoretical interlocutions showed that when people know, understand and interact with their local context and give meaning to cultural issues (style of life, beliefs and values) in the community and natural aspects in this rural area located in the very south of Rio Grande do Sul state, they develop their sense of belonging and feel responsible for the preservation of their culture and their environment.

Key words: Environmental Education. Socioenvironmental Context. Sense of Belonging. School.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Folder do Projeto “Conhecer, Compreender e Interagir com o contexto local”	19
FIGURA 2 - Fachada da Escola Estadual Lilia Neves	22
FIGURA 3 - Alunos e professores no pátio da Escola Estadual Lilia Neves em ensaio da banda	22
FIGURA 4 - Igreja Nossa Senhora da Penha.....	63
FIGURA 5 - Salão Paroquial – Vila da Quinta.....	63
FIGURA 6 - Sociedade de Instrução e Recreio da Quinta.....	63
FIGURA 7 - Posto de saúde da Vila da Quinta	63
FIGURA 8 - Estação Ferroviária da Vila da Quinta	64
FIGURA 9 - Trilhos na Vila da Quinta.....	64
FIGURA 10 - Ponte de acesso à Ilha dos Marinheiros	64
FIGURA 11 - Vista da ponte	64
FIGURA 12 - Capilha.....	67
FIGURA 13 - Canal da Corsan – Palma.	69
FIGURA 14 - Vista da Ilha dos Marinheiros.....	74
FIGURA 15- Ilha dos Marinheiros	74
FIGURA 16 - Barcos de pesca na Ilha dos Marinheiros.....	81
FIGURA 17 - Plantação de cebolas na Ilha	81
FIGURA 18 - Barco de pesca na Capilha.....	83

SUMÁRIO

1 CONSTITUINDO-ME PESQUISADORA EDUCADORA AMBIENTAL	10
2 O PROJETO “CONHECER, COMPREENDER E INTERAGIR COM O CONTEXTO LOCAL”	17
3 A ESCOLA ESTADUAL LILIA NEVES	22
4 UMA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	25
5 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA.....	29
5.1 A Educação Estética.....	34
5.2 Os valores.....	37
5.3 O currículo escolar	40
5.4 Projeto político-pedagógico	44
5.5 O docente e sua prática	46
5.6 O pensamento complexo.....	48
6 O PERCURSO METODOLÓGICO	57
7 O PITORESCO CENÁRIO DA PESQUISA – A VILA DA QUINTA E SEUS ARREDORES – LUGARES DE VIDA E DE APRENDIZADO.....	61
7.1 Vila da Quinta	62
7.2 Ilha dos Marinheiros	64
7.3 Taim	66
7.4 Quitéria.....	67
7.5 Domingos Petrolina.....	68
7.6 Palma.....	69
7.7 Povo Novo.....	70
8 (RE)DESCOBRINDO O CONTEXTO SOCIOAMBIENTAL: A ESCOLA COMO MEDIADORA DO DESPERTAR DO PERTENCIMENTO	72
9 AVIVANDO A MEMÓRIA, CONTANDO HISTÓRIAS E CONSTRUINDO SABERES	78
9.1 Os aspectos culturais	78
9.2 Visões de mundo, crenças e valores.....	85
9.3 Aspectos Naturais.....	92
9.4 Transformações históricas.....	96
10 UMA TRAMA DE SABERES: FONTE DE DESCOBERTAS, EXTRAPOLANDO OS MUROS DA ESCOLA.....	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS.....	109

1 CONSTITUINDO-ME PESQUISADORA EDUCADORA AMBIENTAL

Dimensão decisiva na profissão docente, imprescindível para a inovação e para as mudanças no contexto educativo é a autoconsciência ou processo de reflexão que o professor realiza acerca de sua ação. Para mim, não só é necessário como também agradável refletir e escrever sobre a educação escolar na minha vida, pois sendo filha, sobrinha e prima de professores, cresci completamente envolvida nesse clima de livros, cadernos, alunos... ESCOLA! E são da mesma forma prazerosas a reflexão e a escrita da minha trajetória profissional de, por enquanto, vinte e três anos em salas de aula, pois são desafios constantes e muitas as histórias a contar, desde a insegurança e as utopias de estagiária até a percepção da realidade com a maturidade profissional que o tempo me proporcionou.

Fui assumindo, no decorrer desses anos, grande paixão pela educação, que começou por influência da minha família e se afirmou no Curso de Magistério no Colégio Santa Joana d'Arc (de 1984 até 1986), em Rio Grande. Foi nesta etapa da minha vida escolar que a paixão pela educação aumentou, pois conheci Dewey, Freinet, Piaget, Paulo Freire e outros grandes educadores. No estágio realizado na Escola Estadual Dr. Augusto Duprat, começo a assumir a minha formação, a me interrogar sobre o meu fazer, para que e a quem interessava a educação. O meu forte relacionamento com o grupo fez-me perceber a enorme importância de desenvolver um trabalho voltado aos interesses e necessidades da turma, construindo conhecimentos numa prática educativa reflexiva.

Assim, percebi que discriminações e fracasso escolar são, inúmeras vezes, causados pela utilização da língua. Isso evidencia, mais claramente, as diferenças sociais, pois o uso, pelos alunos provenientes das camadas populares, de variantes linguísticas social e escolarmente estigmatizadas provoca preconceitos e leva a dificuldades de aprendizagem, já que a escola emprega e quer ver usada a variante-padrão socialmente prestigiada.

Iniciei o curso de Letras na Universidade Federal do Rio Grande – FURG, em 1987. Esta era, então, para mim, uma forma de adquirir meios para trabalhar (e quem sabe amenizar) esses problemas, proporcionando aos alunos condição para o exercício da cidadania. Mais adiante, em 2003, especializei-me em Língua Portuguesa e Linguística (no

Instituto de Educação Superior) em Cachoeirinha, R.S., e concluí com a monografia “Ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa: uma necessidade lingüísticossocial”.

Ao final da graduação em Letras, com 20 anos de idade, sentia que a minha formação havia apenas começado. Entendia e não concordava que, com a expansão do conhecimento científico, o saber acumulado foi se fragmentando, dando lugar às especializações, tornando o conhecimento cada vez mais particular e específico. Por isso, os especialistas das diferentes áreas foram perdendo a noção do todo. Então, quis entrar para um curso que me mostrasse uma visão mais global da educação, ampliando e aprofundando cada vez mais os meus conhecimentos. Comecei, assim, em 1992, o curso de Pedagogia, também na FURG.

Mais adiante, integrei e coordenei a equipe de entrevistadores da FURG da pesquisa “Saúde Materno-Infantil e Escolar no município do Rio Grande”. Vimos aqui a forte ligação entre ambiente familiar e rendimento (ou fracasso) escolar, pois quanto maior a renda e os anos de escolaridade da mãe, menor era o índice de repetência e evasão dos filhos. Vimos que crianças em desvantagem econômica são criadas pela sociedade para falhar já em tenra idade, destinadas a perpetuar o odioso ciclo sem fim da pobreza criada por uma cultura obcecada pelo sucesso e riqueza. Esse trabalho foi por mim apresentado no IV Congresso de Iniciação Científica (FURG/UFPEL), onde recebi o Prêmio Jovem Pesquisador, afirmando o meu gosto pela pesquisa.

Tal envolvimento com a educação foi aprofundado, com certeza, mais intensamente no convívio, na troca de saberes com os alunos do Ensino Fundamental e do Médio. E como acredito numa educação de qualidade partindo de uma boa e contínua formação de professores, a fim de que possam, por sua vez, propiciar a constituição de pessoas capazes de refletir, questionar e compreender as questões socioambientais, senti-me pressionada a renovar e a intensificar a relação com o conhecimento e com a inovação. Procurei, então, o Curso de Mestrado em Educação Ambiental da Universidade do Rio Grande, RS, pois o Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

tem como meta a formação de docentes-pesquisadores capazes de contribuir para a produção de conhecimentos e sua transformação no campo da Educação Ambiental, a partir de um enfoque científico, humanístico e interdisciplinar das questões educacionais, ecológicas e socioambientais. (Projeto pedagógico PPGEA-FURG, 2010)

A linha de pesquisa que escolhi, de acordo com a minha trajetória profissional, é Educação Ambiental: ensino e formação de educadores(as) (EAEFE). Ela

aborda temáticas relacionadas à educação ambiental em contextos educativos institucionalizados, com ênfase especial na ação e na formação prático dos docentes. Discute, através do processo de pesquisa e da formação de pesquisadores em educação ambiental, os aspectos identitários e os saberes da docência, as redes de aprendizagem e a constituição de professores educadores ambientais, como modo de compreensão desde o campo educativo-pedagógico sobre as demandas ambientais emergentes na sociedade atual. (Projeto Pedagógico PPGEA-FURG, 2010)

Creio também que o educador não deve somente construir conhecimentos acadêmicos, mas investigar a sua prática pedagógica e o ambiente em que atua. Segundo Romanowski (2008, p. 172), “a perspectiva de formar o professor pela pesquisa confirma a indissociabilidade entre ensino e pesquisa. (...) Ao sistematizar os dados e explicitá-los, o professor amplia seus conhecimentos, revê suas crenças e encontra novas alternativas para a prática do ensino.”

Julgo que a intencionalidade pedagógica exige um olhar investigativo, reflexivo e sensível e ainda empenho e integração de todas as áreas do conhecimento nas discussões e práticas da Educação Ambiental. Não basta somente lamentarmos as agressões ao ambiente. Torna-se necessário que estejamos capacitados a combatê-las, visando uma sociedade mais justa, que respeite todas as formas de vida e de cultura. Como diz Isabel Carvalho (2008, p. 129), “a construção de práticas inovadoras não se dá pela reprodução, mas pela criação, pela readaptação e, sobretudo, no caso da interdisciplinaridade, por novas relações na organização do trabalho pedagógico.”

Vejo também que o problema de pesquisa está relacionado com a formação do pesquisador e sua história. Como nos diz Maturana (2006, p. 147),

nós não encontramos problemas ou questões a serem estudados e explicados cientificamente fora de nós mesmos num mundo independente. Nós constituímos nossos problemas e questões ao fluirmos na nossa práxis de viver e fazemos as perguntas que nós, em nosso emocionar, desejamos fazer.

Por isso, contarei agora um pouco do que me impulsionou a fazer a presente pesquisa. Nasci em Rio Grande e cresci escutando o meu pai valorizar muito a nossa cidade, suas belezas naturais e as suas potencialidades. Diz ele que se há alguns problemas que impedem de a cidade ser melhor é porque falta amor, sentimento de pertencimento dos próprios

riograndinos a essa terra. Fui crescendo e percebendo que ele tem razão: os riograndinos, em sua maioria, desvalorizam a sua cidade.

Tornei-me professora. E, quando fui trabalhar em Porto Alegre, em 2001, (e fiz parte de diferentes escolas, públicas e particulares e de diferentes bairros), percebi que os alunos, em sua maioria, amam a sua cidade, o que ficava explícito nos textos que lhes solicitava e nos diálogos na sala de aula. Contavam de suas praças, de seus monumentos históricos, dos shows e dos eventos, dos cinemas e dos shoppings, de suas belezas naturais e de seu povo, e tudo com um carinho que demonstrava realmente a valorização àquele ambiente. Se questionados a respeito de mudarem de cidade, a grande parte deles respondia que não, pois já morava em um ambiente acolhedor, do qual se sentiam pertencentes.

De volta a Rio Grande em 2006, fui designada para trabalhar com a disciplina de Língua Portuguesa na Escola Estadual Lilia Neves, localizada na Vila da Quinta. Nessa escola, estudam crianças, jovens e adultos de toda a zona rural do entorno da escola (Ilha dos Marinheiros, Ilha do Leonídio, Ilha da Torotama, Quitéria, Arraial, Povo Novo, Palma, Serraria e Taim) e da própria Vila da Quinta. A educação básica é direito de todo o povo assegurado pelo governo, porém a maioria das escolas da zona rural proporciona somente o ensino até a quinta série do Ensino Fundamental. A Escola Estadual Lilia Neves é uma “escola-polo” por estar localizada em uma zona mais urbana e proporcionar todo o ensino fundamental e médio.

Com muita experiência em diferentes escolas, percebi que a Lilia Neves é diferente: tem em sua história inúmeros projetos que foram (e são) relevantes para o processo de aprendizagem de nossos alunos. Percebo que lá atua um grupo de professores, na sua maioria, bem envolvido com a educação e que tenta proporcionar uma aprendizagem significativa àquela comunidade. Isso acontece nem sempre com perfeição, seja por falta de conhecimento dos professores, que não têm muito tempo para uma formação continuada e nem mesmo para reuniões pedagógicas dentro da escola ou um salário que permita a compra de livros, a participação em congressos ou cursos de especialização, seja por falta de recursos materiais e/ou humanos para dar suporte aos nossos projetos. Mas, com certeza, não falta paixão à educação e força de vontade de realizar muitos projetos.

A maioria dos nossos alunos é filho de pequenos pecuaristas, de agricultores, de pescadores, de empregados das plantações de arroz e das leiteiras. Pelo local de suas residências, muitos passam por algumas dificuldades, entre elas o acesso à escola. Eles dependem, por exemplo, de um ônibus municipal para transportá-los, que possui um único horário para a chegada e um único horário para a saída da escola, impedindo-os de qualquer atividade desenvolvida fora desse horário.

Segundo Carvalho (2008, p. 95), desde o século XV, “constrói-se historicamente a representação do mundo natural como lugar da rusticidade, do inculto, do selvagem, do obscuro e do feio.” E, ainda hoje, vemos processos discriminatórios, mesmo que não sejam explícitos, em relação aos moradores da zona rural, tal como era no passado:

A cidade, contraponto da natureza selvagem, então se apresentava como o lugar da civilidade, o berço das boas maneiras, do gosto e da sofisticação. Sair da floresta e ir para a cidade era um ato civilizatório. As pessoas criadas na cidade eram consideradas mais educadas que aquelas que viviam nos campos. A natureza, tida como o Outro da civilização, representava uma ameaça à ordem nascente. (CARVALHO, 2008, p. 95)

Percebemos, assim, que muitos adolescentes, por serem de famílias que residem e trabalham na zona rural sentem-se discriminados; a própria expressão “de fora” por si só já discrimina, pois se é “de fora”, não está dentro, parece não fazer parte da cidade. Daí, então, a necessidade de pensarmos uma educação que proporcione ao oprimido tornar-se sujeito de sua história. A educação popular lida com os que sofrem com essa ordem social injusta, desumana, que gera muita discriminação e preconceito. Para isso, as obras de Paulo Freire, numa perspectiva progressista, indicam-nos caminhos a trilhar, a fim de que possamos propiciar-lhes condições de refletir, re-existenciar e descodificar o mundo. Porém, afirma o autor que apenas traz questões que nos capacitam a compreender mais profundamente o nosso contexto histórico, mas cabe ao próprio educador “reinventar o que aqui está e torná-lo vivo na história.” (FREIRE, 2001, p. 83)

E, conforme nos sugere Brandão (2005, p. 61),

se quisermos compreender a fundo o que seja um município, com um olhar mais abrangente, mais integrado e até mesmo mais harmônico, deveremos fazer interagirem diante de nós os seus vários “domínios”. As diferentes dimensões que, quando separadas, revelam apenas o que representa uma fração dele: os seus cenários e os seus bens e recursos naturais; os seus diferentes patrimônios culturais (de uma grande igreja colonial a um prato de comida típica, às canções “do lugar”

que as mães cantam para os seus filhos); os seus equipamentos e processos de produções econômicas; a sua organização jurídico-política, as suas diversas instituições sociais (de uma igreja a uma escola, ao sistema educacional local, ao da saúde e a tudo o mais).

Pensando nisso, a professora de Biologia da Escola Estadual Lilia Neves, no ano de 2008, como trabalho de conclusão de seu curso de Educação Ambiental Lato Sensu a Distância, desenvolvido pela Universidade Aberta do Brasil/FURG, pensou, elaborou e pôs em funcionamento o projeto “Conhecer, compreender e interagir com o contexto local”. Este explicitava os nossos anseios, a nossa necessidade de elaborar um projeto que não tivesse somente ações isoladas e pontuais, mas que pudéssemos realmente conhecer e refletir sobre o lugar onde residem nossos alunos e onde nossa escola está inserida.

Tal projeto seria de grande importância tanto para os alunos, quanto para nós, professores, pois precisamos conhecer a realidade da comunidade onde trabalhamos. Muitos professores (a maioria destes moradores da zona urbana), não toleravam, por vezes, o atraso dos alunos que não se dava por irresponsabilidade, mas pelas más condições das estradas que ligavam as residências à escola, agravadas pelo clima da nossa região.

Marques (2008, p. 94) fortalece a minha idéia de trabalhar com esse projeto ao afirmar que

não pode o tema ser imposição alheia. Deve ele tornar-se paixão, desejo trabalhado, construído pelo próprio pesquisador. Da experiência antecedente, dos anteriores saberes vistos como insuficientes e limitantes nasce o desejo de conhecer mais e melhor a partir de um foco concentrado de atenções.

Então, decorrentes dessas experiências vividas e compartilhadas, dos conhecimentos construídos e do sentido de pertencimento também em mim potencializado, me vi instigada a pesquisar para compreender, à luz da Educação Ambiental, que lugares são esses que foram produzidos no Projeto “Conhecer, compreender e interagir com o contexto local”, que participei em conjunto com meus colegas professores da turma 301 (terceiro ano do Ensino Médio) da Escola Estadual Lilia Neves. Nessa perspectiva, procurei responder aos questionamentos: o que essa comunidade de aprendizagem conta sobre os aspectos naturais e culturais da região em que vive? Que visões de mundo, crenças e valores expressa em suas falas? Quais são as transformações históricas e ambientais ocorridas e por ela percebidas ao

longo do tempo? Como esta comunidade significou o Projeto “Conhecer, compreender e interagir com o contexto local?”

Já conseguia atribuir relevância ao Projeto, no decorrer do seu desenvolvimento, enquanto estímulo à (re)descoberta do ambiente local e ao sentido de pertencimento, tanto de alunos, quanto de nós, professores, tendo em vista que pudemos compreender as condições de vida de nossos alunos, e suporte no despertar de posturas críticas, éticas e participativas, visando à melhoria da qualidade de vida na região estudada. Também os professores participantes vivenciaram uma prática transdisciplinar, quebrando os paradigmas da educação tradicional, questionando conceitos já estabilizados e abrindo espaço para novas maneiras de ensinar-aprender. Carvalho (2008, p. 13) nos fala que “ao confrontar suas ações cotidianas com as produções teóricas, é necessário rever as práticas e as teorias que as informam, pesquisar a prática e produzir novos conhecimentos para a teoria e a prática de ensinar.”

Diante de muitos desafios e realizações no meu percurso profissional, tal projeto proporcionou-me ainda despertar o gosto pela pesquisa, potencializando o meu processo de constituição de pesquisadora em Educação Ambiental.

2 O PROJETO “CONHECER, COMPREENDER E INTERAGIR COM O CONTEXTO LOCAL”

Na Escola Estadual Lilia Neves, sob a coordenação da professora de Biologia e com a colaboração das demais disciplinas que compõem o currículo escolar, pois não se pode pensar em Educação Ambiental no interior da escola se não for um projeto pedagógico interdisciplinar, com práticas construídas coletivamente numa interação com a comunidade, foi desenvolvido o projeto “Conhecer, compreender e interagir com o contexto local”, com uma turma do 3º ano do Ensino Médio.

Eu era a professora de Língua Portuguesa dessa turma e participei das etapas de desenvolvimento desse trabalho. Tal Projeto foi desenvolvido também para a conclusão do curso de Educação Ambiental Lato Sensu a Distância, uma formação continuada para professores oferecida pela FURG (Universidade Federal do Rio Grande) em parceria com o Sistema Universidade Aberta do Brasil, no ano de 2008, na nossa cidade vizinha, São José do Norte, e no qual participava uma de nossas professoras. No seu trabalho de conclusão de curso, tal professora diz:

com a vontade de renovar a prática de sala de aula e envolver a comunidade escolar em uma ação interdisciplinar em Educação Ambiental num processo de sensibilizar para a transformação coletiva de aprendizagem, vi a possibilidade de ação, participando do Curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental Lato Sensu, que estava sendo oferecido pela FURG, na modalidade à distância. (TEIXEIRA, 2009, p. 15)

Os objetivos do trabalho também foram expostos:

Possibilitar aos estudantes a construção de uma aprendizagem significativa através de um conjunto de atividades que possibilitem conhecer, compreender, valorizar e divulgar as potencialidades socioambientais, socioeconômicas e histórico-culturais do local onde residem. Também são objetivos conhecer o espaço agrário do município do Rio Grande, significar conceitos importantes para a valorização do espaço geográfico; possibilitar o desenvolvimento de um trabalho coletivo para a organização das atividades propostas; oportunizar a leitura e a escrita como uma forma de aprendizagem, estimular a imaginação, a criatividade e a expressão, além de utilizar novas tecnologias em favor da aprendizagem. (TEIXEIRA, 2009, p. 17)

Para iniciar o projeto, os alunos assistiram o documentário “Litoral Selvagem”, produzido por Jelson Brum de Paiva e pelo Professor Doutor Ulrich Seeliger da FURG e o filme “Saneamento Básico”, escrito e dirigido por Jorge Furtado, a partir dos quais foram

proporcionados debates “com reflexões sobre aspectos socioambientais presentes e identificados no filme e na realidade da comunidade as quais os alunos pertencem, enfatizando a noção de coletivo.” (TEIXEIRA, 2009, p. 18)

Num segundo momento, foi solicitado que os alunos se agrupassem de acordo com a localidade onde residem e produzissem um texto descritivo sobre os aspectos positivos e negativos percebidos nesta localidade, fazendo um paralelo com os conceitos de ecossistema, de economia, de história, de cultura, de aspectos sociais, potencialidades e problemas socioambientais. Acredito que, como diz Gamboa (2008, p. 153), “os fenômenos educativos por sua natureza social se tornam também históricos, e nesse sentido, é que se supõe que toda investigação em educação trabalhe necessariamente com a historicidade de seu objeto.” Trazemos aqui o conhecimento, muitas vezes esquecido, negado ou inferiorizado, da zona rural: a lida do campo, a ordenha, a extração da lã e da madeira, a pesca, a agricultura, o cuidado com o solo, a época certa para o plantio e para a colheita, os agrotóxicos, a instalação de grandes madeireiras e a mão de obra rural. Muitos de nossos alunos vão de botas e bombacha para a escola, ouvem música tradicionalista gaúcha, andam a cavalo e criam e convivem com animais. Todos esses assuntos, e também a dificuldade de transporte para o acesso à escola, foram trazidos para a reflexão e discussão em sala de aula.

Numa terceira etapa do projeto, os alunos fizeram pesquisas, entrevistas com moradores e órgãos públicos e revisão da bibliografia disponível na biblioteca da escola sobre os aspectos socioambientais e histórico-culturais de cada localidade em estudo.

De posse dos dados, cada grupo organizou as informações para uma apresentação a ser feita, durante expedições de estudos (uma ao Taim e outra às demais localidades), aos colegas e professores, pois acreditamos que:

o que vale para o indivíduo vale também para a comunidade local. Ela deve fazer o mesmo percurso de inserção no ecossistema local e cuidar do meio-ambiente; utilizar seus recursos de forma frugal, minimizar desgastes, reciclar materiais, conservar a biodiversidade. Deve cuidar de sua cidade, de suas praças e lugares públicos, de suas casas e escolas, de seus hospitais e igrejas, de seus teatros, cinemas e estádios de esporte, de seus monumentos e da memória coletiva do povo. (BOFF, 1999, p. 136)

Foram elaborados um roteiro e um folder com as informações mais relevantes: nome do projeto, objetivo, turma envolvida, escola, professores responsáveis, fotos e a opinião de

cada grupo sobre o trabalho realizado. Tal folder teve como objetivo divulgar à comunidade o trabalho que estava sendo desenvolvido. (FIG. 1)



FIGURA 1 - Folder do Projeto “Conhecer, Compreender e Interagir com o contexto local”
Fonte: Elaborado pela equipe de trabalho do Projeto.

Também foi trabalhado o texto “Pertencimento” de Laís Mourão Sá (2005), “com o objetivo de o aluno manifestar seu entendimento sobre a sua interação com a natureza, como transformador e pertencente a sua localidade.” (TEIXEIRA, 2009, p. 21)

Durante as expedições, cada grupo relatou os aspectos importantes, valorizando o seu ambiente. Os professores presentes, alguns dos quais moradores da Vila da Quinta, interferiram com suas contribuições e perguntas. Nessa hora, todos éramos alunos e professores, todos ensinavam e aprendiam, pois

desejamos romper com este círculo vicioso que perpetua e justifica a reprodução e os imobilismos, e acreditamos que o rompimento começa quando o professor muda sua atitude, destitui-se de sua posição de autoridade que detém o saber e transforma o aluno em mero receptor do seu saber. Quando o professor se coloca na relação do ensinar-aprender aberto para o aprender-ensinando ele pode romper com esta reprodução. O fazer junto com o aluno o coloca na possibilidade de experimentar outras formas de relações em que o exercício da criatividade torna-se possível, em que a sensibilidade do aluno e do professor se constrói nas interações de sujeitos concretos totais e humanos. (CAMARGO & BULPACOV, 2007, p. 196)

Uns alunos gravaram o trabalho e foi construído um filme. Foram momentos de muita aprendizagem. Brandão (2005, p. 16, 17) nos diz que “assim atribuímos aos lugares de onde somos e onde vivemos diferentes sentimentos, saberes e significados, de acordo com a maneira como os vivenciamos com os nossos sentidos, a nossa mente e as nossas sensibilidades.”

Nas considerações finais do seu trabalho de conclusão de curso, a professora coordenadora do projeto avalia: “como mediadora e ao mesmo tempo aluna desta construção, pude viver a experiência de aprender junto e refletir sobre a prática docente, valorizando aspectos ambientais pertencentes às localidades estudadas.” (TEIXEIRA, 2009, p. 51)

Para finalizar, a escola promoveu uma exposição dos trabalhos desenvolvidos durante o ano letivo de 2008, onde foi mostrado o filme produzido pelos alunos nas expedições de estudos, sensibilizando a comunidade para a valorização e preservação do contexto local e tomada da consciência de que o homem é também natureza, como fala Brandão (2002, p. 17), “somos a própria, múltipla e infinita experiência do mundo natural realizada como uma forma especial da vida: a vida humana.”

Na opinião de uma aluna participante do projeto,

Quando estudamos sobre o meio ambiente ou sobre a cultura de cada lugar, o melhor modo de aprender é saindo com a turma, ir no lugar onde vamos estudá-lo.

Quando fomos no Taim, nós que morávamos lá, antes de ir apresentar as nossas localidades, pesquisamos sobre a cultura, os problemas ambientais e sociais, fizemos entrevistas com alguns moradores (os mais antigos) e descobrimos várias coisas que nem nós que morávamos lá sabíamos. E depois, quando fomos apresentar, o restante da turma pôde aprender, ver e compreender melhor sobre o lugar que a gente mora.

Depois, fomos na Palma e o pessoal que mora lá fez o mesmo que a gente, nos apresentou a sua localidade e nos contaram várias histórias sobre aquele lugar. Eu que não conhecia lá, aprendi, conheci e não esqueci mais aquele lugar e toda a história sobre aquele lugar.

Eu gostei muito desse projeto, pois assim aprendi muito mais, talvez se ficassemos só na sala de aula, eu já teria até esquecido aquelas histórias e seria chato esse trabalho, mas saindo e indo lá foi divertido e aprendi muito mais. (aluna N)

Passaremos a conhecer agora um pouco da Escola Estadual Lilia Neves, lugar onde, orientado pela Universidade Federal do Rio Grande, tal projeto foi gerado.

3 A ESCOLA ESTADUAL LILIA NEVES

A fotografia congela um momento, retrata o real, escreve a história por meio da luz. Através dela, queremos mostrar um pouquinho da história da Escola Estadual Lilia Neves.

Este é o nosso prédio, localizado na rua Trajano Lopes.



FIGURA 2 - Fachada da Escola Estadual Lilia Neves

Porém, não é somente a estrutura física que caracteriza, que identifica uma escola, são os professores, os alunos, os funcionários e os pais que constituem, que dão vida a ela.



FIGURA 3 - Alunos e professores no pátio da Escola Estadual Lilia Neves em ensaio da banda

3.1 Retrospectiva histórica

Com a instituição da República, em 1889, o Brasil começa um processo de mudança na sua base política e econômica. A chegada dos colonos e a pré-industrialização trouxeram também o ensino. Na zona rural do nosso município, em 14 de janeiro de 1820, através da Lei nº 44 de 12 de maio de 1846, na Freguesia do Povo Novo, houve a primeira aula pública. No Taim, o ensino chega em 5 de maio de 1873 e na Ilha da Torotama, em 1879. Nesse período, a povoação da Quinta não existia, assim como o ensino nos demais povoados do interior.

Somente em 1899, na pequena povoação da Vila da Quinta, surge o ensino: com a professora Antônia Albuquerque, que ministrava aulas só para as meninas e com o professor Rodolfo Orfino, para os meninos.

Em 1915 até 1922, funcionou a Escola Agrícola da Quinta, com a direção dos padres Josefinos (Ordem de São José de Murialdo). Depois, sua administração ficou por conta do professor José Antônio Martins Carneiro e da sua esposa Olga Mendonça. Em 1927, foi fundada a Escola Municipal da Quinta, no mesmo local da antiga Escola Agrícola, sob a coordenação da professora Julieta de Melo Azambuja. Até que, em 1939, o nome da escola passou a ser Lilia Neves. Ela foi criada pelo decreto 1520 de 09 de fevereiro de 1939, pelo prefeito Dr. Roque Aita Júnior. Recebeu o nome de grupo escolar Lilia Neves em homenagem à memória da dedicada educadora Lilia de Araújo Neves, esposa do Capitão Frutuoso das Neves, fazendeiro do Taim. O prédio antigo da escola incendiou, houve, assim, troca de prédio e, desde 1961, nossa escola funciona no atual lugar.

A fim de atender a necessidade da região, em agosto de 1969, passou a designar-se Escola Estadual Lilia Neves, funcionando de 1ª a 5ª série e, mais tarde, estendeu-se também de 6ª a 8ª série, designando-se Escola Estadual de 1º e 2º Graus Lilia Neves. Até que em 13 de setembro de 2000, através da designação 0236, passou a ser Escola Estadual de Ensino Médio Lilia Neves. Hoje, atende 827 alunos, divididos em três turnos, da primeira série do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio. Seu corpo docente é constituído por cinquenta e oito professores. (Fonte: Arquivo da Escola Estadual Lilia Neves)

Na fala dos alunos gravada no vídeo da expedição de estudos na Vila da Quinta, observamos uma pequena diferença de datas com as que pesquisamos no arquivo da Escola Estadual Lilia Neves. Talvez por não termos muitos registros oficiais da história dessas localidades, as informações se dão mais pela memória oral dos moradores das regiões, como podemos observar no trecho a seguir na fala de um aluno e comparar com os parágrafos anteriores deste capítulo: “*em 1920 os padres Josefinos vão embora da cidade, e, em 1922, a escola passa a ser do governo. A escola passa a se chamar Lilia Neves em 1938, e em 1962 passa a ser no local atual.*” (colaborador 2)

Passaremos agora a conhecer um pouco das pessoas que integraram esse projeto, formando uma *comunidade de aprendizagem em Educação Ambiental*.

4 UMA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Tendo participado do projeto “Conhecer, compreender e interagir com o contexto local” e, nesta pesquisa, lançando-me a olhar sobre o mesmo, posso caracterizá-lo como uma *comunidade de aprendizagem* em Educação Ambiental, ao refletir sobre suas ações sob a ótica do conceito de *comunidade de aprendizagem* enunciado por Isabel Orellana. A autora destaca que:

En el contexto de profunda crisis socioambiental y de los males asociados a un orden mundial dominado por los intereses de mercado, ante el individualismo creciente, la desmotivación, la apatía y la pérdida de compromiso y de significación que lo acompañan, emerge la estrategia pedagógica de la comunidad de aprendizaje abriendo nuevas perspectivas educativas, particularmente en educación ambiental. Esta estrategia, basada en los principios de la construcción social del conocimiento, propone la integración de diversos enfoques pedagógicos complementarios para desarrollar un proceso de aprendizaje basado en la sinergia de un grupo organizado, en la participación activa, la cooperación, el diálogo de saberes, la complementariedad, la negociación y el compromiso en una acción reflexiva común, enraizada en la realidad del medio de vida. En este proceso se pretende generar un saber-ser, un saberhacer y un saber-vivir-juntos solidaria y responsablemente, recreando un nuevo vínculo con el medio ambiente, medio de vida. (2002)

A educação é uma necessidade de todos, por isso estamos constantemente aprendendo e assim será por toda a vida. Esse é um processo coletivo e social. Porém, a nossa sociedade costuma estimular a competição e o individualismo, o que foge das características de *comunidade de aprendizagem*. Aqui a proposta foi trocarmos e construirmos novos conhecimentos juntos, com a colaboração de todos, no bairro, sobre o bairro.

Brandão (2005, p. 90) usa a expressão “comunidade aprendente”. Para ele, “a menor unidade do aprender não é cada pessoa, cada aluno, cada estudante tomado em sua individualidade. Ela é o grupo que se reúne frente à tarefa partilhada de criar solidariamente seus saberes. É a pequena comunidade aprendente, através da qual cada participante ativo vive o seu aprendizado pessoal.”

A turma escolhida para o desenvolvimento do projeto “Conhecer, compreender e interagir com o contexto local” era formada por 31 alunos do terceiro ano do Ensino Médio do turno da tarde e tinham, em média, dezessete anos de idade. E, para complementar o trabalho sobre a Palma, foram convidados a integrar o grupo cinco alunos do primeiro ano do

Ensino Médio e moradores desse lugar. Participaram das expedições de estudos os professores das seguintes disciplinas: Biologia, Matemática, Física e Educação Física, além da supervisora pedagógica e eu, professora de Língua Portuguesa. Para Brandão (2005, p. 74),

nos vários momentos de um trabalho participativo de produção de conhecimentos a respeito do meio ambiente em que vivemos a Vida de todos os dias, tanto quanto nos momentos de planejar ações e estabelecer procedimentos, nada enriquece mais o que se investiga, o que se sabe e compreende e o que se faz, do que a soma de diferentes contribuições. A integração entre diferentes experiências de vida e entre diversos modos de sentir e pensar essas experiências pessoais e coletivas.

Desta forma, em um diálogo bem efervescente, alunos, professores e moradores daquela região trocaram conhecimentos sobre as localidades, pois “uno de los principios fundamentales de este proyecto es aprender en, con y para la comunidad.” (ORELLANA, 2002)

O diálogo, prática imprescindível, conceito-chave para Paulo Freire, é elemento fundamental na formação de uma comunidade de aprendizagem. Os participantes do projeto fizeram a sua contribuição ao diálogo, não foi o professor que deteve o poder, mas cada um que trouxe os seus saberes, a sua cultura, de acordo com o ambiente no qual vive e o que aprendeu nesses espaços sociais: família, escola, bairro. Todos contribuíram, a ação comunicativa foi compromisso e compartilhada com o grupo.

Neste sentido, afirma Orellana (2002, p. 222) já não se trata de acumular novos saberes, o que em uma época foi considerado a chave do “progresso”, senão que construir saberes que sejam significativos, que contribuam para mudar atitudes e comportamentos individuais e coletivos, que permitam frear as tendências destrutivas e recriar novas relações com o meio de vida.

Os professores mediaram o diálogo, sem tomar a palavra só para si, mas instigaram, estimularam a participação dos membros da comunidade de aprendizagem. Eles também trouxeram os conhecimentos acadêmicos para serem incorporados, ampliados e enriquecidos, aos conhecimentos que os alunos já possuíam.

Alguns professores também são moradores e naturais de tais lugares e contribuíram, assim, com a sua história de vida, ilustrando e tornando as expedições de estudos prazerosas, interessantes e de muito conhecimento e aprendizagem. Brandão (2005, p. 71) nos fala

que qualquer grupo humano que se reúna para viver ou fazer qualquer coisa, todas as pessoas são sempre fontes originais de saber. Cada uma delas trabalha, convive e/ou participa com o que traz do repertório único e irrepetível de seus saberes, suas sensibilidades e seus sentidos de Vida, originados de suas experiências, também únicas, pessoais e irrepetíveis.

A comunidade é formada também pelas diferenças individuais. Cada um de nós é um ser único, com características próprias de ver o mundo e nele viver e conviver. Isso só enriquece o diálogo e nos faz desenvolver a escuta com respeito às opiniões contrárias às nossas.

Quando proporcionamos esse espaço para que todos se manifestem de maneira igualitária, propiciamos também a elevação da autoestima do sujeito. Valorizando a sua fala, por consequência, desenvolvemos também a habilidade de expressão oral e de argumentação, pois uma vez valorizado, o indivíduo se sentirá estimulado e à vontade para expressar a sua opinião sobre o mundo. Ouvir os colegas, refletir sobre o que dizem, comparando com as suas próprias opiniões, faz muitas vezes que repensem o seu ponto de vista, enxerguem por novos ângulos. E, nesse movimento, vão crescendo.

Desfaz-se aqui também a distinção entre Escola e comunidade. A Escola faz parte da comunidade: foi criada e existe em função dela. Assim, podemos considerar a perspectiva filosófica de Edgar Morin para buscar no todo a parte e a parte no todo, sob a forma do holograma, ou seja, as questões trazidas para a discussão na escola eram as questões das regiões estudadas. A crise da modernidade reflete na Escola e vice-versa. Ela é formada e formadora do modo de vida contemporâneo.

No projeto “Conhecer, compreender e interagir com o contexto local”, só reforçamos na Escola o que muitos alunos vivenciam no seu bairro, pois, através dessa pesquisa, foi possível perceber que é muito forte o espírito de comunidade nas localidades estudadas.

Nas expedições de estudos, havia jovens e adultos aprendendo. Professores das diferentes áreas de ensino-aprendizagem, alunos e moradores das localidades ensinando. É

uma prática que se fundamenta nos princípios de igualdade e solidariedade, de inclusão, de acolhimento à heterogeneidade, com socialização dos saberes e trabalho coletivo. Por isso, apresenta grande potencialidade na constituição de cidadãos.

É uma prática onde se misturam a educação formal, a educação informal e a educação não-formal, com características próprias de cada uma dessas modalidades. A educação formal é aquela oferecida na escola, ela é intencional, sistemática, com objetivos e graus de formação bem definidos. A informal aqui se desenvolveu a partir das influências do meio socioambiental, nas relações entre as pessoas (professores, alunos, comunidade: família, vizinhos) E a educação não-formal porque não foi apenas a turma do 3º ano do Ensino Médio que teve ricas aprendizagens, mas também os demais envolvidos no projeto, como os professores, pais e moradores dos bairros estudados. Além disso, não ficamos restringidos ao espaço da sala de aula e trabalhamos temas transversais, dentro da perspectiva da Educação Ambiental.

Assim, frente às questões complexas que o mundo contemporâneo nos impõe, a *comunidade de aprendizagem* supera a educação tradicional e busca a construção social do conhecimento de forma dialógica, o espírito comunitário, o sentimento de pertença e a percepção da identidade daquelas localidades, mostrando que ética e valores, tais como respeito, solidariedade e responsabilidade são imprescindíveis para a melhoria da qualidade de vida do coletivo. Nessa perspectiva,

la comunidad de aprendizaje puede ser entendida como una estrategia pedagógica marco, que desde una visión socioconstructivista y crítica, integra un conjunto de enfoques y estrategias pedagógicas específicas y complementarias que tienden a favorecer el co-aprendizaje, y cuya implementación se apoya en un grupo de personas que se asocian en torno a un objetivo común de aprendizaje, en una dinámica de diálogo, para aprender juntos, para resolver un problema que los preocupa o para construir un proyecto común. (ORELLANA, 2002)

A *comunidade de aprendizagem* configura-se, pois, como um meio para efetivarmos a Educação Ambiental também na Escola, tendo em vista de que em comunidades de aprendizagens múltiplas e variadas são as formas de compreender e socializar experiências. Os entrelaçamentos de saberes, mesmo que muitas vezes diferentes, não dissolvem o que de mais importante há na comunidade: o desejo de compartilhar e aprender.

5 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA

A educação é componente central na busca das transformações sociais e individuais e pela evolução da sociedade. E a Escola não é a única instituição responsável pela educação e importante na formação da cultura de um povo. Segundo Brandão (2005, p. 74),

a escola em todos os seus níveis e em todas as suas formas e variações é a unidade social especializada em educação. Mas ela não é o único lugar onde pessoas convivem e interagem trocando experiências e conhecimentos e, assim, ensinando e aprendendo. Ela é a instituição educacional por vocação. Mas não é o único lugar educativo na vida de todos os dias de uma cidade.

Mas, no exercício de sua função social, sendo o lócus de passagem da maioria das pessoas, sendo um espaço privilegiado para a formação de opiniões e para a construção e reconstrução de conhecimentos, de comportamentos e de valores, precisa ser de qualidade, favorecer o desenvolvimento de competências e habilidades com relevância pessoal e social.

A Educação Ambiental na Escola busca propiciar essa qualidade, pois visa educar o olhar dos alunos, tornando-os cidadãos sensíveis, conscientes e capazes para o enfrentamento dos problemas socioambientais, como aponta Carvalho (2008, p. 69),

a Educação Ambiental está efetivamente oferecendo um ambiente de aprendizagem social e individual no sentido mais profundo da experiência de aprender. Uma aprendizagem em seu sentido radical, a qual, muito mais do que apenas prover conteúdos e informações, gera processos de formação do sujeito humano, instituindo novos modos de ser, de compreender, de posicionar-se ante os outros e a si mesmo, enfrentando os desafios e as crises do tempo em que vivemos.

A Escola que tem os seus processos de ensino-aprendizagem sob a perspectiva da Educação Ambiental vai proporcionar momentos nos quais os alunos, numa prática dialógica, estarão construindo o seu conhecimento, desenvolvendo valores, atitudes e habilidades que contribuirão para a ampliação da sua visão sobre o ambiente. Dessa forma, o sentido de pertencimento estará a florado e, por conseguinte, o de valorização e preservação ao lugar onde vivem.

“Assim, se a educação é mediadora na atividade humana, articulando teoria e prática, a educação ambiental é mediadora da apropriação, pelos sujeitos, das qualidades e capacidades necessárias à ação transformadora responsável diante do ambiente em que vivem.” (TOZONI-REIS, 2007, p. 218)

Na verdade, o adjetivo “ambiental” enfatiza a característica que se tornou essencial nos dias de hoje: que seja trabalhado o contexto socioambiental. Como bem nos diz Layrargues (2004, p. 7):

o adjetivo ambiental designa uma classe de características que qualificam essa prática educativa, diante desta crise ambiental que ora o mundo vivencia. Entre essas características, está o relacionamento de que a Educação tradicionalmente tem sido não sustentável, tal qual os demais sistemas sociais, e que para transmitir a transição societária rumo à sustentabilidade, precisa ser reformulado.

Ao se definirem as questões socioambientais de determinada comunidade, surgem variados projetos educacionais que partem e pretendem chegar a diferentes visões de mundo. Há os que pretendem perpetuar o modelo societário vigente; esses são conhecidos como conservadores. E há os projetos educacionais críticos, que são os que propõem transformações da sociedade em justiça e igualdade social, propiciando um equilíbrio para o desenvolvimento e a qualidade de todas as formas de vida. Fazem, então, parte da educação ambiental transformadora e emancipatória: “um processo político de apropriação crítica e reflexiva de conhecimentos, atitudes, valores e comportamentos que têm como objetivo a construção de uma sociedade sustentável do ponto de vista ambiental e social.” (TOZONI-REIS, 2007, p.179)

Ajustes precisam ser feitos a cada momento na Escola, a fim de responder às necessidades que o mundo contemporâneo nos aponta. Novas maneiras do fazer educativo, qual o sentido da ação educativa e de se pensar para que e para quem se destina a educação. Loureiro (2004, p. 11) nos diz que

no quadro da ampla variedade de vertentes pedagógicas da educação, existem propostas educativas voltadas à questão ambiental que se inserem num gradiente que enseja a mudança ambiental conquistada por intermédio de três possibilidades: a mudança cultural associada à estabilidade social, a mudança social associada à estabilidade cultural; e, finalmente, a mudança cultural concomitante à mudança social.

Para a Educação Ambiental, vemos uma diversidade de nomenclaturas desde o seu surgimento na década de 1970. Elas nos mostram diferentes posicionamentos frente às questões político-pedagógicas. É uma multiplicidade de conceitos, de metodologias e de práticas. Suas adjetivações (Educação Ambiental crítica, transformadora, conservacionista, formal, não-formal, popular e outras) procuram categorizar ou qualificar a educação. Carvalho (2008, p. 152, 153) assim se expressa:

Educação ambiental tem sido expressão cada vez mais utilizada nos textos das políticas e programas de educação e de meio ambiente, bem como nos projetos comunitários de extensão, de gestão e de ação. Isso sem falar na literatura especializada sobre educação e meio ambiente que vem crescendo dia a dia, tanto no âmbito das ciências humanas quanto no das ciências naturais.

Há, assim, de se pensar qual Educação Ambiental se quer e refletir e dialogar sobre essas diversas abordagens, pois “a expressão Educação Ambiental passou a ser usada como termo genérico para algo que se aproximaria de tudo o que pudesse ser acolhido sob o guarda-chuva das boas práticas ambientais ou ainda dos bons comportamentos ambientais”. (CARVALHO, 2008, p. 153). Faz-se necessário comparar e conhecer as semelhanças e diferenças, limites e possibilidades entre as várias vertentes, seus conceitos, práticas e metodologias, para que possamos excluir ou agregar algumas no planejamento de práticas educativas mais eficazes.

A Educação Ambiental Crítica, por exemplo, proporciona o desenvolvimento de sujeitos sociais, autores críticos de sua própria história, que compreendam as relações sociedade-natureza e sejam capazes de intervir sobre os conflitos socioambientais, como nos fala Carvalho (2004, p. 18, 19),

O projeto político-pedagógico de uma Educação Ambiental Crítica seria o de contribuir para uma mudança de valores e atitudes, contribuindo para a formação de um sujeito ecológico. Ou seja, um tipo de subjetividade orientada por sensibilidades solidárias com o meio social e ambiental, modelo para a formação de indivíduos e grupos sociais capazes de identificar, problematizar e agir em relação às questões socioambientais, tendo como horizonte uma ética preocupada com a justiça ambiental.

Dessa forma, a prática de uma Educação Ambiental Crítica influencia no modo como a sociedade trata dos bens ambientais e que perspectivas apresentam. “Vê a formação do sujeito humano enquanto ser individual e social, historicamente situado.” (CARVALHO, 2004, p. 19) A formação do sujeito se dá a partir da relação homem-sociedade,

responsabilizando-o, do mesmo modo então, por si mesmo, pelo outro e pela sociedade, sem excluir ou priorizar nenhuma dessas dimensões. E ainda,

a educação crítica tem suas raízes nos ideais democráticos e emancipatórios do pensamento crítico aplicado à educação. No Brasil, estes ideais foram constitutivos da educação popular que rompe com uma visão de educação tecnicista, difusora e repassadora de conhecimentos, convocando a educação a assumir a mediação na construção social de conhecimentos implicados na vida dos sujeitos. (CARVALHO, 2008, p. 18)

A Educação Ambiental baseada no pensamento crítico, nas relações indivíduo-sociedade, nas relações do indivíduo consigo mesmo, com os outros e com as demais formas de vida favorece a constituição de um “sujeito ecológico”, que é, segundo Carvalho (2004, p.18, 19),

um tipo de subjetividade orientada por sensibilidades com o meio social e ambiental, modelo para a formação de indivíduos e grupos sociais capazes de identificar, problematizar e agir em relação às questões socioambientais, tendo como horizonte uma ética preocupada com a justiça ambiental.

Segundo Tozoni-Reis (2007, p. 201), a vertente crítica visa “ações educativas que contribuam para a formação crítica dos sujeitos através de processos reflexivos que, longe de se fundamentarem na neutralidade política da educação, se pautem pela discussão, compreensão e ação transformadora sobre as relações sociais de dominação.”

A Educação Ambiental Transformadora baseia-se na pedagogia libertária e emancipatória de Paulo Freire, na histórica-crítica representada por Dermeval Saviani, na teoria da complexidade de Edgar Morin, entre outras. Loureiro (2004, p. 67) nos diz que

o que vem sendo denominado por vertente transformadora da educação ambiental, no Brasil, começou a se configurar nos anos de 1980, pela maior aproximação de educadores, principalmente os envolvidos com educação popular e instituições públicas de educação, junto aos militantes de movimentos sociais e ambientalistas com foco na transformação societária e no questionamento radical aos padrões industriais e de consumo consolidados no capitalismo. Tal fenômeno, articulado ao avanço do conhecimento e aos instrumentos legais disponíveis no país, propiciou condições objetivas para a consolidação de novas práticas e teorias inseridas no escopo da educação ambiental.

Ainda há muitos professores que se intitulam educadores ambientais, mas “que, no entanto, carregam inerentes aos seus discursos, no conteúdo desenvolvido ou mesmo na metodologia de trabalho aplicada, as concepções antropocêntricas que sustentam a visão da

superioridade do ser humano ante a Natureza, muitas vezes apresentando uma perspectiva conservadora.” (TAVARES, BRANDÃO & SCHMIDT, 2009, p. 181).

Há ainda quem somente trabalhe a questão ecológica, a relação com a natureza, a conservação dos recursos naturais. Isso, com certeza, faz parte de uma proposta de Educação Ambiental, mas não pode ficar só aí. Ela precisa contemplar também a sua relação com a dinâmica social, cultural, histórica, ideológica, política e econômica, ter a união dessas perspectivas complementares, para que se torne viável uma visão mais ampla, do todo, uma visão ambiental complexa, a fim de construirmos um futuro mais saudável. Para Tozoni-Reis (2007, p. 214), devemos partir “de uma concepção de ambiente que considera seu caráter – social, histórico e político – contraditório e complexo entendendo o ambiente como síntese de múltiplas determinações no sentido de superar as concepções reducionistas presentes na sociedade atual.”

Para isso, necessário na Escola se torna um espaço de estudo, no qual os professores possam ler e trocar opiniões com os colegas para que desenvolvam um bom planejamento, ou seja, que a Escola tenha objetivos claros, que saiba o que pretende alcançar: um trabalho que apresente uma proposta de Educação Ambiental de acordo com as necessidades da comunidade escolar e que disponibilize meios materiais e humanos para que se efetive de maneira eficaz.

Esses educadores ambientais contribuirão, assim, para a construção de um novo ideal de sociedade, onde os valores, tais como o respeito, o amor, o cuidado e o pertencimento permeiam toda a ação educativa, que é aqui transversal e interdisciplinar. “Trata-se de convidar a escola para a aventura de transitar entre saberes e áreas disciplinares, deslocando-a de seu território já consolidado rumo a novos modos de compreender, ensinar e aprender”. (Carvalho, 2008, p. 125) E ainda, denominar-se educador ambiental não é uma posição pacífica ou homogênea, porque

aparece ora como adesão a um ideário, ora como sinônimo de um ser ideal ainda não alcançado, ora como opção de profissionalização, ora como signo descritor de uma prática educativa ambientalizada, combinando em diferentes gradações as vias da militância e da profissionalização em um perfil profissional-militante. Resulta disto que as formas de autocompreender-se e apresentar-se, que daí surgem, assumem o caráter de uma identidade dinâmica, muitas vezes em trânsito. Isto é, uma identidade que não se fixa necessariamente apenas em um dos pólos: profissional ou militante, por exemplo. Tampouco ganha a forma de uma identidade

permanente e totalizante, no sentido de subsumir outras auto-identificações e filiações profissionais. (CARVALHO, 2008, p. 58)

Dentro desta perspectiva da Educação Ambiental na Escola e relacionados, então, com o projeto “Conhecer, compreender e interagir com o contexto local”, vários aspectos como Educação Estética, valores, currículo escolar, projeto político-pedagógico, o docente e sua prática e o pensamento complexo serão discutidos para que possam melhor embasar este estudo.

5.1 A Educação Estética

Não há como desconsiderar, na Educação Ambiental desenvolvida no âmbito escolar, a dimensão estético-ambiental, pois o homem é o resultado dos seus sentidos, dos seus sentimentos. Desta forma, “acreditamos que uma das tarefas mais instigantes da EA e de todos os processos educativos na atualidade é a de redirecionar o indivíduo para a sua inerente capacidade criativa e dialógica, afastando-o de uma percepção de mundo puramente racional.” (TAVARES, BRANDÃO & SCHMIDT, 2009, p. 182) A Educação Estética não é, simplesmente, a ciência do belo; é a rica variedade de valores estéticos que o homem encontra no mundo circundante. Conforme Duarte Jr (2006, p. 100),

a sensibilidade tem perdido espaço no cotidiano das pessoas e na educação. E, se estivermos desatentos e deseducados, nossos sentidos vão se obliterando, enquanto seguimos na crença de que o único conhecimento importante é aquele de caráter abstrato produzido exclusivamente em nosso cérebro, um cérebro que tão só pensa e realiza cálculos sem se dar conta do mundo sensível ao redor.

Observamos, na nossa sociedade, valores distorcidos, como por exemplo, a ideia de que para sermos belos, precisamos vestir e calçar marcas caras, usar esse ou aquele cosmético ou ainda passar por uma cirurgia plástica para ter um corpo perfeito e, assim, socialmente sermos valorizados. O individualismo muitas vezes impera, não deixando que se veja o outro, que possui um jeito único e próprio de ser e que merece respeito. Segundo Tavares, Brandão e Schmidt (2009, p. 179),

com o objetivo de homogeneizar os procedimentos e critérios comportamentais, as sociedades, em suas diversidades, ditam regras que são incorporadas pelos grupos. O sujeito faz parte da comunidade, e essa faz parte dele por meio de suas normas,

linguagens e culturas, agindo, ao mesmo tempo, como produtos e produtores da sociedade.

Nessa sociedade, tem predominado as relações de poder, de controle e de dominação. E a Escola, muitas vezes, traz também regras pré-estabelecidas do que é certo e errado, não dando chance para que os educandos questionem tais padrões. Precisamos, assim, de uma educação que incentive a autonomia e que incentive e valorize o respeito ao outro. Precisamos de uma educação que tenha sentido para os sujeitos e que desperte a criatividade, a emoção, a imaginação, a reflexão e a sensibilidade. Tavares, Brandão & Schmidt (2009, p. 183) reforçam:

Entendemos ser primordial, frente à dimensão educacional estabelecida, dialogarmos sobre os “valores éticos”, que, por sua vez, implicam os estéticos, na forma como nos relacionamos com o mundo através dos sentidos, antes mesmo de qualquer ação educativa. Os valores ético-estéticos colaboram para o desvelamento de posturas submissas, reprodutoras de discursos/fazerem sem uma observação mais apurada, sem uma reflexão crítica que favoreça mudanças na formação dos sujeitos contemporâneos. Tais valores podem ser construídos a partir de um olhar mais justo para com as relações socioculturais, favorecendo outras posturas frente ao meio ambiente.

Ao proporcionarmos a percepção do belo, proporcionamos não só a estética como também a ética, pois a natureza aqui perde seu caráter meramente utilitário. Admirando a natureza, desperta-se a vontade de preservá-la. Por isso, a educação deve visar ensinar a ver, porque é assim que os educandos percebem a beleza e o fascínio do mundo. Devemos, então, estimular a contemplação da natureza e a sensibilidade, vista como a capacidade de perceber e organizar estímulos do próprio organismo ou do exterior. Como nos diz Duarte Jr. (2006, p. 139),

a sensibilidade do indivíduo constitui o ponto de partida (e talvez, até o de chegada) para nossas ações educacionais com vistas à construção de uma sociedade mais justa e fraterna, que coloque a instrumentalidade da ciência e da tecnologia como meio e não um fim em si mesma.

A Educação Estética-Ambiental deve ainda, segundo Estévez (2000, p. 37),

proporcionar aos alunos a compreensão de que não é possível conceber a vida afastada do meio natural. A natureza nos oferece alimentos, refúgio e lazer. Nos brinda a beleza de suas paisagens, sua flora, sua fauna e seus metais. Nos entrega seus prados para amar, lua e estrelas para sonhar e enigmas para o estímulo da fantasia e da razão.

Não há pessoa que não seja criativa; toda pessoa é capaz de imaginar, de criar, desde que esteja num ambiente que permita e estimule a sensibilidade e a criatividade, tão fundamentais na formação dos sujeitos. Daí a importância de a Escola ser um espaço aberto e incentivador dessas capacidades. Nessa perspectiva, Tavares, Brandão e Schmidt (2009, p.185, 186) atribuem um papel preponderante à Educação Ambiental, ao afirmar:

Examinamos ponderadamente que a EA deve desenvolver a competência de auxiliar o sujeito na percepção do espaço onde ele vive, do Outro pelo qual é constituído. Acreditamos que a relação do ser humano com o meio deve ser conquistada através da sensibilidade, da percepção e da reflexão crítica.

A mudança de paradigmas já instituídos não é só possível como necessária, pois “sem o conhecimento de sua natureza criadora, afetiva, simbólica, instintiva, o ser humano torna-se impossibilitado de entender o movimento do mundo do qual deveria sentir-se parte integrante.” (TAVARES, BRANDÃO E SCHMIDT, 2009, p. 182)

A aprendizagem nos leva à incorporação de novos hábitos e atitudes; ela é perpassada tanto pelos interesses e pelas experiências proporcionadas como também pelas emoções e sentimentos. Por isso, devemos propiciar vivências agradáveis aos estudantes (e que não sejam somente ações pontuais e isoladas, mas que façam parte do currículo da Escola como um todo), através da observação direta às paisagens naturais do entorno da Escola, local onde os sujeitos residem, estudam e trabalham. Devemos propiciar também que participem da transformação estética da Escola, para que, sentindo-se pertencentes e autores de um ambiente mais prazeroso, saibam valorizá-lo, se posicionar, emitir um juízo estético. O ser humano possui a capacidade de imaginar e criar. Desta forma, ele não só reproduz o passado como também é capaz de imaginar e criar um futuro diferente adaptando-se aos desafios que o mundo de hoje nos impõe.

Como nos diz Estévez (2000, p. 98), “é necessário intensificar o processo de formação de necessidades e interesses estéticos nos estudantes, se se quer modelar um sistema estável de valores que corresponda aos ideais estéticos de nossa sociedade.” Assim, a importância da Educação Estética está em instigar a capacidade criadora e bela dos indivíduos em todas as relações humano-humano, humano-natureza e humano-sociedade. Isso os motiva a praticar ações sociais, a unir o sentimento do belo com o trabalho livre e criativo. Essa é, com certeza, uma tarefa bastante complexa e que precisa de tempo para a interiorização dos valores

estéticos, a fim de que se tornem a base da visão de mundo dos sujeitos e coletivos. E “cabe à práxis – única referência de aproximação à verdade – a última palavra. E esta tem demonstrado, pelo menos em nossa experiência, a eficácia do processo estético-educativo para orientar a formação cultural integral dos jovens.” (ESTÉVEZ, 2003, p. 61)

A Educação Ambiental precisa encontrar um espaço efetivo e de destaque nas escolas. Para isso, os professores precisam conhecer os seus fundamentos, perceber com clareza qual é o seu papel político, suas diversas concepções, vertentes e autores. O educador ambiental é um mediador de reflexões e ações e um pesquisador disposto a construir novas aprendizagens individuais, sociais e institucionais. Ele percebe que a Educação Ambiental são as relações do ser humano consigo mesmo, com os outros e com as demais formas de vida. Por isso, precisa conectar a Escola com a localidade na qual se encontra e desafiar-se à resolução dos conflitos ambientais ali presentes. Assim, com a construção de atitudes éticas e políticas, teremos práticas de Educação Ambiental com maiores resultados, melhorando as condições de vida, com uma sociedade mais justa e menos excludente, pautada em sólidos valores. E é o que discutiremos agora.

5.2 Os valores

O que é educação? O que queremos com ela? O que pretendemos alcançar? Para quê? Para quem? Como ensinar? O que os alunos precisam saber? Qual é a função da Escola? O que é e como ser crítico numa sociedade na qual a lógica é a alienação da consciência e do pensamento? São algumas perguntas que nós, educadores, devemos sempre fazer, pois são muitos os caminhos a seguir. Além disso, para construirmos um projeto político-pedagógico bem elaborado para que seja efetivado com êxito, ou seja, que atenda às necessidades da comunidade educativa, precisamos ter respostas claras a essas perguntas.

Acredito, primeiramente, na educação que visa um ideal de solidariedade tendo por base os valores, tais como respeito, justiça, solidariedade, tolerância, responsabilidade, cuidado, amor, entre outros. “É o amor, a justa medida, a ternura, a carícia, a cordialidade, a convivialidade e a compaixão que garantem a humanidade dos seres humanos”, nos diz Boff (1999, p. 128).

Não há possibilidade de formação humana fora da ética, que é uma postura de valores morais conosco mesmos e com nossas relações com o restante da natureza. A nossa sociedade está se tornando a cada dia mais aética, porque os seres humanos estão cada vez mais desumanizados para atender as necessidades do mercado. Há uma procura constante da sociedade pela maximização do lucro, pela produção desenfreada, causando assim uma distribuição desigual de riquezas. Brandão (2005, p. 80) alerta que

seguimos nos relacionando entre nós, seres humanos, e com a frágil camada de Vida da Terra, a Biosfera, conduzidos bem mais por desejos e valores de dominação, de conquista e de sede de ganhos, do que por um espírito de comunicação, e por desejos de vivermos trocas generosas na partilha de nossos bens e de nossos destinos.

O poder nas mãos da classe dominante, proprietária dos meios de produção, faz com que ela decida o que a Escola deve trabalhar, o que podemos conhecer, perpetuando, dessa forma, o modelo societário vigente. A leitura do mundo incentivada na Escola não pode ser somente a leitura da academia imposta às classes populares e nem somente os saberes trazidos da experiência de vida dos alunos, mas, partir desses e conectar àqueles. Essa variedade de opiniões, de noções e de conceitos originários das mais variadas áreas do saber e vivências que vai fazer da Educação Ambiental uma prática de liberdade, de respeito pelo pensamento e identidade de cada um.

São muitos os desafios do nosso tempo e profundas mudanças na visão de mundo, de indivíduo, de tempo e de espaço na nossa complexa sociedade do conhecimento. Portanto, a Escola não pode estar excluída de tal movimento. O papel dos educadores na sociedade atual não é somente usar as novas tecnologias como recurso didático, mas promover a humanização dos seus alunos. Para isso, precisamos de uma pedagogia que ensine, junto com a leitura e a interpretação do mundo, do desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático e outros “conteúdos” previstos no currículo escolar, a ser e a conviver.

A criança, ao ingressar na instituição educativa, traz consigo um conhecimento prévio, adquirido em sua história de vida, carregado de valores, conforme a sua visão de mundo, de ser humano e de sociedade, que serão compartilhados na Escola e pela Escola, bem como receberão influência do meio escolar e, junto a eles, serão assimilados novos valores. Então, os valores começam a ser desenvolvidos na família e devem ser trabalhados

na Escola, como um processo contínuo de análise e autoanálise para a transformação dos seres.

E, como nos fala Boff (1999, p. 96),

este modo de ser-no-mundo, na forma de cuidado, permite ao ser humano viver a experiência fundamental do valor, daquilo que tem importância e definitivamente conta. Não do valor utilitarista, só para o seu uso, mas do valor intrínseco às coisas. A partir desse valor substantivo, emerge a dimensão de alteridade, de respeito, de sacralidade, de reciprocidade e de complementaridade.

Pensar sobre os valores morais é tarefa complexa, mas, ao mesmo tempo imprescindível à formação dos nossos educandos. Precisamos envolver os alunos em discussões, conseguir fazê-los pensar nos seus valores, nos valores dos colegas e da sociedade. Porém, nisso não pode haver imediatismo nem tampouco a doutrinação de valores. E ainda,

a dissonância entre os comportamentos observados e as atitudes que se pretendem formar é um dos maiores desafios da educação de um modo geral e da EA em particular. Muitas vezes, as atividades de EA ensinam o que fazer e como fazer certo, transmitindo uma série de procedimentos ambientalmente corretos. Mas isso nem sempre garante a formação de uma atitude ecológica, isto é, de um sistema de valores sobre como relacionar-se com o ambiente, sistema que será internalizado como uma visão de mundo orientadora dos posicionamentos do sujeito na escola e em outros espaços e circunstâncias de sua vida. (CARVALHO, 2008, p. 180)

Os valores estão também previstos, desde 1990, nos Parâmetros Curriculares Nacionais, entre vários temas transversais, tais como Ética, Pluralidade Cultural, Saúde, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo e Meio Ambiente. Dizem eles que “a escola deve ser um lugar onde os valores morais são pensados, refletidos, e não meramente impostos ou frutos do hábito.” (PCNs, 1998, p. 71) Falam ainda que “é fundamental para a escola que os alunos possam refletir criticamente sobre os valores que possuem, os que procuram experimentar e os que estão à sua volta, buscando a ética nas suas relações.” (PCNs, 1998, p. 74)

Para isso, então, é preciso que se pense, se elabore e se efetive muito bem o *currículo escolar*, que passaremos a comentar.

5.3 O currículo escolar

O currículo escolar deve ser bem pensado, bem planejado por professores que tenham bem definida uma concepção de educação, que vise uma sociedade muito mais justa e muito menos excludente, pois como nos mostra Costa (2003, p. 196):

o currículo, ao lado de muitos outros discursos, nos faz ser o que somos. Por isso, o currículo é muito mais que uma questão cognitiva, é muito mais que construção do conhecimento, no sentido psicológico. O currículo é a construção de nós mesmos como sujeitos.

O currículo de uma Escola reflete a visão de educação, as concepções, os valores e a importância dada ao conhecimento que aquela escola, aquele grupo de professores possui. É assim necessário enfatizar os conhecimentos, os saberes, as competências, as habilidades e as atitudes que são significativos para aquela comunidade, naquele contexto sociocultural. A respeito das expedições de estudos realizadas pela turma da Escola Lilia Neves, uma aluna comenta:

Nossos colegas nos mostraram como seus pais e vizinhos se sustentam, alguns do arroz, outros da pesca. Observamos como o lixo é destinado e se existe alguma conscientização ambiental. Conhecer e estudar o nosso local nos ajuda a saber quais as necessidades de melhoria e nos auxilia a olhar com outros olhos, a observar como existem tantas coisas lindas e maravilhosas tão perto de nós. (aluna B.)

Na Escola, é preciso que se façam discussões sobre o que é currículo e a sua relação com a qualidade do ensino. Devemos ter claro que o currículo produz sentidos, regula, controla e enquadra os alunos em um grupo social, perpetuando, muitas vezes, um modelo societário estigmatizado e inferiorizado. Muitos professores têm dificuldades em abandonar antigas e já bem conhecidas práticas e partir de novos parâmetros. Mas eles precisam pensar e repensar a sua prática diária, ver se os conteúdos são realmente relevantes, se devem ser trabalhados de uma determinada forma e não de outra. Pensar também em metodologias que sejam prazerosas, pois se assim for, melhores resultados alcançamos, como podemos perceber no depoimento de uma aluna:

No Petroline e na Palma, se via mais criação de gado e plantação de árvores. Já no Taim, são pescadores, granjeiros e trabalhadores de madeiras. Brincamos, conhecemos e nos divertimos aprendendo. (aluna C)

Se almejamos envolver alunos do século XXI, precisamos ter uma Escola do século XXI e não continuar perpetuando um modelo de educação já ultrapassado e/ou importado, que não está de acordo com o nosso momento histórico, pois cada tempo tem a sua população, com as suas próprias necessidades e exigências.

Segundo Costa (2003, p. 41),

o currículo e seus componentes constituem um conjunto articulado e normatizado de saberes, regidos por uma determinada ordem, estabelecida em uma arena em que estão em luta visões de mundo e onde se produzem, elegem e transmitem representações, narrativas, significados sobre as coisas e seres do mundo.

Ele não deve visar alcançar alguns objetivos a partir de conteúdos determinados por cada disciplina, isolada, fragmentada, desconectada da realidade do aluno que ali está, fazendo-o não perceber as relações entre os saberes. A ambientalização curricular significa intensificar a dimensão socioambiental à educação escolar e não proporcionar somente ações ambientais pontuais e isoladas. Indispensável elaborar, então, um currículo articulado aos princípios da Educação Ambiental, com o desenvolvimento da crítica, da reflexão para se alcançar e potencializar um modo de viver mais ético, mais equilibrado, no qual esteja presente a percepção da multiplicidade de gêneros, de raças e de classes sociais, com as diferenças individuais e coletivas, é o que deseja Brandão (2005, p. 131):

Em qualquer lugar onde exista uma comunidade humana, a educação ambiental deveria ser um dos seus temas e uma das suas ocupações de cada dia. Ela não é apenas algo que envolve professores e alunos de uma escola, na sala de aulas. Ela é uma outra forma de aprendermos, entre nós e nas mais variadas situações, novos conhecimentos, novos valores e novas motivações para com a Vida e a Natureza. Isto é, para com “nós mesmos” e tudo o que existe à nossa volta como fundamento da vida ou como experiência da Vida.

Todo educador envolvido com a transformação social faz um trabalho direcionado à conscientização do oprimido e à busca da construção de um novo país, responsável pelo seu próprio destino, através de uma proposta educativa politizada. Para ele, não existe educação neutra, ela é ideológica, está a serviço de algum interesse. “O que mantém uma pessoa, um professor vivo como um educador libertador, é a clareza política para entender as manipulações ideológicas que desconfirmam os seres humanos enquanto tais.” (FREIRE,

2001, p. 68) É a educação progressista, então, que pode promover a superação da consciência ingênua para uma consciência crítica, pois “uma EA crítica deveria fornecer os elementos para a formação de um sujeito capaz tanto de identificar a dimensão conflituosa das relações sociais que se expressam em torno da questão ambiental quanto de posicionar-se diante desta.” (CARVALHO, 2008, p. 163)

O discurso neoliberal com sua ideologia dominante não dá espaço ao sonho, à utopia e à esperança. Tenta fazer com que aceitemos a realidade social como é sem tentar a mudança. Porém, Paulo Freire nos mostra que “a mudança é difícil, mas é possível”, se o educador pensar na sua ação educativa, no seu fazer pedagógico. Deve reconhecer-se inacabado e condicionado, pois é a partir dessa consciência que partirá para o constante aperfeiçoamento, pois, “a consciência da incompletude nos seres humanos leva-nos a envolver-nos em um processo permanente de pesquisa.” (FREIRE, 2001, p. 65) Isso também nos dará (e é o que não devemos nunca perder) a esperança de que juntos, educando e educador, podem sempre aprender e ensinar, pois “todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso, aprendemos sempre.” (FREIRE, 1988, p. 54) O conhecimento nos motiva a conhecer mais, pois, quanto mais eu sei, mais busco saber.

Ensinar não é transferir conhecimento apenas, mas criar condições para a sua construção. Por isso, todo o educador deve ter disponibilidade para o diálogo, estar aberto aos desafios, a deixar emergir a sua curiosidade para aprender sempre mais, pois ensinamos também pelo exemplo. Além disso, todo educador democrático deve saber ouvir para poder conversar, porém,

é preciso saber como ouvir, ou seja, saber como ouvir uma criança negra com a linguagem específica dele ou dela, com a sintaxe específica dele ou dela, saber como ouvir o camponês negro analfabeto, saber como ouvir um aluno rico, saber como ouvir os assim chamados representantes de minorias que são basicamente oprimidas. (FREIRE, 2001, p. 58)

Uma sociedade ambientalmente equilibrada surge simultaneamente com a busca de uma sociedade justa, igualitária e democrática. Por isso, não podemos mais ter uma educação tradicional, precisamos avançar em novos saberes. Não queremos mais uma sociedade onde haja exploradores e explorados, opressores e oprimidos, ou seja, seres humanos que vivem sem as condições básicas para o exercício de sua cidadania. Dessa forma, precisamos sim de uma prática educativa progressista, na qual o educador compreenda que a educação é uma

forma de intervenção na sociedade, a fim de desmascarar a ideologia dominante. Somente quando as massas trabalhadoras percebem-se enquanto classe e percebem também as injustiças do modo de produção do qual fazem parte é que veem que a transformação é possível e necessária. A superação só vem da conscientização da realidade de opressão.

O currículo não é apenas uma lista de conteúdos de determinada disciplina a ser cumprida, em prazos pré-estabelecidos. Ele deve levar em consideração as diversas possibilidades de aprendizagem e a maneira de planejar as atividades, a seleção de conteúdos, os objetivos bem definidos e a metodologia.

O currículo precisa ser revisto, em partes ou no todo, sempre, para que esteja de acordo com a realidade e as necessidades dos alunos. Deve ter como base a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e ser adaptado de acordo com a necessidade de cada escola. Para a sua elaboração, é necessário que os professores leiam, participem de seminários e cursos a fim de que tenham bases suficientes, além do conhecimento que a prática de sala de aula lhes proporciona, para repensar, discutir suas práticas e sugerir novos encaminhamentos.

Além disso, é preciso que os professores estejam envolvidos no processo, tenham conhecimento teórico-pedagógico e que haja vontade política das autoridades competentes. É indiscutível que um bom currículo, bem planejado e efetivado, tem um papel transformador, garante qualidade e identidade ao ensino de uma Escola.

O currículo de uma Escola está incluso em um plano maior, onde estão também explicitados os princípios filosóficos, os objetivos gerais da Escola e dos níveis de ensino, a concepção de Escola, de avaliação, de currículo, de professor, de aluno e outros assuntos os quais a Escola considere pertinentes, tais como inclusão e interdisciplinaridade. Também aparece como se dá a organização dos componentes curriculares naquela instituição, o modo de avaliação e a metodologia de ensino. A esse plano maior chamamos de *projeto político-pedagógico*, assunto que será abordado a seguir.

5.4 Projeto político-pedagógico

A palavra *projeto* é originária do latim *projicere* e significa lançar para frente; política é a ciência de governar, de elaborar diretrizes de ação e *pedagógico* é relativo à ciência da educação, a finalidades e metas da pedagogia. O projeto político-pedagógico é, então, definir o que se quer e planejar, o que e como se pretende alcançar. Esse planejamento evita improvisação e dá segurança na busca dos objetivos almejados.

O Projeto Político-Pedagógico bem elaborado é o que realmente valoriza o processo educativo, que leva em conta a realidade dos seus alunos, que busca unir mais as disciplinas ao invés de fragmentá-las, que distribui o tempo de acordo com a necessidade de cada turma, que busca o trabalho coletivo, o envolvimento de toda a comunidade escolar, que rompe com os paradigmas existentes, que reflete sobre a escola que se tem e a que se quer. Para Vasconcellos (1995, p. 143),

Projeto Pedagógico (...) é um instrumento teórico-metodológico que visa ajudar a enfrentar os desafios do cotidiano da escola só que de uma forma refletida, consciente, sistematizada, orgânica e, o que é essencial, participativa. É uma metodologia de trabalho que possibilita re-significar a ação de todos os agentes da instituição.

Todo projeto pedagógico elaborado em nossas Escolas é também político, pois o político e o pedagógico não são mecanismos dissociados, mas andam juntos. O currículo não é neutro, é intencional e precisa estar de acordo com o contexto social no qual a Escola está inserida, pois ele é determinado culturalmente e situado historicamente.

O projeto busca um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com sentido explícito como um compromisso definido coletivamente. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é, também, um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sociopolítico com os interesses reais e coletivos da população majoritária. É político no sentido de compromisso com a formação do cidadão por um tipo de sociedade. Na dimensão pedagógica reside a possibilidade da efetivação da intencionalidade da escola, que é a formação do cidadão participativo, responsável, compromissado, crítico e criativo. Pedagógico, no sentido de definir as ações educativas e as características necessárias às escolas de cumprirem seus propósitos e sua intencionalidade. (VEIGA, 2004, p. 13)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) defende a flexibilidade do que deve ser ensinado; cada Escola tem autonomia para criar o próprio currículo, baseado na diversidade local onde a Escola está inserida. O Projeto Político-Pedagógico de nossas escolas não é um documento imposto por centros de poder, tais como delegacias e secretarias de educação, mas elaborado pela própria comunidade escolar. Por isso, tem grande valor no contexto educacional e, aproveitando essa autonomia, essa responsabilidade e seu fim emancipatório, não pode ser apenas um documento burocrático para ser entregue à Delegacia de Educação e arquivado, mas um instrumento, elaborado e conhecido por todos da Escola, que norteie as práticas cotidianas escolares para melhores ações, que atendam as necessidades de professores, alunos, pais e funcionários. Isso tudo não é tarefa fácil, como nos mostra Gadotti:

Todo projeto supõe rupturas com o presente e promessas para o futuro. Projetar significa tentar quebrar um estado confortável para arriscar-se, atravessar um período de instabilidade e buscar uma nova estabilidade em função da promessa que cada projeto contém de estado melhor do que o presente. (2001, p. 37)

Escolas que pretendem garantir não só o avanço dos alunos para séries seguintes, mas uma aprendizagem real, veem como indispensável que o Projeto Político-pedagógico seja construído, compartilhado e aceito por toda a comunidade escolar. Para isso, é necessário que os professores tenham um horário para dialogar sobre as concepções de Escola e sociedade, sobre a prática pedagógica, sobre instrumentos que sejam significativos no processo de ensino-aprendizagem dos seus alunos, para que eles tenham capacidade de compreender e agir adequadamente no mundo que nos envolve.

Há de se ter espaço para debate, para a discussão sobre práticas significativas, para novas posturas, para a renovação e superação de problemas. Há de se ter espaço para a construção de uma proposta pedagógica de qualidade, de planejamento, na qual o professor tenha voz, ouça o colega professor, compartilhe experiências e angústias, busque estratégias e metodologias e leia novos autores. Há de se ter espaço para que seja ele também autor, junto com o grupo, com os demais professores que compõem o quadro docente, de propostas que estejam de acordo com as especificidades necessárias ao grupo de alunos que constituem aquela determinada Escola. E, acima de tudo, que se tenha como efetivar tudo o que se planeja.

Reafirmamos, com o projeto “Conhecer, compreender e interagir com o contexto local”, nosso compromisso de propiciar uma educação onde os sujeitos construam valores e conhecimentos para a busca da preservação e soluções aos problemas socioambientais, através do sentido de pertencimento. Tal projeto, no entendimento de sua importância, foi incluído no projeto político-pedagógico da Escola. Ele continua, então, a ser construído, só que em turmas de 1º ano do Ensino Médio e não mais em 3º ano, a fim de se ter mais tempo para dar sequência às atividades relacionadas ao projeto nos anos seguintes.

Para que se tenham projetos bem construídos também precisamos de profissionais bem capacitados, esclarecidos, engajados e dispostos a romper antigos paradigmas e vislumbrar novos e promissores rumos à educação de qualidade. Falaremos, um pouco agora, sobre *o docente e sua prática*.

5.5 O docente e sua prática

Todo o processo de mudanças tem limitações e dificuldades. Isso não é fácil, principalmente para o professor de escola pública. Esse sofre muitos entraves que dificultam a sua prática por falta de políticas públicas que invistam mais na valorização e no desenvolvimento dos professores. Não há, por exemplo, recursos materiais suficientes e adequados para o desenvolvimento de metodologias inovadoras nas escolas. Sendo assim, continuamos muitas vezes só com o que nos resta, quadro e giz. Como não há também recursos humanos suficientes, permanecemos na sala de aula, com sobrecarga de trabalho, sem tempo para reuniões ou para cursos de formação continuada, porque não há professores substitutos, não temos dispensa e nem mesmo redução de carga horária para cursos de qualificação profissional. Essa foi a realidade com que me deparo nas escolas onde atuo. O plano de carreira do Magistério Estadual não prevê um aumento no salário, que é baixo, para quem tem pós-graduação em nível de mestrado, nem muito menos de doutorado. Há uma grande rotatividade do corpo docente que, ficando pouco tempo em uma escola, acaba não se sentindo pertencente àquela comunidade.

Além disso, alguns professores carregam falhas, talvez oriundas de sua formação inicial, impedindo-lhes muitas vezes de serem mais críticos, autônomos e criativos: possuem

visões simplistas e até mesmo equivocadas sobre a realidade. Um professor melhor capacitado para trabalhar em sua área de atuação e detentor de um pensamento complexo terá mais condições de fazer novas relações, construindo alternativas metodológicas e produzindo conhecimentos.

É preciso focar as atenções para a formação, inicial e continuada de professores, o que possibilitará a constituição de profissionais mais críticos e reflexivos, cientes do seu papel frente às questões socioambientais. Mas surge aqui uma outra questão: qual é o espaço que os cursos de licenciatura ocupam na Universidade? Eles são, muitas vezes, discriminados dentro de uma hierarquia que privilegia os cursos que formam profissionais para áreas, historicamente, detentoras de um status na sociedade brasileira, como Medicina, Direito, entre outros.

O professor que está em exercício do magistério, cotidianamente, é capaz de investigar a sua prática e, a partir dessa, construir as suas teorias, o seu conhecimento. Essa autoria, com certeza, propicia resultados mais eficazes e significativos para uma educação de qualidade. Esse professor que se constitui pesquisador no âmbito da escola, problematizaria a sua prática, que seria o seu objeto de estudo, e desenvolveria pesquisas para entender melhor o processo de ensino-aprendizagem, almejando aprimorá-lo.

É importante que o educador faça uma reflexão crítica sobre a sua prática docente, pensando sobre o seu fazer pedagógico, num movimento dinâmico e dialético. O quê, para quê, a quem e como ensinar devem ser perguntas frequentes a todo educador que se pretenda transformador, revolucionário, progressista. E, a partir das respostas, se necessário refazer a sua prática. “Avaliar a prática é analisar o que se faz, comparando os resultados obtidos com as finalidades que procuramos alcançar com a prática.” (FREIRE, 1981, p. 77)

Essa prática precisa estar de acordo com a realidade dos educandos. Importa que sejam respeitados os saberes que os educandos trazem e também que se discuta com eles a razão de ser desses saberes e qual a sua relação com os conteúdos que a Escola legitima como os que devem ser trabalhados na sala de aula. Aprender sobre a realidade não somente para nela nos adaptarmos, mas, sobretudo, para termos condições de nela intervir e transformá-la. Ter, assim, respeito pela identidade cultural dos educandos, “uma identidade cultural que implica respeito

pela linguagem do outro, pela cor do outro, o gênero do outro, a classe do outro, a orientação sexual do outro, a capacidade intelectual do outro.” (FREIRE, 2001, p. 60)

Para renovar a sua prática, o educador precisa começar pela sua mudança de pensamento, como nos traz Morin na sua teoria do *pensamento complexo*, que será discutida nas páginas que seguem.

5.6 O pensamento complexo

Edgar Morin (1993) é um autor que nos traz também a Educação Ambiental Transformadora. Para ele, o principal é proporcionar ao ser humano a globalização do saber e do ser a fim de que possa reintegrar-se no planeta. Diz também que nessa nossa era planetária, vivemos numa incerteza, pois ninguém pode prever o que ocorrerá no dia seguinte. Os problemas ultrapassam o seu próprio contexto, pois fazem parte dos processos mundiais. Há, então, a necessidade da reforma do pensamento, não podemos mais fragmentar conhecimentos, mas sim olharmos o problema a partir da relação entre o todo e as partes. Daí a necessidade de se proporcionar uma educação transdisciplinar e um pensamento complexo para termos cidadãos capazes de compreender os problemas socioambientais no contexto das dinâmicas e complexas relações entre natureza e sociedade.

Não existe uma única forma nem ao menos um modelo único de educação, mas dela ninguém escapa. Na educação escolar, no chamado ensino formal, os indivíduos são submetidos à pedagogia, às teorias da educação, que têm seus métodos para que os objetivos do ensino-aprendizagem sejam satisfatoriamente atingidos. E é nesse processo de ensino-aprendizagem, através da aquisição da cultura e das suas relações com o mundo e com os outros que os seres humanos se humanizam e se historicizam.

O mundo moderno está mudando muito rapidamente e nos trazendo novos desafios a cada instante. Brandão (2005, p. 81) nos fala que

podemos e devemos continuar progredindo e nos desenvolvendo. Mas com uma nova sensibilidade e um novo sentido humano de partilha, de gratuidade, de generosidade, de solidariedade, de cooperação, de participação crítica, e de uma

amorosa co-responsabilidade para com Nós mesmos, para com a Vida e para com o nosso Mundo.

A Escola, é claro, faz parte desse nosso mundo e por isso precisa estar também constantemente repensando a sua prática, para que os indivíduos que nela passam possam estar preparados para as situações imprevisíveis e de contradição que a vida nos apresenta, através de um pensamento complexo para a construção de um conhecimento multidimensional. Segundo Loureiro (2004, p. 12),

pensar de forma complexa implica fazer com que o agir seja consciente, no sentido de se saber qual o terreno em que nos movemos, o alcance de determinada ação, apresentando coerência entre o que se quer, a base teórica da qual se parte, onde se quer chegar e quem se beneficia com o processo. Qual o enquadramento, pano de fundo ou leitura da realidade há.

O que se passa fora dos muros da Escola deve ser discutido, refletido dentro da sala de aula para o que se pensa e aprende dentro da Escola possa interferir na vida fora desta, na sociedade como um todo.

Pelas informações do meio, vamos transformando-nos. Todo ser vivo é sujeito-indivíduo. Brandão (2005, p. 138) diz que se “este ‘ser vivo’ existe (qualquer que seja ele) em qualquer dimensão da existência do que vive e é vivo, então ‘este ser’ é um Sujeito da Vida e participa de todas as teias e redes que geram, fazem interagir e transformam tudo-o-que-existe e o-todo-que-existe.”

Nós, humanos, nos diferenciamos dos demais pela palavra, pela linguagem. Todo ser-sujeito é aberto às novas culturas, às novas ideias, é interessado a desbravar o mundo, a ser mais. E esse é um processo permanente, pois o conhecimento é biodegradável, ele serve no momento, para uma determinada cultura, mas também se desintegra. Vemos, assim, que nada é estático, há uma ordem, uma interação, uma desordem ou reorganização permanente, pois a história é uma possibilidade nunca congelada. Estamos num *continuum*, a cada dia de um jeito, num movimento dinâmico, fazendo conexões a cada momento com a sociedade e com a cultura.

Somos um sistema autônomo, cheio de partes, mas que é, ao mesmo tempo, dependente, pois precisa de outros sistemas para viver, numa auto-eco-integração. Temos a nossa forma de

ser, mas não podemos nos esquecer do outro, do meio exterior, do ambiente que forma a nossa maneira de ser e pensar.

O século XIX, com o advento da técnica e da industrialização, fez com que a ciência se tornasse fragmentada com a sua especialização, com um pensamento linear sobre o conhecimento científico. Devemos atentar para a complexidade da ciência, para as suas possibilidades e também para as suas inúmeras limitações.

Assim, torna-se necessário o diálogo que integre ciência, sociedade, técnica e política. Somos seres complexos, assim como o conhecimento também o é. A complexidade considera e percebe a integração de várias e diferentes influências, ela distingue, mas não separa. Morin (2010, p. 136) diz que

os princípios transdisciplinares fundamentais da ciência, a matematização, a formalização são precisamente os que permitiram desenvolver o enclausuramento disciplinar. Por outras palavras, a unidade foi sempre hiperabstracta, hiperformalizada, e só pode fazer comunicar as diferentes dimensões do real abolindo estas dimensões, isto é, unidimensionando o real.

O currículo que organizamos na Escola é um “todo”, constituído por várias disciplinas que possuem suas características próprias. Cada uma delas possui especificidades que contribuirão para a formação integral do aluno, para o “todo” do indivíduo. O “todo” não é, aqui, a soma das partes, holístico, pois o contato entre elas as modifica, assim como modifica o “todo” igualmente. É preciso que se vejam as qualidades das partes para que, depois do processo de organização, possamos perceber as transformações ocorridas.

Este mesmo currículo escolar deve prever indivíduos mais solidários e mais felizes nas relações interpessoais. A busca desenfreada pelo progresso trouxe muitos benefícios à humanidade, mas também trouxe consigo alguns pontos negativos, como nos mostra Morin (1993, p. 68):

Este desenvolvimento permitiu o desafogo individual, a intimidade no amor e na amizade, a comunicação do teu e do meu, a telecomunicação entre cada um e nós; mas este mesmo desenvolvimento trouxe também a atomização dos indivíduos, que perdem as solidariedades antigas sem adquirirem novas, a não ser anônimas e administrativas.

Edgar Morin nos fala, então, de uma “agonia planetária” pelas incertezas que nos envolvem, seja no presente ou sobre o futuro, bem como a insegurança sobre os perigos aos quais estamos expostos no mundo de hoje, tais como a fome, a poluição, a destruição do planeta, a violência etc. E ainda,

a agonia planetária não é só a soma de conflitos tradicionais de todos contra todos, mais as crises de diversas espécies, mais o surgimento de problemas novos sem solução, é um todo que se nutre desses ingredientes conflituais, de crise e de problemas, englobando-os, ultrapassando-os e, por sua vez, alimentando-os. (MORIN, 1993, p. 80)

A educação escolar pode e deve dar a sua contribuição para superar os reflexos negativos dessa crise, partindo de um currículo que não seja fragmentado, onde haja um diálogo sobre e entre os saberes de cada disciplina que compõe o currículo escolar. Morin (1992, p. 1, 2) nos chama à atenção que

as crianças aprendem a história, a geografia, a química e a física dentro de categorias isoladas, sem saber, ao mesmo tempo, que a história sempre se situa dentro de espaços geográficos e que cada paisagem geográfica é fruto de uma história terrestre; sem saber que a química e a microfísica têm o mesmo objeto, porém, em escalas diferentes. As crianças aprendem a conhecer os objetos isolando-os, quando seria preciso, também, recolocá-los em seu meio ambiente para melhor conhecê-los, sabendo que todo ser vivo só pode ser conhecido na sua relação com o meio que o cerca, onde vai buscar energia e organização.

Há de se ter um currículo onde o aluno perceba que os conteúdos específicos de cada disciplina se complementam e se integram, fazendo parte de um todo, onde os saberes possam dialogar, explicitando a influência de uns com os outros. Para isso, é também necessário que a comunidade escolar esteja disposta a integrar seus esforços. A concepção de educação que se põe efetiva em uma Escola se constitui a partir da concepção de cada segmento que compõe a comunidade escolar, ou seja, não são somente os alunos ou professores, mas estes e também a direção, a supervisão, o orientação, os pais e os funcionários, cada um, muitas vezes com concepções diferentes, mas que compõem um todo, formando as características da educação de determinada Escola.

Grande parte dos educadores de hoje recebeu uma educação que os ensinou a compartimentar, a isolar e não conectar os conhecimentos. É imprescindível, então, que os educadores compreendam a importância dessa teia de relações, essa ligação entre todas as coisas, que não pensem apenas nos conteúdos programáticos determinados para a sua disciplina

específica, mas que eles façam parte de um todo, uno, globalizante e multidimensional, pois, como nos interrogam Morin, Almeida e Carvalho (2007, p. 51), “para que nos serviriam todos os conhecimentos parcelares se não os confrontássemos uns com os outros, a fim de formar uma configuração capaz de responder às nossas expectativas, necessidades e interrogações cognitivas?”

Dessa forma, o educador precisa estar bem preparado, mudar sua mentalidade e postura diante do mundo e do seu fazer pedagógico. Deve ele primeiro compreender essas ligações para que possa proporcionar a seus alunos que também pensem de forma complexa.

Morin nos fala da necessidade da “reforma do pensamento” do professor e acredita na sua capacidade de superação. Ele deve estar em permanente formação, pois o conhecimento, a vida, as necessidades e os interesses dos alunos também estão em constante movimento e mudança, nada disso é estático. “Reaprender é mudar as estruturas do pensamento.” (MORIN, 2008, p. 55) Há, então, a necessidade da formação dos educadores, o educador educar a si, através dos livros e das necessidades dos educandos. Além disso, é necessário entender que

ensinar não é unicamente uma função, uma profissão como qualquer outra, onde se pode distribuir, produzir pedaços de saber: pedaços de Geografia, de História, de Química. Enfim, Platão disse muito bem: para ensinar necessita-se de Eros, que significa amor, prazer, amor pelo conhecimento, amor pelas pessoas. Se não há isso no ensino, na investigação, no conhecimento nenhum resultado é interessante. (MORIN, 2008, p. 59)

O professor, desta maneira, influenciará os seus alunos como também poderá influenciar os seus colegas, o que incidirá na qualidade da educação da Escola em que está inserido. Se um professor falta, é irresponsável ou é relapso em sua prática pedagógica, estará contribuindo com falhas na formação global, integral dos alunos. Se cumprir adequadamente e de forma responsável o seu papel, também contribuirá com o saber e o ser desses indivíduos-sujeitos de forma positiva.

A reforma que se almeja precisa partir dos próprios professores e não somente das direções ou setores administrativos da Escola. Percebendo a importância de um pensamento complexo e conseguindo assim agir, contribuiremos para que o ensino realmente aconteça de forma efetiva, apresentando resultados esperados. Grande parte do problema da educação está em reformar os espíritos e as mentes, reaprender a pensar e não somente em aumentar o

número de professores, de disciplinas ou de informatizar toda a escola. “A própria ideia Reforma poderá reunir espíritos diversos, reanimar espíritos resignados, suscitar proposições.” (MORIN, 2007, p. 75)

A disciplinarização surgiu principalmente com as universidades modernas no século XIX e ampliou-se através do progresso da pesquisa científica no século XX. Morin define “interdisciplinaridade” como disciplinas que dialogam, mas cada uma conservando as suas particularidades. Já a “transdisciplinaridade” vai mais além porque não delimita os campos do saber, não fragmenta nem isola, há sim a busca constante pelas associações entre todo o conhecimento. Diz ele que

devemos “ecologizar” as disciplinas, isto é, levar em conta tudo o que lhe é contextual, aí compreendidas as condições culturais e sociais. É necessário que vejamos em que contexto elas nascem, como colocam seus problemas, como se esclerosam ou se metamorfoseiam. O metadisciplinar – meta significando ultrapassar e conservar – deve levar em conta tudo isso. Não se pode jogar fora o que foi criado pelas disciplinas, não se pode quebrar todas as clausuras. Este é o problema da disciplina, da ciência e da vida: é preciso que uma disciplina seja ao mesmo tempo aberta e fechada. (MORIN, 2007, p. 51)

Refletir-se sobre a importância das relações dos conteúdos das diferentes disciplinas e da importância de determinado conteúdo para a sua aplicação prática na vida, por exemplo, torna-se um imperativo de uma educação transformadora. Assim, estaríamos promovendo sujeitos com uma visão conjunta e ampliada do mundo.

Porém, como não estamos acostumados a perceber o mundo conectado, há, muitas vezes, uma inter ou transdisciplinaridade dentro da instituição Escola, mas não há, na maioria das vezes, dessa com outras instituições. A educação sozinha pode fazer a sua parte, mas não é a única responsável pela vida, pelas relações que se estabelecem dentro da sociedade.

Estamos em uma era onde os problemas são transversais, multidimensionais e planetários, por isso precisamos de uma educação que nos permita articular, reunir, globalizar conhecimentos para que possamos, no mínimo, amenizar esses problemas. Os alunos precisam dar-se conta que os problemas da sua casa são, muitas vezes, reflexos de problemas da comunidade, do bairro, da cidade, do país, do mundo, assim como estes influenciam também os primeiros.

O conhecimento não existe para ser registrado e guardado, mas para ser discutido e criticado por nós, humanos. Por isso, a questão não é o “fazer transdisciplinar”, mas de que maneira se efetivar, que transdisciplinar é necessário fazer?

Interdisciplinaridade, segundo Carvalho (2008, p. 121, 122),

não tem a pretensão de unificar os saberes, mas deseja a abertura de um espaço de mediação entre conhecimentos e articulação de saberes, no qual as disciplinas estejam em situação de coordenação e cooperação, construindo um marco conceitual e metodológico comum para a compreensão de realidades complexas. A meta não é unificar as disciplinas, mas estabelecer conexões entre ela, na construção de novos referenciais conceituais e metodológicos consensuais, promovendo a troca entre os conhecimentos disciplinares e o diálogo dos saberes especializados com os saberes não científicos.

Neste sentido, a autora afirma: “A interdisciplinaridade jamais será uma posição fácil, cômoda ou estável, pois exige nova maneira de conceber o campo da produção de conhecimento buscada no contexto de uma mentalidade disciplinar.” (CARVALHO, 2000, 2008? p. 122)

Morin nos mostra que há três princípios da reaprendizagem pela religação. Primeiro, o circuito recursivo ou autoprodutivo, no qual a causalidade é representada por uma espiral,

nós mesmos somos, aliás, os efeitos e os produtos de um processo de reprodução. Mas somos também seus produtores, porque, se assim não o fosse, o processo não poderia continuar. Além do mais, uma sociedade é o produto das interações entre os indivíduos que a compõem. Desta sociedade emergem qualidades como a língua ou a cultura que retroagem sobre produtos, produzindo indivíduos humanos. (MORIN, 2007, p. 66)

O segundo princípio é a dialógica, que une verdades aparentemente contraditórias. O terceiro, hologramático, que representa que a parte está no todo assim como o todo está nas partes.

Morin nos mostra também que há sete saberes necessários à educação. Ele chama de “núcleos do conhecimento” para a mudança no ensino. Saber o que é o conhecimento e qual é sua importância é o primeiro deles. “O conhecimento é uma tradução seguida de uma reconstrução.” (MORIN, 2007, p. 81) E ainda “é necessário também ensinar que o conhecimento comporta sempre riscos de erros e ilusões, e tentar mostrar quais são suas raízes e causas.” (MORIN, 2007, p. 85)

O segundo é o conhecimento pertinente, não aquele cheio de informações, mas o que “tenta situar as informações num contexto global e, se possível, num contexto geográfico, histórico.” (MORIN, 2007, p. 86, 87) Muitas vezes é trabalhada uma educação sem conexão com a realidade, apenas para atender uma demanda de política pública, sem decodificá-la em seus aspectos ecológicos, históricos, econômicos, éticos e culturais. “O ensino realizado por meio de disciplinas fechadas nelas atrofia a atitude natural do espírito para situar e contextualizar.” (MORIN, 2007, p. 87) Deve-se ensinar, assim, a retroação entre o todo e as partes, levar os alunos a perceber e a fazer as conexões seria a verdadeira aprendizagem.

Saber o que é o ser humano, perceber a nossa natureza humana é também importante. Somos também um todo formado por várias partes: homo sapiens (razão), homo demens (emoção), homo faber (fabricador de instrumentos), homo ludens (lúdico), homo mythologicus (mitologia, sonho) entre outros.

Compreender o ser humano como sujeito e não somente como objeto é também necessário. Nós tendemos a simplificar o outro ao que ele tem de pior, pois, muitas vezes não o compreendemos na sua totalidade. Para isso, é necessário que compreendamos a nós mesmos. Diz Morin (2007, p. 95) que “o ensino da compreensão é crucial, se estivermos de acordo sobre a ideia de que o mundo e que o progresso humano, por menor que seja, não pode ser imaginado sem o progresso da compreensão.”

É também importante aprendermos a enfrentar a incerteza, através da consciência do risco e do acaso e de estratégias, ou seja, demonstrar a capacidade de transformar o comportamento através das informações e dos conhecimentos novos que o desenvolvimento da ação nos proporciona.

Outro núcleo do conhecimento seria não ter do mundo uma visão abstrata ou só de uma parte, precisamos perceber que há também fatores demográficos, econômicos e morais, por exemplo. Precisamos ter uma visão ampla do meio ambiente e de sua historicidade para que não nos guiemos por fundamentos ingênuos e distanciados da realidade social.

E ainda há a antropológica, ou seja, a ética humana, tanto no desenvolvimento de nossa individualidade como do nosso ser social.

Tendo, então, todos esses saberes e conseguindo proporcionar aos alunos esse pensamento complexo, através de currículos e projetos político-pedagógicos que ofereçam a inter e transdisciplinaridade, teríamos um grande avanço na educação, pois formaríamos seres humanos que compreenderiam melhor o mundo em todas as suas relações, pois, como nos mostram Tavares, Brandão e Schmidt (2009, p. 180),

quando se fala de complexidade, o termo diversidade emerge naturalmente. Aceitar a condição de ser/estar num mundo complexo implica ultrapassarmos as barreiras sociais que muitas vezes impedem a aceitação das diferenças inerentes à condição da multiplicidade de formas e vidas que povoam o planeta. É nesse contexto, múltiplo e diverso, que o paradigma da complexidade interage com a perspectiva da Educação Ambiental (EA), na busca por um entendimento mais sensível e amplo das relações ambientais, propiciando assim a superação da cosmovisão antropocêntrica e a necessária transformação nos pensamentos e ações.

Vimos até aqui a base teórica e epistemológica dessa pesquisa. Mas, a fim de propiciar validade e confiabilidade para aprofundarmos a compreensão do que se investigou, além da imersão e impregnação dos dados, a pesquisa necessitou de uma *metodologia*, que será descrita adiante.

6 O PERCURSO METODOLÓGICO

Essa é uma pesquisa de cunho qualitativo, pois apresenta características de dinamicidade em relação à captação de informações, não objetivando a quantificação de resultados, nem generalizações. Quanto à metodologia, o pesquisador (...) pode também optar pelo processo dedutivo “que vai das teorias às informações” ou pelo processo indutivo que “encaminha-se no sentido oposto.” (MORAES & GALIAZZI, 2007, p. 65) Optamos nesta pesquisa pelo último referente.

O período inicial deste trabalho foi o do planejamento: foi feita uma intensa revisão da literatura sobre temas e autores voltados à temática da pesquisa e também uma leitura do projeto “Conhecer, compreender e interagir com o contexto local”, pois é imprescindível uma profunda impregnação no corpus de análise para que se atinjam novas compreensões do fenômeno.

Após, foi realizada a exploração do material selecionado para a análise dos dados: um vídeo produzido durante as expedições de estudos e também uma avaliação sobre o Projeto “Conhecer, compreender e interagir com o contexto local” escrita por quinze alunos e pela orientadora educacional, participantes do Projeto, e uma mãe de aluno e dois funcionários da Escola, colaboradores dessa pesquisa. Com esses últimos, a finalidade de obter suas impressões sobre o Projeto foi a de perceber algum reflexo deste trabalho na família e na conservação do ambiente escolar, além da opinião dessas pessoas que fazem também parte da comunidade escolar. Outros profissionais da Escola também foram solicitados a escrever uma avaliação, mas não obtivemos retorno.

Foi feita a transcrição de todo o vídeo. Os colaboradores da pesquisa foram identificados por números, tendo em vista que o pesquisador precisa criar um sistema de códigos alfabético, numérico ou com ambos a fim de “identificar seus textos originais, suas unidades de significado, assim como outros elementos que fazem parte da análise.” (MORAES & GALIAZZI, 2007, p. 49, 50).

Como aqui trabalhamos com a perspectiva de *comunidade de aprendizagem*, entendemos que todo o conhecimento, tanto aquele produzido pelos professores como pelo restante do grupo apresentam igual importância, não havendo, então, distinção entre as pessoas. Portanto, a numeração segue a sequência lógica em que os colaboradores da pesquisa se expressam nas cenas do vídeo.

O vídeo, mesmo sendo produzido por quem não possui domínio técnico do equipamento e nem de uma performance requerida por profissionais, como posicionar-se e falar frente às câmeras, foi uma ferramenta importante para a pesquisa porque possibilitou gravarmos a imagem e a palavra falada. A imagem não é estática como uma foto, ela é movimento e, por isso, permite captar aspectos visuais que ultrapassam a capacidade de representação da foto e da escrita. No vídeo, conseguimos perceber a expressão fisionômica e o tom enfático da voz. E ainda outro fator importante que o vídeo nos traz é a decupagem, ou seja, a seleção das cenas para a organização final do vídeo. Isso nos ajudou a compreender com maior clareza o que foi filmado.

Aqueles alunos colaboradores que realizaram a avaliação por escrito foram identificados por letras. Assim, foi possível diferenciar a fonte do depoimento (vídeo identificado por números e texto escrito, por letras). A orientadora educacional, a mãe de aluno e dois funcionários da limpeza da escola foram identificados por sua função para que se possam perceber os resultados nos papéis predominantes que eles exercem na comunidade escolar. As falas de todos os colaboradores da pesquisa estão em itálico para diferenciar das citações dos teóricos escolhidos para o diálogo com o campo empírico.

Os textos que serviram, então, de corpus desta pesquisa foram analisados com base no processo de Análise Textual Discursiva que

tem fundamentos na fenomenologia e na hermenêutica. Valoriza os sujeitos em seus modos de expressão dos fenômenos. Centra sua procura em redes coletivas de significados construídos subjetivamente, os quais o pesquisador se desafia a compreender, descrever, interpretar. São processos hermenêuticos. (MORAES & GALIAZZI, 2007, p. 169)

A Análise Textual Discursiva (ATD) é um processo qualitativo de interpretação com caráter hermenêutico. Sua intenção é compreender o que se investiga e reconstruir conhecimentos que já existem a respeito do tema de pesquisa. Como diz Galiazzi & Moraes

(2007, p. 07), “a análise textual discursiva corresponde a uma metodologia de análise de dados e informações de natureza qualitativa com a finalidade de produzir novas compreensões sobre os fenômenos e discursos.”

A partir da imersão e impregnação dos dados da pesquisa, foram retirados fragmentos dos textos do corpus de análise e agrupados pelo critério semântico, onde o “foco é o sentido, os significados atribuídos aos significantes dentro do discurso.” (MORAES & GALIAZZI, 2007, p. 60) Em uma etapa inicial, o texto foi separado levando-se em consideração as localidades rurais estudadas: Quinta, Taim, Ilha dos Marinheiros etc. No entanto, sendo tais locais geograficamente próximos, possuem características muito semelhantes. Nesse sentido, foram formados conjuntos que possuíam elementos próximos. A partir desta etapa da análise, emergiram as categorias emergentes: aspectos culturais, visões de mundo, crenças e valores, aspectos naturais e transformações históricas. Tais categorias estavam em acordo com os objetivos dessa pesquisa. Como participei do Projeto “Conhecer, compreender e interagir com o contexto local” já possuía uma visão holística do trabalho que foi realizado, objetivando com esta pesquisa esmiuçá-la e aprofundá-la sob a perspectiva da Educação Ambiental.

Assim como Moraes e Galiuzzi, ao “mergulhar” intensamente no texto, estive atenta ao fato de que não existe uma única e objetiva leitura dos textos, mas múltiplas interpretações. Sendo esta uma pesquisa fenomenológica, busquei valorizar a perspectiva do outro, dos colaboradores da pesquisa e não a minha. Inclusive, no processo de análise, pude constatar que uma mesma unidade pode integrar diferentes categorias. Como exemplo, o fragmento a seguir, que está incluído na categoria “visão de mundo, crenças e valores”, também mostra o cuidado com os “aspectos naturais” (produção de frutas sem produtos químicos, adubo orgânico) e as “transformações históricas” (antigamente produzia algumas frutas que não são mais cultivadas hoje na Ilha):

O que nós queríamos, eu sempre coloquei com o pessoal do Nema, que nos assessora, que nossa uva é sem produtos químicos, aqui nunca levou adubação, nunca levou tratamento químico nenhum, é cem por cento ecológica. O que se usa de defensivos é a calda bordalesa, que são produtos naturais, adubação é esterco de peru, então, é capinada a terra, colocada, empalhada com macega assim, que isso já serve como adubação orgânica. Então, é algo a mais ainda, e depois disso já tá vindo outros produtores, a gente já fez muda aí pra outros colegas. E é um dos nossos objetivos é isso, mostrar que é possível colher uva novamente, e atrás da uva espero que venha outras frutas, porque a ilha produzia pêssego, produzia ameixa,

produzia pêra, por que que hoje não produz? Eu acho que tem que buscar, e acho que vale a pena. (colaborador 9)

Sempre que nos comunicamos, mostramos nossas visões de mundo e as teorias nas quais as embasamos, pois nos constituímos na linguagem. A teoria trazida por autores como Carvalho, Brandão, Boff, Morin, Freire e outros foram importantes na interpretação e escrita dos metatextos das categorias que emergiram no *corpus* de análise.

A categorização toma o rumo a partir dos pressupostos escolhidos pelo pesquisador, pois “na análise textual discursiva corresponde a uma organização, ordenamento e agrupamento de conjuntos de unidades, sempre no sentido de conseguir expressar novas compreensões dos fenômenos investigados.” (MORAES & GALIAZZI, 2007, p. 74)

Após o processo de análise, os resultados deste estudo foram apresentados à professora coordenadora do Projeto “Conhecer, compreender e interagir com o contexto local”, propiciando que ela confrontasse os dados, no sentido de alterar ou trazer novas contribuições ao trabalho. Tal professora escreveu, então,

Li e gostei muito. Escreves muito bem e numa linguagem clara tratas dos valores a serem destacados quando trabalhamos com pessoas, esclareces o que é currículo, a importância da formação e conhecimento do Plano político-pedagógico e o diálogo que se faz necessário na construção coletiva numa comunidade escolar aprendente. É muito bom ouvir ou perceber o nosso trabalho com outros olhares. Teu relato me fez refletir sobre minha prática com este projeto. E penso que seria muito bom para outros professores refletirem sobre atividades desenvolvidas num coletivo.

Como essa é uma pesquisa qualitativa, não se pretendeu comprovar ou refutar hipóteses, mas aprofundar a compreensão do que nos propomos a investigar, como será mostrado nos próximos capítulos.

7 O PITORESCO CENÁRIO DA PESQUISA – A VILA DA QUINTA E SEUS ARREDORES – LUGARES DE VIDA E DE APRENDIZADO

“Aqui onde eu vivo’ é uma parte do Mundo e da Vida, integrado a todos os outros, agindo ‘aqui’ em nome da qualidade de vida e do meio ambiente, eu estou integrando a minha contribuição ao que milhares e milhares de outras mulheres e outros homens estão realizando em todo o Mundo. Somos uma teia sem fim, mesmo que eu não conheça ninguém dela além das pessoas de ‘meu grupo’, na ‘minha cidade’”.

(BRANDÃO, 2005, p. 103)

O estudo da localidade tem um relevante papel na compreensão das relações local-global, contribuindo assim com o respeito e com a valorização dos múltiplos e variados mundos que compõem a nossa sociedade. Brandão (2005, p. 62), comenta que

ali estão os espaços e lugares em que eu me movo todos os dias. Em que eu me movimento da manhã à noite e de segunda a domingo, quando estou vivendo os momentos que dão vida aos meus dias.

Possibilita, então, o (re)conhecimento do lugar e, partindo desse, reflexões sobre as relações societárias e suas consequências para a qualidade de vida. O estudo do meio não pode ser feito através de fatos isolados e imutáveis, mas como um todo dialético. Também sabemos que não poderemos abarcar todos os aspectos da realidade, com suas infinitas nuances, pois a história vai se construindo dia-a-dia. Porém, “a formação do indivíduo só faz sentido se pensada em relação com o mundo em que ele vive e pelo qual é responsável.” (CARVALHO, 2008, p. 156)

Toda a região do Povo Novo, Taim e Ilha dos Marinheiros está relacionada à vinda dos imigrantes europeus que aqui se firmaram, iniciando um povoamento e tomando posse do território sul.

Nas expedições de estudo do nosso projeto “Conhecer, compreender e interagir com o contexto local”, foi possível observar diversos aspectos que caracterizam as localidades percorridas: Vila da Quinta, Ilha dos Marinheiros, Taim, Palma, Quitéria, Domingos Petrolina e Povo Novo. Os aspectos peculiares de cada local serão relatados a partir de fontes

históricas e permeados pela expressão oral dos alunos que participaram das expedições de estudos.

7.1 Vila da Quinta

A Vila da Quinta é onde está a Escola Estadual Lilia Neves; é o quinto distrito do município do Rio Grande, RS, a 20 km do centro da cidade. Tal vilarejo surgiu com a criação da Estrada de Ferro Rio Grande – Bagé. Seu nome, oficializado em 1938, teve origem no parque residencial de propriedade de Otaviano Guilherme Molina, que possuía uma grande e bem cuidada quinta de árvores frutíferas.

Segundo conta a tradição oral, a origem do nome Quinta era de uma enorme quinta de árvores frutíferas de uma residência que existiu na saída para a região do Taim, residência cujo seu proprietário era o Capitão Mor, por este motivo a região era conhecida como Quinta do Capitão Mor. Mas em 31 de dezembro de 1909, o intendente Trajano Lopes criou o quinto distrito com o nome de Júlio de Castilhos, oficialmente este era seu nome, mas continuou conhecida como Quinta.

Vinte e nove anos depois, torna-se oficial o nome de Vila da Quinta. (colaborador 1)

Mais tarde, a propriedade foi vendida ao poder público do município. Pela Lei Municipal 4116/86, Art. 19, a Vila da Quinta é considerada um Núcleo Autônomo, ou seja, aglomerado urbano no meio rural. O Núcleo Autônomo da Vila da Quinta é constituído dos loteamentos Vila Nova da Quinta, Vila Germano Troca, Vila Abel Cravo, Vila Quintinha, Vila Santo Antônio, Sítio Santa Cruz, Vila Miguel Gonzalez, Corredor dos Pinheiros e Jardim do Engenho. (Fonte: Arquivo da Escola Estadual Lilia Neves)

Na expedição de estudos na Vila da Quinta, os alunos nos contaram sobre os aspectos geográficos, culturais e sociais, tais como a Igreja Nossa Senhora da Penha (FIG. 4), o Esporte Clube Nacional, a primeira escola que era agrícola até tornar-se do governo, os bailes de gala que aconteciam na Sociedade de Instrução e Recreio da Quinta – SIRQ (FIG. 6), lugar onde os negros não podiam frequentar e que fazem parte da Vila da Quinta a Quintinha, o Sítio Santa Cruz e o Corredor dos Pinheiros. Ficamos sabendo também sobre a fundação da Estação Ferroviária (FIG. 8) e sobre o Posto de Saúde (FIG. 7), sempre fazendo um

comparativo de como vivia o povo daquela localidade na época de sua fundação e como vive hoje.



FIGURA 4 - Igreja Nossa Senhora da Penha



FIGURA 5 - Salão Paroquial – Vila da Quinta



FIGURA 6 - Sociedade de Instrução e Recreio da Quinta



FIGURA 7 - Posto de saúde da Vila da Quinta



FIGURA 8 - Estação Ferroviária da Vila da Quinta



FIGURA 9 - Trilhos na Vila da Quinta

7.2 Ilha dos Marinheiros

Essa é a ponte de entrada para a Ilha dos Marinheiros.



FIGURA 10 - Ponte de acesso à Ilha dos Marinheiros



FIGURA 11 - Vista da ponte

A Ilha dos Marinheiros situa-se no sul da Lagoa dos Patos, é a maior ilha dessa região, com uma área total de 39,28 km². Seus primeiros habitantes foram os índios Charruas, Minuanos e Guaranis. Depois foi colonizada pelos portugueses, que passaram a seus descendentes valores e costumes cultivados até hoje. Já foi o principal centro agrícola do

município, cultivando frutas, verduras, legumes e flores, além da produção de vinho e jurupiga.

Grande parte da expedição de estudos ficou por conta dessa ilha, que é a mais importante da região e é dividida em quatro localidades: Marambaia, Coreia, Bandeirinhas e Porto Rei. Seu nome se deve aos marinheiros que ali aportavam para extrair madeira, como podemos observar no depoimento de um aluno:

A maior ilha ganhou o nome de Ilha do Marinheiro, em referência aos que primeiro nela aportaram, com o propósito de conseguir madeira para as fortificações. Os homens de Silva Paes deram início à construção das fortificações, e conduzidos por Cristóvão Pereira executaram a derrubada das árvores na ilha. (colaborador 4)

Tal como apareceu no mapa de 1737, o nome da ilha permaneceu por pouco tempo, todos passaram a apresentá-la no plural, provavelmente porque outros marinheiros tenham também vindo radicar-se na ilha, a fim de nas horas de folga produzir alimentos, que eram escassos no continente. A ilha passou a ser, então, Ilha dos Marinheiros. (colaborador 4)

Chegou a ter 9800 habitantes e, hoje, conta apenas com 1200, devido à falta de condições de trabalho. É uma comunidade bastante católica e tem três capelas: Nossa Senhora da Saúde, de 1928, São João Batista e Santa Cruz, de 1935. Conhecemos os centros esportivos Estádio Marinheirão e Esporte Clube Libertadores, fundado em 8 de julho de 1933, onde acontecem também bailes nos seus salões sociais.

Na Escola Casa Grande, localizada na Coreia e com 55 anos de existência, ouvimos o depoimento da única professora, que atende todas as turmas das séries iniciais em apenas uma sala de aula.

Ela nos contou sobre a vida naquela localidade, pontos positivos e negativos. Disse que seus alunos são, na maioria, filhos de pescadores, profissão atualmente bastante difícil, devido à poluição, ao uso de redes de pesca indevidas e ao clima que está bastante modificado. Comentou também sobre a Noite dos Santos Reis, tradição daquele local, na qual um grupo de ilheus visita as residências cantando músicas religiosas, com seus instrumentos musicais enfeitados com fitas.

A residência que recebe o terno oferece doces e licores. O estandarte é levado pela dona de casa em todas as peças da casa para receber a proteção dos santos reis. (colaborador 5)

Também fazem parte da cultura da Ilha dos Marinheiros algumas festas, tais como as de Nossa Senhora da Saúde, de Santa Cruz e de São João, que iniciam pela manhã com hasteamento de bandeiras, mostrando o respeito e o sentimento de pertencimento da comunidade à pátria, após missa festiva, almoço, apresentação de bandas, procissão e termina com um baile ao anoitecer.

Bastante aprendemos com depoimentos de vários moradores que conosco conversaram. Falaram da dificuldade de comercializar os produtos por eles cultivados, tais como alface, beterraba, tomate e tempero verde. Já um proprietário de uma grande plantação de parreiras para a produção de suco, de vinho, de geleia e da tradicional Jurupiga relatou-nos que aprendera com os avós o cultivo das uvas e que, com a ajuda da família, tem conseguido excelentes resultados, tanto na colheita quanto nas vendas de seus produtos. Brandão (2005, p. 52) salienta que

este sentimento de pertencer a comunidades sociais de vida e de destino pode estender-se das “pessoas da minha família” a “todas as pessoas da minha religião” e, mais além, pode ir até “todas as pessoas do mesmo Planeta Terra, com quem reparto a inevitável aventura da Vida”. E aí eu posso dizer então que me sinto parte de uma imensa comunidade planetária. E posso até mesmo dizer, junto com outras tantas pessoas, que a Terra inteira é minha casa e que todo o Universo é minha Pátria.

7.3 Taim

A Estação Ecológica do Taim é um local de proteção às inúmeras espécies de animais migratórios vindos da Patagônia. Compreende uma área de 32.038ha, sendo partes do município de Santa Vitória do Palmar e Rio Grande, entre a Lagoa Mirim e o Oceano Atlântico. Quanto à origem do nome,

muitas são as lendas. (...) Os indígenas, primeiros habitantes da região, seriam os responsáveis pela sua denominação, uma homenagem à deusa Itai ou a um arroio de águas verdes que deságua na Lagoa Mirim. Mas há quem diga que a denominação do nome Taim é por causa da Tarã, que produz o som “tarim” pelo banhado. (colaborador 27)

Já quanto à Capilha

era chamada pelos espanhóis de Saco da Capilha, referindo-se à capela. Pertencente ao quarto distrito da cidade de Rio Grande, a Capilha está localizada às margens da Lagoa Mirim, e vem mantendo constante o número de seus moradores e a procura de visitantes no verão. (colaborador 27)



FIGURA 12 - Capilha

A visita ao Museu da Estação Ecológica do Taim, sob a orientação dos professores, teve por objetivo mostrar a diversidade que o meio ambiente nos fornece e que na visita a campo dificilmente, em pouco tempo, conseguiríamos apreciar. Tal visita nos proporcionou a oportunidade de discutirmos as relações que o homem estabelece com a natureza.

7.4 Quitéria

Quitéria é uma comunidade pequena com nove quilômetros de extensão e poucos habitantes. Seu nome originou-se com a primeira moradora dessa localidade: uma portuguesa chamada Quitéria.

Lá visitamos a Capela de Santa Luzia, onde ocorre também a Festa de Santa Luzia e ouvimos de alguns alunos que ali residem e de outros residentes a sua história. Seus moradores vivem da pesca, da pecuária, da agricultura e da confecção de réstias de cebola e de alho. Prestigiamos um cantor da comunidade que em uma de suas composições nos conta a história da Lagoa do Jacaré, localizada ali, e, em outra, nos convoca a pensarmos sobre o aquecimento global, mostrando-nos o quanto aquela comunidade possui uma ligação muito

forte com a preservação da natureza daquele ambiente e com a cultura local. Brandão (2005, p. 34) reforça que

quando o ser humano se alia à natureza e busca comunicar-se com ela de modo a interagir com o mundo em que vive sem o desejo de apropriar-se, de dominar ou de destruir, ele cria as condições de uma relação harmoniosa entre a sociedade e a natureza, entre a cultura e o ambiente.

7.5 Domingos Petroline

Em Domingos Petroline, uma professora moradora daquela região nos contou uma história que mostra a consciência de classe do povo que ali reside. Aquele lugar chamava-se primeiramente Plínio Monte, nome do dono daquelas terras.

Os moradores daquela época, da Quinta, do Povo Novo e da vizinhança diziam assim: “Vamos passear lá em Plínio Monte, vamos nas carrera em Plínio Monte, vamos a um baile no Plínio Monte”. Por isso é que ficou Plínio Monte, né, mas os moradores não queriam, não queriam que fosse Plínio Monte o nome, porque dizem que eles foram muito ruins para os escravos... (colaborador 7)

Porém, por ser ele e sua esposa pessoas que maltratavam muito os escravos, os moradores resolveram mudar o nome para Domingos Petroline: um trabalhador da linha férrea, que faleceu atropelado por um trem.

Durante a construção da linha férrea, o trem passou por cima do operário Domingos Petroline, por esse e outros motivos, os operários e o povo do lugar trocaram o nome do povoado de Domingos Petroline em homenagem ao operário, já que não queriam que fosse Plínio Monte. (colaborador 7)

Também conhecemos e ouvimos a história da Igreja Nossa Senhora das Graças e da Escola Pedro Bertoni.

Aí, então, a escola... a escola foi fundada em 1942, no Salão da Nóca, que era salão de baile. Antes de ser o salão de baile, foi o colégio, muito antigo que ainda tem lá o salão. Depois nós vamos passar ali perto. Anos mais tarde, um médico muito humanitário, morador do lugar, doutor Pedro Francisco Bertoni, mandou construir uma pequena escola próximo aos trilhos da viação férrea... mandou construir. Anos mais tarde a população deu o nome à escola de Pedro Francisco Bertoni, por ter sido o médico que prestou um grande serviço à localidade, sem visar em momento algum bens materiais. (colaborador 7)

7.6 Palma

Um funcionário da CORSAN nos mostrou o canal (FIG. 13) da Palma e explicou-nos por que foi construído ali e por onde percorre.

Bom, o canal foi escolhido... você quer saber por que foi escolhido na Palma, o canal ser construído aqui nesse local. O canal foi construído depois de um estudo, levantamento, foi encontrado talvez o ponto mais alto do município, é ali na ponte onde passa sobre a estrada da... passa a estrada da Palma. Aquele é o ponto mais alto da, do município, considerado dessa área do município. Então a água, como é o ponto mais alto, a água vem, vem bombada,, dez metros de altura, primeiro tombo na costa da lomba, segundo tombo com dezoito, e o ter... aí ela sobe e cai com gravidade, aí ta no ponto máximo de altura. E ela vai até o... onde ta o viaduto do Cassino, ali tem uma estação de tratamento, ali é tratada e distribuída pra toda a cidade. (colaborador 22)



FIGURA 13 - Canal da Corsan – Palma.
Fonte: Acervo da professora Maria Ângela Teixeira

Também visitamos uma leitaria e vimos como é feita a ordenha de vinte e oito vacas, com um total de 500 litros por dia.

Gostaria saber como é que funciona aqui, o sistema aqui da leitaria aqui. (colaborador 24)

Vem cá que eu te mostro. Aqui as vaquinhas entram por aqui, né. Entram por aqui, ficam quatro vacas de cada lado, depois a gente ordenha quatro aqui, quando termina essas aqui, passa pra ali, pro outro lado. É. Depois elas vão pra sala de alimentação. (colaborador 25)

Ah tá, e quantos litros de leite vocês tiram aqui? (colaborador 24)

Por dia, na faixa de quinhentos litros. (colaborador 25)

E, esse leite é transportado pra Pelotas, pra firma lá do... (colaborador 24)

Pra Elegê. (colaborador 25)

Vimos também que, onde antigamente era uma granja de arroz, hoje é uma empresa, com 200 ha de mata plantada para extração de madeira.

7.7 Povo Novo

No Povo Novo, distrito mais antigo de Rio Grande, observamos a linha férrea inaugurada em 1844 e alguns prédios históricos, com até 124 anos de existência. Conhecemos também as histórias reais de vida de alguns moradores locais.

Mais eram passageiros. Era bom, passava o trem, ..., meio que da, ali onde tá aquele pau lá cravado, desembarcava 60 tambor de leite pro Rio Grande... às sete e meia da manhã. Eu trabalhei aqui de seis anos a dez, depois eu trabalhei numa leitaria lá pra baixo, cinco anos. Aí não tinha um pé de árvore aqui atrás, tudo limpinho, era só aquele pátio de futebol ali, minha mãe morava atrás daquelas taquara lá num chalé. ... deixa o cavalo e ia a pé vê a casa dela, seguida chegava ali de manhã, né. Depois eu fui pra... trabalhei aqui no curtume ..., depois fui pro mar, tirei dezoito ano no mar, é... pescando, por esse... na lagoa aqui... dos patos. (colaborador 19)

Aí depois o senhor sentiu saudade e voltou? (colaborador 20)

Ah, depois de quarenta anos, eu nem imaginava de mora aqui né, foi um rapaz que é, ele é... filho do falecido... agora como é o nome dele...o... pai dele, eu me perco pelo nome, aí, era da igreja também né, ... porque não arruma isso pra mora aqui?”, tava abandonado aí, né. E eu digo: “Vamos ver se arrumamos” Ai eu fui ... fiz um contrato, e do contrato fiquei e fui ficando. (colaborador 19)

Esses são os ambientes que nos motivaram, onde nossos alunos constroem suas vidas a cada dia, onde residem com suas famílias e, na sua maioria, também trabalham, onde constroem suas relações (na família, na vizinhança, no trabalho), pois

a própria cidade em que vivemos e que (por maior que seja) não é nada mais do que a reunião de todas e todos nós, os seus habitantes, os seus moradores, os cidadãos, pode ser também considerada como uma ampla comunidade educativa. Como um entre outros lugares de mútuas trocas de vivências e de saberes entre pessoas cuidadas. (BRANDÃO, 2005, p. 75)

E nessas interações vão perpetuando em parte a cultura do lugar e também construindo uma nova história, com uma nova cultura. Como nos diz Brandão (2005, p. 62), “ali estão os espaços e lugares em que me movo todos os dias. Em que eu me movimento da

manhã à noite e de segunda a domingo, quando estou vivendo os momentos que dão vida aos meus dias.” E ainda

poderíamos dizer que o ambiente que nos cerca está sendo constantemente lido e relido por nós. Essa leitura é determinada em grande parte pelas condições históricas e culturais, ou seja, pelo contexto, que vai situar o sujeito e ao mesmo tempo disponibilizar sentidos para que a leitura se torne possível e plausível. Se examinarmos atentamente, constataremos que lemos e interpretamos o mundo e a nós mesmos todo o tempo, seja quando observamos nosso entorno já conhecido, seja quando deparamos com uma nova paisagem, seja ainda quando algo se altera em nosso ambiente. (CARVALHO, 2008, p. 75, 76)

Precisamos conhecer o lugar onde vivemos. Somente com esse conhecimento, nos tornamos responsáveis pelo lugar e, em consequência, engendramos processos de construção de um ambiente sustentável, com qualidade de vida. Brandão (2005, p. 99) salienta que

podemos nos sentir co-responsáveis pela qualidade *de* vida e pela qualidade *da* Vida em todo o nosso bairro, em nossa cidade, em nosso município. Como? Saindo de uma atitude passiva e “representada” (“os nossos políticos que façam a parte deles, enquanto nós fazemos a nossa”). Como? Procurando saber e conhecer a fundo o que se passa “no lugar onde vivemos”.

No projeto “Conhecer, compreender e interagir com o contexto local”,

não pensamos em uma adesão afetiva e sentimental ao “meu lugar querido onde eu vivo”, embora isto seja também importante. O *enraizamento* em que pensamos é outro. É uma adesão ao nosso lugar de vida através da sensibilidade e da consciência de que ele não é apenas o lugar passivo onde nós moramos e vivemos nossas vidas, mas é o lugar *ativo* que nós criamos e recriamos para morar e viver nele. (BRANDÃO, 2005, p. 106)

8 (RE)DESCOBRINDO O CONTEXTO SOCIOAMBIENTAL: A ESCOLA COMO MEDIADORA DO DESPERTAR DO PERTENCIMENTO

Sá (2005, p. 249) comenta, a respeito do pertencimento social, que

desde o início do século passado, Tonnies e Weber teorizaram sobre o fundamento da comunidade em laços pessoais de reconhecimento mútuo e no sentimento de adesão a princípios e visões de mundo comuns, que fazem com que as pessoas se sintam participantes de um espaço-tempo (origem e território) comum.

E essa é uma das missões da Escola: proporcionar a recriação de vínculos de pertencimento dos indivíduos, a fim de que se percebam parte de uma comunidade e reconstruam a sua identidade com a região em que vivem. Quando se sentem pertencentes a um território, passam a se sentir responsáveis pelas questões socioambientais, suas potencialidades e seus limites. Conhecendo, compreendendo o seu próprio meio, também tenderão a conservar toda a diversidade natural e cultural da sua localidade.

E esse sentimento de pertencimento deve estar presente nos diálogos que permeiam os espaços escolares, para que se atinja a valorização e o cuidado do ambiente no qual vivemos. Boff (1999, p. 33) diz que “cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, de preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.”

Muito ouvimos, observamos e aprendemos nesses lugares, onde nossos alunos e suas famílias moram, trabalham, vivem e convivem e nossa Escola funciona. Não que se deva ficar aprisionado ao ambiente do aluno somente, mas a partir da realidade local, que o aluno vive e conhece, fazer relações com outras localidades e processos históricos mais amplos, como diz James Hillman *apud* Duarte Jr. (2006, p. 82),

temos memórias emotivas em nossas cidades através de parques históricos, estátuas de personalidades, memoriais de guerra, a tradição dos fundadores. As cidades antigas foram originalmente construídas sobre o túmulo ou a sepultura do fundador da família, do clã ou da cidade. E assim encontramos as memórias de heróis locais nos nomes dos lugares, que são tributo às emoções que aconteceram no passado e sobre as quais foi fundada a cidade. A cidade, então, é uma história que se conta para nós à medida que caminhamos por ela. Significa alguma coisa, ela ecoa com a profundidade do passado.

Os relatos orais foram uma riquíssima fonte para entendermos o contexto histórico do passado daquela região, pois propiciaram uma aproximação maior com a realidade do que a leitura de textos que trouxessem as mesmas informações, tornando assim o trabalho muito mais atraente. Na opinião de um aluno participante do projeto,

a viagem que nós fizemos para conhecer as localidades foi muito boa porque assim nós pudemos ver a verdadeira maneira que eles vivem e também conhecer a biodiversidade de animais que vivem naquela região, tanto no Taim quanto na Palma. Nós conhecemos também as histórias que existem naqueles lugares, descobrimos por que o nome da região é aquele e também a maneira que cada região tem de trabalhar. Não ficou tão cansativo quanto ter aula só na sala e então os alunos ficaram mais interessados para aprender. (aluno R.)

Pudemos, inclusive, fazer várias intervenções nas falas, indagando e instigando a memória dos moradores. Claro que o relato de uma pessoa é uma leitura particular do que ela viveu. Duas pessoas podem fazer, inclusive, relatos completamente diferentes de um mesmo fato, cada qual com a sua visão de mundo. Por isso, devemos também escutar os fatos que nos são contados com ouvidos críticos.

Outro ponto importante a destacar é que, sendo os próprios jovens alunos a explicar-nos a vida em cada localidade, na maior parte do tempo, torna a comunicação de fácil compreensão aos receptores da mensagem, ou seja, ao restante da turma de jovens alunos, por empregarem uma linguagem no mesmo nível da dos colegas. Porém, com certeza, a conversa entre as gerações, no qual as pessoas mais experientes expõem aos adolescentes os seus conhecimentos, a sua visão de mundo também contribui bastante.

Ouvir a memória de pessoas mais velhas nos traz também de volta o papel dos idosos nas sociedades antigas: relatar a tradição de uma determinada comunidade. Estamos, aqui, ensinando nossos jovens a valorizar e a respeitar os mais velhos, a ouvir e a dialogar sobre as culturas de outras épocas, para que possam conhecê-las e compará-las com as atuais.

A paisagem (FIG.14 e 15) mostrou-se também como outro ponto importante, pois foi, durante todo o percurso, observada, comentada e discutida, porque é um espaço repleto de significados. Assim, as expedições não foram um mero repassar de informações, mas uma possibilidade de tornar nossos alunos mais conscientes sobre a nossa identidade social, mais cidadãos, como diria Brandão (2005, p. 75): “cidadão significa algo mais do que apenas ‘o

morador'. Ele é aquele que mora vive em uma cidade, um município. É alguém que aprende todos os dias e se forma e transforma com os múltiplos aprendizados que ele vive ali. Ele é também.”



FIGURA 14 - Vista da Ilha dos Marinheiros



FIGURA 15- Ilha dos Marinheiros

Através do estudo do meio, da memória oral, que em tempos passados não era considerada para fins de pesquisa por ser muito subjetiva, buscamos os saberes e as práticas culturais de cada povo, a valorização de sua individualidade (nessa nossa era que busca insistentemente uniformizar), reconstruindo suas identidades, com o entrelaçamento de histórias individuais e coletivas e a valorização das subjetividades e ancestralidades. Além disso, pode-se redescobrir o vínculo da vida fora da Escola com a vida escolar para a qualificação de ambas. Carvalho (2008, p. 108) diz que

muitas vezes os temas ambientais foram tratados de forma muito geral, como se existissem fora do tempo e do espaço, sem história. Ideias soltas e descontextualizadas, como: “Devemos amar a natureza”, “as plantas são importantes” ou “o verde é bom”, não dizem nada a ninguém, não instigam a pensar. Uma das melhores maneiras de evitar que a EA fique pairando nas ideias gerais é enraizá-la na concretude do tempo histórico e no espaço social.

A partir da proposta de estudo do seu próprio meio, com áreas já “conhecidas” pelos estudantes, tem-se o afastamento do objeto de investigação (o meio) o que possibilita um novo olhar sobre essa realidade. Se conseguirmos que esse olhar seja crítico, já teremos um avanço rumo à superação de posturas passivas e submissas frente aos problemas socioambientais.

Vivemos numa diversidade de etnias, de hábitos, de valores, de ideias. Além de desenvolvermos a capacidade de ouvir, também é imprescindível sabermos respeitar e discutir o pensamento do outro que está em desacordo com o nosso.

Para isso, torna-se necessário o trabalho interdisciplinar, que os educadores tenham disponibilidade e capacidade para o trabalho em equipe, para ouvir as diferentes áreas do conhecimento e, juntos, planejem ações que formem sujeitos sociais e historicamente situados no tempo e no espaço. Reigota (2009, p. 25), diz que “a educação ambiental pode estar presente em todas as disciplinas, quando analisa temas que permitem focar as relações entre a humanidade e o meio natural, e as relações sociais sem deixar de lado as suas especificidades.”

Vê-se que o nosso ambiente passa constantemente por um processo dinâmico de transformação. A situação de nossas localidades é vista como consequência desse processo, por isso muitas vezes é pouco questionada. O passado é visto nesse nosso tempo como apenas “o que já passou”, sem ter muita importância. O tempo é valorizado para adquirir e acumular bens materiais, que são descartáveis, pois o prazer que proporcionam se esgota tão logo os adquirimos, dando espaço a cobiçarmos outros mais.

Pensar nos espaços públicos, aqueles que já existiam quando nascemos e que ainda existirão após a nossa morte, entendendo-os como o espaço de desenvolvimento das ações humanas, significa a capacidade de enxergar o futuro além da nossa própria morte. E isso é, assim, irrelevante na nossa sociedade. Torna-se importante, então, que a Escola dê essa abertura ao passado, um redimensionamento a partir da memória das pessoas sobre os fatos e lugares. Dessa maneira, o passado, agora ausente, torna-se presente de novo. E não há somente a memória individual, ela é também coletiva, assim como não é constituída apenas interna e subjetivamente, mas precisa de olhares externos e sociais, ou ainda, não se refere somente ao tempo, mas também ao espaço. E todas essas dimensões não podem ser separadas. Segundo Silva Filho (2010, p. 64),

o problema maior não é o tempo que se esvai ou o tempo que passou, como parece indicar o senso comum, cada vez mais engolfado por uma intensa sensação de pressa e de falta de tempo. O problema maior é a falta de espaço. O tempo falta porque ele não é representificado, porque ele se perde no isolamento dos instantes fungíveis. Quando se abre o espaço de ressignificação, trazido pela rememoração crítica, o passado continua a ter futuro. O tempo se renova e adquire um novo viço, a velocidade diminui e as coisas podem então ser cuidadosamente iluminadas e

reconhecidas. É preciso lembrar que o sujeito se forma e se mantém na tensão entre a memória e o esquecimento, e que, portanto, essa identidade nunca é algo pronto e acabado.

Elaborar um diagnóstico do ambiente local a partir do levantamento de dados do meio, em seus variados aspectos (sociais, éticos, culturais, econômicos) permite-nos, além do conhecimento do lugar e do despertar um sentimento de pertencimento, perceber as representações e anseios da comunidade que ali reside sobre a sua localidade, como no trecho a seguir onde um morador da Capilha comenta:

- Tá precária a coisa. (colaborador 29)
- Vamos ver agora se... com essas eleições agora, vê se melhora um pouco, porque tá... tá meio difícil. É isso que eu espero né... todos nós esperamos, né... Tanto nós como a maioria dos alunos que vem aqui, né... (colaborador 31)

O resgate da história, através de conversa com os moradores antigos da comunidade local, desde a fundação até os dias de hoje, proporciona aos jovens estudantes o entendimento da situação atual, que é consequência de um passado histórico, pois a história é viva. Como salienta Silva Filho (2010, p. 72, 73),

na medida em que a memória e a história são depositadas em documentos elas correm o risco de se tornarem frias e reféns das manipulações retrospectivas, ou seja, do encaixe do passado em versões totalizantes que surgem depois e que procuram dar um sentido pleno e coerente a tudo que aconteceu até o presente. Isto não quer dizer, obviamente, que não se devam produzir documentos que registrem os fatos, mas sim que não se pode esquecer que tais documentos só fazem sentido a partir do pertencimento de quem os produziu a uma dada formação histórica e a certas memórias sociais, coletivas e históricas, e que o sentido que trazem pode fecundar como ser fecundado por outras narrativas. O decisivo é manter a *história viva*. É exatamente na busca dessa pulsação que a história se aproxima da memória. É inerente à recordação o seu aspecto de elo vivo de continuidade, de pertencimento à identidade de um sujeito, e no caso da história este elo se concretiza no pertencimento às identidades comunitárias.

Todos nós pertencemos a uma comunidade, nascemos em um ambiente repleto de crenças e valores, o qual podemos perpetuar ou, sentindo-nos parte dele, também sentimo-nos autores de nossa história, podendo transformá-lo. Cousin (2010, p. 95) revela:

Considero importante que a sociedade compartilhe o mundo e construa o sentimento de pertencer a um modo de vida e a um contexto que está sendo constantemente produzido e transformado e reflita sobre o seu papel enquanto sujeito envolvido nesse processo. O pertencimento possibilita compreender como os processos das relações sociais estão presentes em cada vivência, e como o local e o global se traduzem em experiências pessoais e coletivas.

Assim, através de uma prática educativa com educadores comprometidos e conscientes de seu papel político na luta contra as desigualdades sociais, teremos comunidades mais críticas, que superem a visão ingênua, fatalista ou determinista sobre o sistema social, que sejam autoras de sua própria história e construtoras de uma sociedade mais justa, democrática e dialógica, sem qualquer forma de exclusão.

9 AVIVANDO A MEMÓRIA, CONTANDO HISTÓRIAS E CONSTRUINDO SABERES

Segundo Brandão (2005, p. 49),

é bem verdade que *nós* somente vivemos de fato em uma rua, em um bairro, em uma cidade e em um município, quando somos e nos sentimos parte da *comunidade* e da vida social que dia a dia fazem a vida cotidiana e fazem também a história de *nossa* rua, do *nosso* bairro, da *nossa* cidade e de *nosso* município.

Uma comunidade é composta por um conjunto de indivíduos que mantêm contatos no dia-a-dia, que compartilham visões de mundo, crenças e valores. Ela fundamenta-se em narrativas sobre a sua origem, sobre o seu presente e o que acontecerá no futuro. Uma comunidade constrói, então, a mesma cultura para todos os seus componentes. Isso foi o que pudemos observar no vídeo analisado.

O diálogo foi o meio de fortalecimento do grupo enquanto comunidade de aprendizagem, pois propicia revelar que todos temos o que aprender e que todos temos o que ensinar. O conhecimento foi compartilhado no coletivo, sem o autoritarismo próprio da educação tradicional, desenvolvendo o respeito, a escuta, a cooperação e proporcionando as emoções na experiência vivenciada, vinculada a uma realidade concreta e significativa a todos os envolvidos no Projeto “Conhecer, compreender e interagir com o contexto local”.

9.1 Os aspectos culturais

O vocábulo cultura vem do latim “colere” e significa cultivar, tomar conta, cuidar. No princípio era, então, o cuidado do homem com a natureza, com os deuses e com a alma e o corpo das crianças, com sua educação e formação. Daí originam-se as palavras *agricultura*, *culto* e *puericultura*. A cultura visava, aqui, ao aprimoramento das virtudes naturais das crianças, através da educação (cultivo) do espírito, a fim de serem pessoas que praticassem o bem na sociedade. Assim, a cultura vinha desenvolver e qualificar a natureza humana.

No século XVIII, a cultura passa a significar *civilização*: o efeito de cultivar o espírito das crianças teve como consequência as ações feitas nas artes, nas ciências, na religião, na filosofia.

Hoje, a cultura é sinônimo de História, é o que constitui o modo de vida de um povo, seus feitos, seus costumes, suas tradições, seus significados, suas crenças, seus valores, suas visões de mundo, seus comportamentos e as relações que estes dispõem com os outros homens, com as demais formas de vida, com o tempo e com o espaço. E tanto somos influenciados pela cultura como também ajudamos a compô-la.

Assim também é na Escola, que transmite as culturas tanto preservando-as como proporcionando aos alunos a construção de novos conhecimentos e culturas antes negadas e excluídas do currículo escolar, como, por exemplo, a cultura do campo, pois as políticas educacionais muitas vezes têm como parâmetro a educação urbana planejada para os brancos, cristãos e ricos.

A cultura não é estática no tempo e no espaço, é dinâmica e, portanto, tem a possibilidade de apoderar-se de elementos externos e da experiência histórica, resignificando-os, articulando sempre novos saberes e fazeres.

A Escola deve ter claro que a nossa territorialidade nos dá identidade, que devemos compreender e respeitar o modo de vida de cada um e que não podemos ser apáticos frente às questões socioambientais. Para isso, “torna-se necessário, o exercício da sensibilidade com base em um processo educativo que possibilite, através da valorização, do reconhecimento, da ação/transformação e da responsabilidade, uma relação ética e estética, de ordem sustentável e consciente, do sujeito com o meio.” (TAVARES, BRANDÃO, & SCHMIDT, 2009, p. 186)

A Escola que é composta na sua maioria de uma comunidade rural, como a Escola Estadual Lilia Neves, deve proporcionar também a produção de conhecimentos e valores para que as pessoas possam se sentir incluídas na sociedade e felizes na sua vida no campo.

As culturas não estão somente na Escola. A Escola é produto da vida cultural. Dessa forma, quem qualifica um sujeito de inculto pela sua escolaridade, está usando a cultura como agente de discriminação social. Assim,

saberes são diferentes uns dos outros, como o do servente de pedreiro, o do pedreiro, o do mestre de obras e o do engenheiro. Mas não são desiguais. Nós às vezes nos acostumamos a classificar os conhecimentos e as culturas opondo as “selvagens” e as “civilizadas”, as “populares” e as “eruditas”, as “cultas” e as “incultas”. Mas, na verdade da vida social, cada “tipo cultural de saber” e cada “unidade pessoal de saber” (cada uma ou um de nós) sempre criam, renovam, guardam e convivem com os outros a partir de eixos e feixes de conhecimentos próprios. Conhecimentos vividos e pensados que possuem em si mesmos o seu valor diferenciável, mas nunca comparável. (BRANDÃO, 2005, p. 72)

A riqueza de culturas do nosso país se dá pela diversidade de povos que as influenciaram: indígenas, africanos, asiáticos, europeus, árabes. Na região estudada, mais precisamente na Vila da Quinta, a educação inicia pela influência dos padres italianos, que trouxeram com eles também o cultivo de produtos de subsistência como o trigo e, com mais dedicação ainda, o cultivo da videira. Foi, então, a partir dos imigrantes italianos que chegaram aqui novas variedades de uvas, melhorando assim a qualidade do vinho gaúcho.

O início da educação pública ocorre em 1899. Em 1915, surge a Escola Agrícola Municipal São José, escola de padres Josefinos que eram italianos. Tinham banda, oficina, teatro, plantações e faziam vinho. A maioria dos alunos era órfão, e por isso era uma escola interna. Mas em 1920 os padres Josefinos vão embora da cidade, e, em 1922, a escola passa a ser do governo. (colaborador 2)

Os portugueses também exercem grande influência na constituição de nossa cultura. Não poderia ser diferente, pois fomos durante 322 anos colônia de Portugal. Assim, nossa língua é a portuguesa e conservamos ainda muitas tradições lusitanas. A economia portuguesa baseia-se na pesca (FIG. 16) e na agricultura (FIG. 17).



FIGURA 16 - Barcos de pesca na Ilha dos Marinheiros



FIGURA 17 - Plantação de cebolas na Ilha

Na Ilha dos Marinheiros,

a maioria é pescador, porque fazer as duas coisas é um pouco difícil, né? E a agricultura tem que tá em cima. E a pescaria se tu pesca e encosta as redes, quando tu for pegar... Então eles já terminam. O pai dela é pescador, não sei se vocês fazem assim, mas o pessoal que termina de pescar, já vai remendando, separando, lavando, né, e limpando o caico. (colaborador 6)

Eles têm a tradição de cultivar uvas para fabricar vinho, que é a bebida favorita e tão antiga que não se tem precisão de sua origem. O vinho é citado inclusive na Bíblia e tem um sentido religioso, pois é a bebida escolhida para representar o sangue de Cristo na missa.

Toda Escola faz parte de uma região, de um bairro que tem muita história para contar. As localidades estudadas nos mostraram muito a tradição portuguesa:

A primeira moradora desse território foi uma portuguesa chamada Quitéria, por esse motivo originou-se o nome. Os primeiros habitantes foram os índios e os portugueses, trazendo suas culturas, como a sopa portuguesa e os renjões, feitos de carne de porco. Outra cultura trazida pelos descendentes era fazer réstias de alhos e de cebolas. (colaborador 10)

Nós, humanos, somos parte da natureza e também precisamos dela para produzir, por meio do trabalho, nossos meios vitais. Através do trabalho, as pessoas alteram a natureza, vão ocupando o espaço e organizando-o a partir dos seus interesses e de seu modo de vida. No processo de construção das cidades, por exemplo, por vezes rios são desviados ou canalizados, matas são extintas, morros são rebaixados. A atividade humana transforma e, em muitos casos, polui e destrói o ambiente, porque, como nos aponta Brandão (2005, p. 79),

durante milhares de anos os seres humanos de quase todas as culturas, mas principalmente nas do Ocidente europeu, acreditavam em duas ideias que estamos aprendendo a repensar agora. A primeira ideia era a de que somos os Senhores da Terra e tudo o que existe na Natureza deve servir aos nossos fins e interesses. A segunda ideia era a de que os recursos naturais do planeta seriam inesgotáveis, do ferro à água e da terra fértil às grandes florestas.

No princípio, as pessoas adoravam a natureza. O trabalho, então, não feria o ambiente, pois só se extraía dele o necessário para a sobrevivência. Quando surgiu o instrumento, os humanos passaram a intervir na natureza, a domesticá-la, a querer dominá-la, a desfrutar da terra mais do que ela pode oferecer. Boff (1999, p. 97) salienta que “o trabalho agora é trabalho assalariado e não atividade de plasmação da natureza. As pessoas vivem escravizadas pelas estruturas do trabalho produtivo, racionalizado, objetivado e despersonalizado, submetidas à lógica da máquina.”

A divisão do trabalho também divide a sociedade em classes sociais. Quem tem o poder é a propriedade capitalista, que tem como objetivo maximizar cada vez mais os seus lucros. Assim, muitos trabalhadores são mal remunerados em suas atividades laborais. Quem tem uma boa renda são as grandes empresas. Na Serraria,

- Aqui trabalham em torno de uns quinhentos... não, eram quatrocentos e cinquenta funcionários com desmate e reflorestamento. E esse mato é o mais novo que foi plantado. (colaborador 32)

- Quantos anos faz? (alguém da turma)

- Ah, não sei, eu sei que é o mais novo, e pra lá é onde é... tá acontecendo o reflorestamento, porque aqui onde eles tão cortando... ah... tem muita gente trabalhando, então é perigoso, daí o reflorestamento vai em outras parte que já foram cortadas. Daí, olha só. Pra esse lado de cá, até mais ou menos uns cinco quilômetro é o eucalipto, o pinus fica mais ou menos uns dois, três quilômetros pra lá, dobrando à esquerda, aí faz divisa com o de eucalipto que trabalha mais funcionários lá. (colaborador 32)

No século XVIII, com o surgimento da industrialização, os recursos naturais passaram a ser cada vez mais consumidos, multiplicando a degradação ambiental e promovendo a exploração de muitos trabalhadores. Porém, não ouvimos dos trabalhadores nenhuma reclamação explícita a respeito da empresa. Um deles mostrou satisfação quando disse: “A Trevo fornece ônibus e alimentos pros funcionários daqui e leva até seus devidos lugares.” (colaborador 32)

Um trabalhador da comunidade da Serraria nos contou um pouco sobre o trabalho que é feito, qual o destino da madeira e o nome da empresa proprietária daquele espaço.

- Vai pra Quinta, pra Rio Grande... (alguém da turma)

- Pra beneficiar a madeira, né. Vai, vai pra Quinta, vai alguma pra Pelotas, também vão a Rio Grande, aí, mas a maioria mesmo fica, a maioria do mato que é cortado aí fica nas serrarias daqui. São oito ao total... oito serrarias... que trabalham com a matéria-prima daqui. Fora não sei quantas que são das outras localidades. (colaborador 32)

- Isso aqui é tudo da Trevo? (alguém da turma)

- É! O mato é todo da Trevo. Todinho até... até onde o olho enxerga. Mais alguma dúvida? Que eu possa responder... (colaborador 32)

No século XXI, cada vez mais, aparecem dificuldades a serem enfrentadas no mundo do trabalho, para nele nos inserirmos ou para nele permanecermos. Exige-se cada vez mais a mão-de-obra qualificada e são poucas as ofertas no mercado de trabalho. A plantação de arroz no Taim, por exemplo, é o modo de sobrevivência de muitas famílias, pois é uma das únicas alternativas de emprego naquela região.

Ao visitarmos o Taim e a Capilha (FIG. 18), que é a parte do Taim que se localiza às margens da Lagoa Mirim, percebemos que seus habitantes vivem da pecuária, do cultivo do arroz e da pescaria, que hoje não dá bons lucros, como nos disse um pescador.

- Tá, e nosso peixe aqui, ele tá sendo valorizado? Tu achas que ele tá sendo valorizado? (colaborador 29)

- Não... tá muito pouco aqui, tá muito pouco preço, tá. E tá, que tá ruim né, porque os atravessadores eles ganham o... eu acho que o triplo do que nós ganhamos aqui né. Eu acho, pra mim, é muito pouco. (colaborador 31)



FIGURA 18 - Barco de pesca na Capilha

Também foi observada a arquitetura local, ou seja, a arte empregada no planejamento e construção do ambiente. Conhecê-la permite-nos perceber a formação e evolução histórica de uma região, pois guarda consigo a história daquele povo. É também importante para a valorização do Patrimônio Cultural e Arquitetônico da nossa cidade.

Conhecemos a capela da Capilha construída em 1825, observamos suas características clássica, barroca e colonial e que serviu também (no século XIX) de cemitério, somente para os cristãos. Nessa época, era comum os corpos serem sepultados dentro das igrejas, sem caixão, direto na terra, junto com os ossos de outros defuntos. Explicava uma aluna:

Bom, aqui essa capela, é a capela de Nossa Senhora da Conceição. Ah, ela era chamada pelos espanhóis de Capela de São Pedro, por estar no continente de São Pedro. Ela foi construída em 1825, e... em 1844 houve uma reforma, que aí foi... quem a... quem ajudou a reconstruí-la foi um famoso comendador, Faustino Correa, que até aqui tá o nome dele na fachada. Assim... Uma curiosidade que tem, nessas torres aqui tem o “relógio do sol”, que quando bate o sol aqui dá de ver as horas, dizem os antigos, né. (colaborador 29)

E dentro também, dizem que tem corpos de pessoas, né? Tem ossos. Teve um tempo que dava pra ver os corpos... os corpos não, os ossos das pessoas no chão. (colaborador 30)

*Que ano é a capela mesmo? (alguém da turma)
Ela é de 1825. Foi fundada em... (colaborador 29)
Foi construída pelos espanhóis. (colaborador 30)*

E ela... a arquit... arquit... a arquitetura dela é bem eclética, porque ela tem a arquitetura colonial, que é a... que é o telhado, arquit... arquitetura clássica que são as colunas e a barroca que são as torres gêmeas. (colaborador 29)

Uma das manifestações folclóricas observadas na Ilha dos Marinheiros é o Terno de Reis, uma tradição portuguesa que ainda se mantém viva em muitas regiões brasileiras. É ligada à história bíblica, na qual os Reis Magos Melchior, Baltasar e Gaspar foram visitar o menino Jesus, no dia 6 de janeiro. Um aluno, durante a expedição de estudos nos contou que:

na calada da noite, carregando lanternas, um grupo de músicos e pessoas da comunidade saíam para festejar os Santos Reis. Os ternos de Reis saíam no dia seis de janeiro e nos dias de São Manoel, Santo Antônio, São João e São Pedro para cantar os santinhos. (colaborador 5)

(...)

Os instrumentos são enfeitados com fitas coloridas, e carregam estandartes com as imagens dos Reis Magos. A residência que recebe o terno oferece doces e licores. O canto do dia seis de janeiro varia um pouco de acordo com o guia, a pessoa que puxa o canto, que na maioria das vezes gosta de improvisar. (colaborador 5)

Uma moradora da Ilha dos Marinheiros nos relatou:

- E a primeira vez que vi um terno aqui, eu me assustei porque eu não conhecia ninguém e nós não tínhamos luz. Eu tava dormindo, nessa época não tinha filho né, dormindo, daqui a pouco aquela música entoou assim na noite né, nós já apavorado, ia pra uma porta à outra, daqui a pouco eu olhei e disse pro meu marido “Olha, tem um monte de homem cantando”, eu não conhecia ninguém, e a gente não sabia que tinha que abrir a porta. E eles cantavam, cantavam, cantavam, e a gente nada de abrir a porta, e cantavam. E aí o pai dela que era conhecido nosso disse “Não, tem que abrir a porta.”

- Eles já tinham pedido umas dez vezes pra gente, mas não sabia, né. Aí depois sim né, depois do primeiro a gente já esperava. Ah isso era muito bonito! (colaborador 6)

É inegável também a influência dos negros na nossa região. Conta-se que na Ilha dos Marinheiros havia o Quilombo do Negro Lucas. Os quilombos eram comunidades formadas por escravos fugitivos, por isso eram fixadas em locais escondidos, longe dos centros urbanos e de difícil acesso. Nessas comunidades, eles plantavam para a sua subsistência e resgatavam e mantinham viva a sua cultura. Era uma forma de se proteger da escravidão e buscar uma vida digna, mas nem sempre tinham êxito nas suas tentativas, como nos narra um aluno:

- As matas da Ilha, na terceira década do século dezenove, ainda ocupavam expressiva região, pois ofereciam proteção por mais de dez anos ao Quilombo do Negro Lucas. O jornal “O Observador” de nove de janeiro de 1833, noticia que Lucas e muitos outros escravos fugitivos se abrigaram numa casa no meio da mata. Esses negros negociavam com os ilhéus para obter viveres.

Os negros refugiavam-se após cada tentativa de captura. Numa dessas tentativas, o filho de um dos delegados da Ilha acabou sendo morto, o que motivou uma expedição da Guarda Nacional, que aprisionou Lucas e matou mais de seis pessoas. E ele resistiu, mas acabou por ser morto. (colaborador 4)

Através do Projeto conhecemos, compreendemos e interagimos com a cultura do meio rural, respeitando-a, valorizando-a e aprendendo muito.

9.2 Visões de mundo, crenças e valores

Viver a Educação Ambiental na Escola, em sala de aula, supõe trazer para esse microcosmo o sujeito como um todo, não só a sua parte cognitiva, mas seus sentimentos, suas visões de mundo, suas crenças e seus valores.

O vocábulo religião é originário do latim “religio”, do qual o prefixo “re” significa outra vez e o verbo “ligare”, ligar, vincular, ou seja, unir o mundo profano ao mundo sagrado. Para que essa ligação se mantenha e seja sempre oportuna, foram criados os rituais: cerimônias cujas palavras, gestos, objetos são pré-determinados (repetidos sempre), a fim de agradecer ou suplicar benefícios aos deuses e lembrar da sua bondade. Uma das funções precípuas da religião é propiciar a construção de conceitos e valores morais para embasar nossas ações e encorajar-nos à crença num destino superior para a alma humana. O trabalho e a religião foram as primeiras manifestações culturais que formaram a vida comunitária.

É importante que as pessoas tenham uma crença, uma fé, que sejam espiritualizadas, independente desta ou daquela religião. “O decisivo não são as religiões, mas a espiritualidade subjacente a elas. É a espiritualidade que une, liga e re-liga e integra. Ela e não a religião ajuda a compor as alternativas de um novo paradigma civilizatório.” (BOFF, 1999, p. 21)

Assim como devemos cuidar da saúde do corpo, a saúde da mente também deve ser preservada. Aliás, somos um sistema, um todo e onde uma parte não esteja bem, compromete o funcionamento do restante.

É um hábito típico dos descendentes de imigrantes portugueses se organizar para a construção e/ou manutenção de uma igreja ou capela e para obras de caridade. Muitas capelas são construídas pela própria comunidade como forma de devoção e agradecimento por alguma graça alcançada. É um povo muito católico, como podemos observar nos relatos a seguir:

- A Ilha dos Marinheiros apresenta três comunidades católicas bem distribuídas: a comunidade de Nossa Senhora da Saúde, que fica nos fundos da ilha; a comunidade de São João Batista, localizada no Porto do Rey; e a comunidade da Santa Cruz, na Marambaia. Em todas as festas tradicionais, as três comunidades unem-se pela fé.

(...)

- As principais festas típicas da ilha são: a festa da padroeira Nossa Senhora da Saúde, a festa da Santa Cruz e a festa de São João. Iniciam-se no Domingo pela manhã com o hasteamento da bandeira, logo após missa festiva; em seguida, almoço e animação com a banda da ilha. Encerramento com a procissão e, logo após, o baile. (colaborador 4)

- Na Quitéria, um fato histórico foi a fundação da Igreja de Santa Luzia em 1970, que foi fundada por motivo de agradecimento à santa, protetora dos olhos. A Festa de Santa Luzia é a maior entre as comunidades. (colaborador 10)

- A igreja de Domingos Petroline foi fundada em 1968, com o nome de Nossa Senhora das Graças, cuja imagem foi trazida pela dona Cléia Gauri, onde ficou durante...ah... durante dez anos... né... Depois de dez anos, ela passou pra igreja em 1978, né... E ali foi construído pela ajuda da comunidade e um senhor daqui. (colaborador 7)

Boff (1999, p. 25) diz que,

após séculos de cultura material, buscamos hoje ansiosamente uma espiritualidade simples e sólida, baseada na percepção do mistério do universo e do ser humano, na ética da responsabilidade, da solidariedade e da compaixão, fundada no cuidado, no valor intrínseco de cada coisa no trabalho bem feito, na competência, na honestidade e na transparência das intenções.

São também muitas as narrativas populares que envolvem passagens com imagens de santos, contadas como fatos verídicos, baseadas na crença da comunidade, como essa:

As imagens dos santos

Conta-se que os Neves, ricos exportadores que moravam nos fundos da Ilha perto do Barulho Futebol Clube, quando veio uma enchente muito grande em 1941, tinham muita cebola plantada, então o chefe da família fez um promessa aos santos de sua devoção, imagens que tinha em casa, para que as águas baixassem. Apesar da promessa, as águas não baixaram. Seu Neves incomodado pegou as imagens e embarco-as num caíque, e jogou-as no lameirão, como chamavam a parte mais rasa do canal.

No dia seguinte, as águas amanheceram mais cheias, e os santos estavam na porta da casa de Seu Neves. Ele reconheceu as imagens e guardo-as, não quis mais saber de zombar dos santos. (colaborador 4)

A população foco da pesquisa caracteriza-se também por ser muito trabalhadora:

Ao amanhecer, o ilhéu já está de pé aproveitando a melhor hora para trabalhar. (colaborador 4)

E reconhecem que as condições do trabalho rural naquelas localidades não estão proporcionando condições dignas de vida.

Os ilhéus que se dedicam à pesca vivem na zona da Marambaia, Bandeirinhas, Coreia e Fundos da Ilha. As condições de vida destes pescadores são difíceis devido à escassez do camarão na lagoa, por motivos diversos como a poluição, a falta de cuidado com o meio ambiente, o uso de redes de arrastos, ou por causas relacionadas com o clima. (colaborador 4)

Alguns veem no estudo uma chance de ter melhores oportunidades de emprego, de proporcionar aos filhos o que os pais, muitas vezes, não tiveram.

- *A falta de condições de trabalho gerou êxodo. As pessoas saíram e continuam saindo, em busca de melhores condições de vida, inclusive estudo para seus filhos. (colaborador 4)*

Outros poucos ainda possuem uma visão otimista do trabalho no campo, mostram-se empolgados, apaixonados pelo lugar onde moram e trabalham e estão tendo uma boa colheita:

- *Mas aí a importância da parreira, no nosso ponto de vista, o que nos levou a plantar foi isto, despertar a ilha que é possível colher outras coisas, porque a ilha tava perdendo muito espaço.*

(...)

- *Então a ilha tava perdendo muito espaço, e a gente tem um mercado consumidor, tanto pra vinho, pra jurupiga ou mesmo uva de mesa. Então era um desafio nosso, a gente sempre comprou uva pra produzir vinho, produzir jurupiga. Por que não colher uva em casa? Então em 2004 plantamos 250 pés, já em 2006 se colheu alguma coisa, nos primeiros dois anos já se colheu 250 quilos, 2007 se colheu uma tonelada, 2008 se colheu duas toneladas. Então, já em quatro anos, já se colheu um bom número. (colaborador 9)*

Brandão (2005, p. 34) nos mostra que “quando o ser humano se alia à natureza e busca comunicar-se com ela de modo a interagir com o mundo em que vive sem o desejo de apropriar-se, de dominar ou de destruir, ele cria as condições de uma relação harmoniosa entre a *sociedade* e a *natureza*, entre a *cultura* e o *ambiente*.”

Observamos, assim, que a utilização de defensivos agrícolas e de fertilizantes resulta em um expressivo aumento na colheita de alimentos. Contudo, a sua aplicação contínua e excessiva provoca a contaminação do solo, da água, das plantas e do ar, pois substâncias nocivas que compõem os defensivos e fertilizantes penetram no solo, contaminando-o. Podem, inclusive, atingir e contaminar águas subterrâneas ou serem levados pelas águas da chuva até os rios próximos, poluindo-os igualmente. Assim, quando esses alimentos chegam na nossa mesa, se não estiverem muito bem lavados, teremos nossa saúde também prejudicada. Além disso, os próprios agricultores acabam sofrendo problemas de saúde.

Na Ilha dos Marinheiros, ouvimos um agricultor consciente da necessidade de cultivar produtos agrícolas sem tratamento químico. Mostra que se preocupa com uma agricultura sustentável, onde busca uma maior produção e rendimento, mas a natureza é preservada. Pede inclusive ajuda ao Núcleo de Monitoramento Ambiental – NEMA – que atua no município do Rio Grande/RS.

No mundo contemporâneo, necessária se faz essa educação para a sustentabilidade, para uma consciência planetária, que é uma maneira de o indivíduo posicionar-se frente ao planeta, no presente e no futuro. É assumir o compromisso de estar centrado numa interação responsável com a natureza, ou seja, rever as prioridades de consumo, reestruturar o modo de utilização dos recursos naturais, a fim de garantir a continuidade de vida na terra. Vivemos numa era muito dinâmica, complexa e, por isso, desafiadora. Urge que as pessoas sejam educadas, que tenham posturas mais adequadas e sadias na sua relação com a natureza, com a intenção de refrearmos ou minimizarmos a degradação do meio ambiente.

Na sua fala, demonstra ainda o espírito de solidariedade, de comunidade, quando diz que “faz mudas pra outros colegas” incentivando-os a plantar na ilha. Mostra que não se encontra na lógica do modelo atual, marcada pela competição, pelo individualismo e pelo egocentrismo. Aqui se encontram valores, tais como cooperação, solidariedade e participação.

- O que nós queríamos, eu sempre coloquei com o pessoal do Nema, que nos assessora, que nossa uva é sem produtos químicos, aqui nunca levou adubação, nunca levou tratamento químico nenhum, é cem por cento ecológica. O que se usa de defensivos é a calda bordalesa, que são produtos naturais. Adubação é esterco de peru; então, é capinada a terra, colocada, empalhada com macega assim, que isso já serve como adubação orgânica. Então, é algo a mais ainda, e depois disso já tá vindo outros produtores, a gente já fez muda aí pra outros colegas. E é um dos nossos objetivos é isso, mostrar que é possível colher uva novamente, e atrás da uva espero que venham outras frutas, porque a ilha produzia pêssego, produzia ameixa, produzia pêra, por que que hoje não produz? Eu acho que tem que buscar, e acho que vale a pena. (colaborador 9)

A agricultura familiar é o plantio da terra feito por pequenos proprietários rurais, sendo que as atividades são essencialmente realizadas pelo núcleo familiar, ou seja, tanto a administração quanto o trabalho são desenvolvidos pela família, que retira daí o sustento para si. Já nas grandes propriedades, é realizada a agricultura patronal, onde há a divisão entre a gestão e o trabalho, causando também uma grande assimetria social.

O modelo familiar tem como característica a relação íntima entre trabalho e gestão, a direção do processo produtivo conduzido pelos proprietários, a ênfase na diversificação produtiva e na durabilidade dos recursos e na qualidade de vida, a utilização do trabalho assalariado em caráter complementar e a tomada de decisões imediatas, ligadas ao alto grau de imprevisibilidade do processo produtivo. (FAO/INCRA, 1994)

Para as pessoas que trabalham na terra, essa tem imenso valor simbólico, pois não é apenas uma forma de produzir riquezas, mas é a identidade dos sujeitos e o que sustenta a família.

Em nosso país, a Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, define a agricultura familiar:

Art. 3º Para os efeitos desta Lei, considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos:

- I- não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;
- II- utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;
- III- tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;
- IV- dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

§1º O dispositivo no inciso I do caput deste artigo não se aplica quando se tratar de condomínio rural ou outras formas coletivas de propriedade, desde que a fração ideal por proprietário não ultrapasse 4 (quatro) módulos fiscais.

§2º São também beneficiários desta Lei:

(...)

- V- pescadores que atendam simultaneamente a todos os requisitos previstos nos incisos I, II, III e IV do caput deste artigo e exerçam a atividade pesqueira artesanalmente.

Vemos que nas regiões estudadas se pratica muito a agricultura familiar:

- Eu tô contente, a minha família toda gosta de fazer isso, os filhos também apoiam e gostam, é uma coisa nova, até mesmo por isso. Pra nós, eu nunca trabalhei com parreira, a gente conhecia um pouco de agricultura, mas de plantar alface, plantar cebola, então parreira foi um desafio a mais, a gente foi buscar lá com nossos avós como é que plantava, como é que podava. Então, foi muito produtivo pra nós também. (colaborador 9)

O grupo da Quitéria pediu para um morador/músico da comunidade apresentar à turma, que realizava a expedição exploratória, duas músicas escritas e tocadas por ele, que mostram a cultura local, o sentimento de pertencimento e exaltação àquele ambiente. Foi um momento bonito, de descontração, de aprendizagem e valorização de um artista local.

Música 1

*Quem não conhece, venha e veja como é,
O camping do Passo Fundo, Lagoa do Jacaré,
Tem bicho d'água, ambiente familiar, e a natureza com sua beleza rara,
As avezinhas, o gemido da sanfona, saboreando os pastéis da Dona Mara
E vai crescendo o nosso lago de amizade,
Muitos não querem ir de volta pra cidade,
(colaborador 12)*

Nós, educadores, ocupamos um lugar que denota responsabilidade e poder na construção dos saberes dos indivíduos. No entanto, esses saberes não são absorvidos por todos os alunos: é preciso que, convidados a construir o seu saber, os alunos, motivados, realmente queiram ampliar os seus conhecimentos e pô-los em prática, não sendo indiferentes às questões ambientais, não praticando atos predatórios e nem demonstrando preconceito de qualquer tipo. Então, “ser ecológico é uma opção, não uma imposição ou uma verdade autoevidente, e aí entra o papel da escola e do educador, que é um formador de opinião na batalha das ideias que atravessam nossa sociedade todo o tempo.” (CARVALHO, 2007, p. 138)

A música 2 trata do aquecimento global, da falta de sustentabilidade, pois “todos nós queremos ter maior conforto e não estamos preparados”. A solução, segundo os compositores, seria cada um de nós “fazer a sua parte”.

Música 2

*O aquecimento do planeta é realidade,
Não adianta ficar nomeando culpado,
Pois todos nós queremos ter maior conforto,
E pagamos caro por não termos preparados,
Não dá mais pra esperar que aconteça,
Está na hora de tomar uma atitude,
Vamos todos, cada um fazer um pouco,
Daí então poder dizer “Fiz o que pude”*

A estrofe a seguir mostra a religiosidade e o sentimento de culpa pela degradação do nosso planeta:

*Ó meu Senhor preciso tanto tua ajuda
Que pelo mínimo conceder vosso perdão
Eu reconheço que também sou o culpado
De não viver sem fazer poluição
A natureza, sei que é muito poderosa
E ao Nosso Senhor peço que nos oriente
Quem sabe ainda reverter a situação
Pra que não pague nossa culpa o inocente
(colaborador 12)*

Porém, não é fácil, no nosso cotidiano, estarmos a todo instante, cumprindo os princípios ecológicos. Acabamos, então, muitas vezes, por esbarrar em conflitos e contradições, a ter condutas as quais repudiamos, porque são impostas pela estrutura social e nos deixam quase sem alternativas.

Mesmo assim, urge que continuemos enfrentando as dificuldades e desafios e, na medida do possível, que possamos cumprir os princípios ecológicos na busca de uma sustentabilidade, de uma convivência igualitária entre as pessoas, do respeito e cumprimento dos direitos humanos, para termos, assim, um lugar mais digno de se viver.

9.3 Aspectos Naturais

*“Aprendemos como é rica a natureza na região que vivemos.”
(aluno S.)*

Tanto os aspectos culturais quanto os naturais que compõem a região onde vivemos não podem ser extintos. A biodiversidade está imbricada à diversidade cultural: a cultura se constitui de acordo com as características particulares do lugar onde a população vive. Os espaços, as paisagens e as espécies têm um valor cultural e uma significação para as pessoas que ali residem.

Costumamos ter, nos tempos modernos, uma visão cartesiana do todo, ou seja, focada na parte, o que causou uma sociedade egocêntrica e antropocêntrica, prejudicando o entendimento do meio ambiente em sua complexidade. Se cada um de nós é parte isolada de um todo, não nos sentimos pertencentes à natureza. Dessa forma, a dominamos e a exploramos, como se fosse um recurso inesgotável. Enxergamos tudo o que está a nossa volta servindo para suprir os nossos interesses e necessidades particulares, degradando, assim, nosso meio socioambiental e originando os problemas que enfrentamos hoje.

É necessária uma visão complexa do homem em suas relações consigo mesmo e com as demais formas de vida, para termos uma sociedade sustentável socioambientalmente. Não podemos esquecer que as questões locais e globais estão imbricadas.

A Educação Ambiental tenta combater os valores nocivos que destroem o nosso ambiente através de uma reflexão teórica e de um debate político para se chegar nas atitudes concretas da prática cotidiana, formando, assim, um sujeito ecológico.

O sujeito ecológico, portanto, designa a internalização ou subjetivação de um ideário ecológico. Esse mesmo processo pode ser pensado nos termos de uma incorporação por indivíduos e grupos sociais de um certo campo de crenças e valores compartilhados socialmente, que passa a ser vivida como convicção pessoal, definindo escolhas, estilos e sensibilidades éticas e estéticas. (CARVALHO, 2007, p. 136)

A fauna, a flora e outros aspectos da geografia da região foram observados durante as expedições de estudos. Na Capilha, observamos as falésias, resultado da erosão provocada pela lagoa.

- *Bom, aqui são as falésias, elas estão assim, porque antigamente enchia água até aqui, que a gente tinha que passar por cima. Então, foi roendo, foi... ah... colaborador 29)*
- *A praia... (colaborador 30)*
- *Isso! (colaborador 29)*
- *Foi des... foi entrando mais pra, e aí, com o vento, com o sol, com as, como é que é? Com os fenômenos... (colaborador 30)*
- *... naturais formou as falésias. (colaboradores 30 e 29)*

Sobre a Ilha dos Marinheiros nos foi explicado que:

a Ilha dos Marinheiros está na margem oeste da Lagoa dos Patos, possui uma área total de 39,28 quilômetros quadrados. O ponto mais próximo fica a 1500 metros do continente, entre a Rua do Rei, na ilha, e a Rua 15 de Novembro no Rio Grande. Esta ilha formou-se a partir da progressiva acumulação de sedimentos de origem fluviolacustre. É a maior e mais importante ilha desta região. Oferece um aspecto curioso para quem dela se aproxima; a partir do Rio Grande, entre as ilha da Pólvora e Pombas, mostra-se com leve concavidade entremeada de pontas, cuja progressão, está a razão direta dos acúmulos sedimentares.

(...)

Próximo às margens, a profundidade é de menos de um metro. No lado sudoeste, a estreita faixa coberta por vegetação heterogênea, até o limite do anel de dunas. O cordão de dunas cobre uma extensa... uma extensão de nordeste para noroeste a poucos metros da faixa descrita. São dunas altas, formadas por grãos de quartzo eólico em sua fase erosiva. Hoje com uma vegetação mais intensa, devido ao reflorestamento feito pela florestadora Palmares no local. A depressão forma várias lagoas no inverno, que secam quase completamente no verão. (colaborador 4)

O trecho a seguir demonstra que desde muito tempo há algumas pessoas preocupadas em preservar o meio em que vivem.

Aprendi, conheci e interagi com as localidades nas quais visitei. E nelas percebi que a grande maioria dos habitantes se preocupa com o local em que vive. (aluna H)

Começaram então a surgir reclamações quanto ao desmatamento excessivo da ilha. Para resolver o problema, Coutinho resolver conceder as primeiras sesmarias em

1779, dividindo a ilha em três partes, e doando-as a três Antônio: Antônio Gonçalves dos Anjos, Antônio de Araújo Vilela, Antônio Gonçalves Pereira de Farias. (colaborador 4)

As sesmarias eram extensas doações de terras feitas pela coroa portuguesa, a fim de que o novo dono desenvolvesse a agricultura, cuidando assim da terra da sua nova propriedade.

Em nosso país, podemos observar uma vegetação bem variada, porém grande parte da vegetação nativa, desde a chegada dos colonizadores até os dias de hoje, vem sendo destruída, levando ao desaparecimento de muitas espécies vegetais e animais porque

imaginávamos uma Terra de recursos naturais infinitos e inteiramente posto à nossa disposição. Mas hoje sabemos que do ouro à água tudo pode acabar, pois tudo é infinito quando em equilíbrio, mas pode se extinguir em pouco quando o equilíbrio natural se quebra e a harmonia das relações entre nós, seres humanos, e o todo do mundo natural de que somos filho e parte, se quebra por causa de nossas ideias e de nossas ações. (BRANDÃO, 2005, p. 35)

Começamos a perceber diversos problemas causados pela nossa falta de cuidado com a vida, nossa mesmo, de outras espécies, agora e das próximas gerações, por estar esgotando os recursos naturais.

Na expedição de estudos à Ilha dos Marinheiros, observamos a plantação de taquaras, que era usada para dividir as chácaras e a grande produção de cebolas. Observamos também que há quem esteja comprando e arrendando grandes espaços de terra para a plantação de pinus para celulose. Isso está causando grande derrubada na mata nativa. Os alunos demonstraram conhecimento a respeito do plantio de pinus, percebendo a modificação da paisagem a partir dele e os prejuízos que causa.

Há vinte e cinco anos atrás, foi introduzido na ilha o chamado reflorestamento, com plantio de Pinus. Eles alegavam que com o tempo haveria benefícios para os ilhéus. Hoje percebemos que não houve benefícios, pois além de tornar o solo árido, prejudicou a biodiversidade e a qualidade da água. Também, a dispersão das sementes tá modificando a paisagem da ilha, com o nascimento de árvores em localidade onde não foram plantadas. (colaborador 5)

A planta mais alta que pudemos identificar em algumas partes da Ilha dos Marinheiros foi o bambu. Assim, o que vimos foi a mata de restinga, ou seja, o que restou da mata nativa. Os alunos aqui muito bem comentaram sobre a importância da preservação do ambiente, da interdependência dos ecossistemas: “destruindo um lugar, estamos prejudicando outros igualmente”, alertavam eles.

Na Serraria, o grupo visitou uma grande empresa, com 16000 ha de plantação de pinus, que oferece emprego para 450 funcionários e depois distribui sua madeira para oito serrarias da localidade, mas que prejudica demais o meio ambiente. É aquela relação indivíduos/natureza que se limita à produtividade para o lucro da empresa.

- Isso daqui não faz... daquelas duas cercas pra cá, não faz mais parte da reserva. Até o fim o mato. Isso aqui é pertencente à Trevo Florestal, que foi a... em torno de cinquenta, sessenta anos plantou esse mato... todo. Ele tem em torno de dezesseis mil hectares e... vai até a costa do oceano e faz, até aquele fim lá. Faz toda a costa do oceano, desde esse corredor aqui que vai reto. A plantação de pinus é boa, dá bastante de emprego, mas é ruim pro meio ambiente, pois ela prejudica muito o lençol freático. Porque aqui na vila a água é muito amarelada, é muito ruim de tomar, a gente tem que comprar essas água filtrada, mineral pra tomar porque não dá. Muito ruim fazer comida, muito horrível. Esse aqui é o canalão que vai até a beirada e... sei lá quantos quilômetros daqui se une à Mirim. (colaborador 32)

Assim, foi possível constatar como a natureza sofre transformações feitas pelo homem em suas atividades laborais e que esta exploração se deu ali por interesses de uma grande empresa. Os trabalhadores, muitos deles componentes das famílias dos próprios alunos, mesmo entendendo esta problemática, prezam pela manutenção do seu emprego, pois precisam sustentar a si e as suas famílias. Assim, cabe a nós, como comunidade discutir essas questões, o que foi feito na sala de aula da turma 301, pois

minha cidade e meu município ou, melhor ainda, a nossa cidade e o nosso município, também não são apenas uma porção de prédios, de ruas e de praças. Não são também apenas entidades jurídico-políticas no interior de um Estado chamado Rio de Janeiro e de um país chamado Brasil. Eles são “isso” na medida em que nós, os que nascemos e/ou moramos e vivemos “aqui” convivemos como participantes das comunidades sociais que eles são e em que eles se subdividem. (BRANDÃO, 2005, p. 50)

Algumas empresas usufruem da terra para suas próprias necessidades, destruindo muitas vezes o que está no seu entorno. Para estes, a natureza é mercadoria lucrativa, uma fonte de consumo inesgotável. Essas empresas acabam ainda por comandar a vida social da localidade.

Na Palma, ouvimos o seguinte comentário:

- Aquele galpão ali, que vocês veem ali ó, é onde que fica todo o maquinário da Votorantin, que eles basicamente destruíram, todos os campos que eles compraram, destruíram casas, galpão, tudo. (colaborador 24)

No Projeto “Conhecer, compreender e interagir com o contexto local” procuramos, através da contemplação do ambiente natural, despertar o sentido de cuidado e preservação das localidades visitadas.

9.4 Transformações históricas

As localidades estudadas foram se constituindo com o passar do tempo: não surgiram como as conhecemos hoje. Há transformações, tanto no ambiente físico (novas construções para moradia, escolas, postos de saúde, praças, estradas etc) como no comportamento da comunidade, como podemos observar no depoimento do colaborador 6:

- É, é que essa parte faz uns trinta anos. Aí era bem diferente, né, tanto a estrada quanto a ida a uma venda, por exemplo, as mulheres não entravam em venda, os homens não andavam só de calção, era tudo bem diferente do que é hoje em dia, né. Não tinha o estudo, né, o estudo terminava na quarta série. Muitos paravam porque trabalho né, trabalho, não vinha ninguém de fora porque o acesso era difícil, então eles ficavam praticamente ajudando na família ali né, plantando, pescando. E muitos até hoje ainda fazem isso. (colaborador 6)

A mulher, na história da sociedade brasileira, sofreu com a lógica patriarcal, sendo “educada” para ser mãe, esposa e para desempenhar as tarefas domésticas, assim como não lhe era permitido frequentar outros espaços além da sua casa, por isso “não entravam em venda”. E ainda as pessoas nessa época (“faz uns trinta anos”) cobriam mais o corpo, “os homens não andavam só de calção.” A Escola do meio rural proporcionava o estudo até a quarta série do Ensino Fundamental, como é ainda hoje. A mudança foi o transporte, um ônibus que agora é oferecido pela Prefeitura Municipal para que os alunos possam seguir estudando até o Ensino Médio em escolas próximas à zona rural onde residem, como é o caso da Escola Estadual Lilia Neves.

É claro que, sendo os locais percorridos áreas rurais, não há grande concentração de casas e prédios, predominam chácaras, sítios e áreas de plantação e criação de gado. Porém, ainda encontramos prédios construídos há mais tempo, indicando uma época diferente de hoje.

Tavares, Brandão, & Schmidt (2009, p. 181) nos falam que

o ambiente deve ser compreendido com mais amplitude, como atmosfera que circunda a vida do homem, assim como as demais vidas no seu entorno, como extensão do individual, do social, do ecológico, do cultural e do afetivo. No entanto, essa atmosfera sofre modificações através dos tempos e, sendo essas positivas ou não, uma postura educacional se faz necessária, com o intuito de problematizar e refletir sobre a situação ambiental em sua complexidade.

Sobre a Vila da Quinta, ouvimos que

na década de 30 havia penca (corrida de cavalos) na rua principal aos fins de semana, cinema que era o Cine Quinze, carnaval com os grupos Cigana, que era do Cine Quinze, e os Floristas da SIRQ. Na SIRQ havia os bailes de gala da elite rural. Atualmente, as pessoas se divertem no Atalaia, na SIRQ, bailes abertos ao público em geral, Recanto da Gruta, CTG Rafael Pinto Bandeira, e o mais novo, Magnâmicos. (colaborador 3)

Na Ilha dos Marinheiros, era uma única professora que atendia todos os alunos da região:

A escola rural Guilhermina Golveia tinha uma extensão com a atual escola Casa Grande, e era chamada Reunida Guilhermina Golveia. A professora era a mesma nas duas escolas, ela atendia os alunos na Casa Grande devido à distância de deslocamento para os alunos. A professora morava na residência dos alunos, e utilizava como transporte o cavalo, para ir de uma escola para a outra. (colaborador 4)

Uma professora que trabalha há anos na Escola Casa Grande conversou conosco e deu o seu depoimento:

Aí ela (a aula) acabava, dava pra ficar aqui, conversando com os alunos mais um pouco. Mas é diferente, né. A gente convive com as outras professoras, coisa que a gente antes já não tinha, né, ficava praticamente aqui sozinha. Tem um lado bom e um lado ruim, né. (colaborador 6)

Também quanto à saúde, eram poucos os profissionais que atendiam a região da Ilha dos Marinheiros:

Antigo posto de saúde: localizado na Coreia, próximo à Escola Casa Grande. Havia uma enfermeira que morava, porém um dia, com quarenta e dois anos, veio a falecer. Desde então, ninguém mais quis trabalhar lá, devido ao difícil acesso.

(...)

Os anos foram passando e o posto foi se destruindo. Neste ano, tentaram restaurar o posto de saúde, mas o preço da restauração dava para fazer um novo. (colaborador 4)

Vimos também que um dos desafios da agricultura familiar hoje é modernizar, empregando novas tecnologias, máquinas e equipamentos, para aumentar a produtividade da terra e aumentar a renda das famílias das comunidades rurais. Mas também essa tecnologia criada tem por objetivo o crescimento econômico, gerar lucros e não se preocupa, na maioria das vezes, com a sustentabilidade.

Alguns ilhéus sofrem com as dificuldades quanto à comercialização dos seus produtos, pois não conseguem competir com os grandes latifúndios, que possuem maior estrutura, uma maior produção e, assim, melhor preço, como nos fala o colaborador 4:

Seus antepassados trabalhavam até nas noites de luar, hoje não é mais assim, dizem os ilhéus que agora não vale mais a pena produzir, porque não conseguem vender. (colaborador 4)

Porém, ainda há um pensamento otimista, olhando para o futuro, quando o colaborador 9 expressa que

o sistema de parreiras não era esse sistema que a gente tem aqui, a gente tem com concreto, com arame, é algo bem duradouro, antes só se usava bambu, só taquara. Então nas taquaras, teria que fazer troca todo o ano, todo ano tinha uma mão de obra muito grande. Então eu acredito que uma das perdas da parreira foi a questão de mão de obra. Estamos colhendo hoje em dia só hortaliças e algumas variedades, porque com a agricultura mecanizada tá facilitando outras áreas pra trazer outras frutas, outras hortaliças. (colaborador 9)

A questão da segurança da população também mudou devido à violência:

Também até o contexto das festas aqui mudou, antes os terno que tinha de casa em casa. (colaborador 4)

Ah, é. É porque antigamente... E agora mesmo, o roubo, é só essas coisa, a pessoa, chega um terno cantando à porta, as pessoas já não sabe se abre ou não. (colaborador 6)

Principalmente os mais jovens e pobres estão abandonando o meio rural. Isso faz, muitas vezes, aumentar o crescimento desordenado das cidades, gerando cada vez mais problemas.

- Segundo os moradores, a ilha chegou a ter nove mil e oitocentos habitantes. Hoje ela possui apenas mil e duzentos habitantes. Podemos constatar que a população da

Ilha dos Marinheiros emigrou para a cidade e a que ainda na terra permanece tende ao envelhecimento. A falta de condições de trabalho gerou êxodo. As pessoas saíram e continuam saindo, em busca de melhores condições de vida, inclusive estudo para seus filhos. (colaborador 4)

Pudemos observar, então, nessa pesquisa, pela maioria dos depoimentos ouvidos que as transformações históricas não trouxeram para as pessoas do meio rural melhores condições de vida.

10 UMA TRAMA DE SABERES: FONTE DE DESCOBERTAS, EXTRAPOLANDO OS MUROS DA ESCOLA

A cada ano, recebemos na Escola Estadual Lília Neves mais jovens que expressam suas próprias ideias, têm voz ativa, conhecem e brigam pelos seus direitos e procuram estar informados de tudo o que influencia a sua vida. Cabe aos professores somente orientá-los, proporcionando o debate sobre assuntos relevantes da/na comunidade e sobre o direito de todo o jovem exercer a cidadania. “O ambiente é, assim, fundante do processo de construção do saber ambiental, que, problematizado, gera ações voltadas para a construção de uma nova racionalidade social e ambiental onde a sustentabilidade, a justiça e a democracia estejam sempre presentes.” (TOZONI-REIS, 2007, p. 214)

A Escola é um espaço privilegiado para darmos os primeiros passos rumo à construção de sociedades sustentáveis, enfrentando todos os desafios com os quais convivemos. O Projeto “Conhecer, compreender e interagir com o contexto local” foi, na avaliação de uma aluna participante,

uma forma divertida de aprender que uniu a turma em um só foco. Além disso, não podemos esquecer que o trabalho envolveu também uma pesquisa sobre a nossa própria localidade, fazendo com que conhecêssemos melhor o próprio lugar onde moramos. (aluno L)

Para ser um projeto de Educação Ambiental não poderia ser construído e efetivado por um único professor em 50 minutos de aula, há de ser planejado de forma muito mais ampla e complexa. É preciso um trabalho compartilhado, pensado no coletivo desde a sua ideia inicial, pois este afetarà toda a comunidade escolar. O próprio processo de construir e pôr em prática os projetos da escola permite que as pessoas percebam a necessidade do coletivo para o crescimento da comunidade. A seguir apresentamos comentários de funcionários da limpeza, um da orientadora educacional e outro de uma mãe de aluno participante do projeto:

Conscientizar os alunos sobre a conservação do meio ambiente reflete positivamente no convívio escolar e na conservação das salas de aula. (funcionária da limpeza)

A conservação da sala de aula também é fator de consciência ambiental. A sala dessa turma se conserva mais limpa e organizada. (funcionário da limpeza)

Observo que, quando os alunos são incentivados a realizarem atividades práticas, realmente aprendem. Na minha opinião, a escola deveria apostar na metodologia de projetos (como esse), pois para a efetivação da aprendizagem é fundamental a participação efetiva do aluno, estudando o meio em que está inserido, buscando a melhoria do mesmo através de sua atuação consciente e comprometida, sem aquele “faz de conta que ensina e faz de conta que aprende”. (orientadora educacional)

Achei o projeto muito produtivo, pois meu filho pôde conhecer algumas localidades rurais de nossa cidade, seus costumes e culturas. As professoras estão de parabéns, pois meu filho chegou muito animado. Estes passeios só trazem uma boa bagagem para o conhecimento deles. (mãe de aluno)

Muitas vezes, tendemos a uma visão cartesiana do todo, ou seja, focada na parte. E, na maioria das vezes, a seguir, mesmo que de forma inconsciente, os paradigmas, o que ficou estabelecido, consolidado na nossa cultura, reproduzindo práticas conservadoras, que tendo grande força no nosso inconsciente, influenciam nossas ações. Porém, o educador tem o compromisso ético de não avalizar o discurso dominante, mas ter sua ética calcada na cidadania e na justiça social. Na opinião de uma aluna, através do projeto

pudemos ampliar nossa visão em relação a nossa comunidade. Assim, não ficamos só presos aos livros e cadernos e sim entramos em contato direto com o meio ambiente e nos aprofundamos num conhecimento maior sobre nosso próprio ecossistema, que é a nossa localidade. (aluna A)

O currículo, muitas vezes, só quer transmitir uma cultura hegemônica. Os alunos apenas devem assimilar e reproduzir um acúmulo de informações que os professores lhes transmitem. Torna-se necessário permitir o diálogo entre os diferentes saberes: cotidianos, populares e científicos. Brandão (2005, p. 132) nos mostra que

a educação ambiental deverá estar aberta a integrar e fazer interagirem os ensinamentos das ciências e das tecnologias, das artes, das filosofias de vida e do mundo, das espiritualidades e das religiões. E deve sempre aproximar o conhecimento do “senso comum” (o de todas e todos nós, pessoas da vida cotidiana) e os que nos chegam, por exemplo, das universidades e dos centros de alta pesquisa.

A educação não se dá somente dentro da sala de aula, mas em todos os espaços da Escola, seja no refeitório ou na biblioteca, no convívio com os colegas, professores e funcionários da escola.

Realizar projetos onde se aprenda fora da sala de aula é muito importante, principalmente quando o motivo do estudo está ligado à realidade em que vivemos. (aluno E)

Foi uma experiência diferente, pois quebrou a monotonia das aulas, onde nós alunos ficamos sentados ouvindo a professora falar. Mas para fazer isso, primeiro

realizamos pesquisas, uma forma de introdução, sobre o que nós conhecíamos, só depois fizemos o passeio, onde foi possível realizar nossa pesquisa por completo. (aluno F)

Os depoimentos dos alunos participantes do projeto “Conhecer, compreender e interagir com o contexto local” revelam as suas impressões de experiências vivenciadas nas expedições de estudo que vão também ao encontro da ideia de Brandão (2005, p. 131):

Em qualquer lugar onde exista uma comunidade humana, a educação ambiental deveria ser um dos seus temas e uma das suas ocupações de cada dia. Ela não é apenas algo que envolve professores e alunos de uma escola, na sala de aulas. Ela é uma outra forma de aprendermos, entre nós e nas mais variadas situações, novos conhecimentos, novos valores e novas motivações para com a Vida e a Natureza

Um projeto muito completo e especial, pois saímos da rotina. (aluna J)

Conhecendo novos lugares aprendemos mais sobre as dificuldades do povo. (aluno H)

Vimos de onde sai a renda de cada um, os lugares que são preservados e os que não são. Aprendemos também que aula não é só escrever, mas aprender, analisar, conhecer lugares, valorizá-los e preservá-los. (aluno K)

Os alunos foram estimulados a olhar com mais atenção a vida naquelas localidades. Segundo Tavares, Brandão & Schmidt (2009, p. 181),

*atualmente, com a infinidade de imagens que pontuam nosso cotidiano, faz-se necessário um reaprender a *olhar* que possibilite *ver* o mundo de forma a admirar-se, a espantar-se, enfim, de forma a percebê-lo de modo sensível. Falamos de um olhar atento no sentido cuidadoso da palavra, com sentimentos voltados para o *invisível* por detrás da visibilidade ofuscante que se apresenta a nós.*

Os alunos também puderam, através da percepção do modo de vida da comunidade observada, pensar e refletir sobre a sua própria vida, pois “sempre podemos repensar, reinterpretar o que vemos e o que nos afeta à luz de novas considerações, do diálogo com nossos interlocutores, de novas percepções e sentimentos e das experiências acumuladas ao longo de nossa trajetória de vida.” (CARVALHO, 2008, p. 77, 78)

Assim, pudemos conhecer as localidades, as dificuldades que cada um tem para chegar até a escola, como as pessoas vivem e sobrevivem, que não sou só eu que tenho dificuldades. (aluna D)

O Projeto “Conhecer, compreender e interagir com o contexto local” contribuiu, então, para problematizarmos a nossa visão de realidade, (re)lendo-a, (re)interpretando-a e percebendo as potencialidades e as dificuldades enfrentadas pelos moradores dessas

localidades estudadas com as transformações históricas ocorridas. Contribuiu também para favorecer que as comunidades apreciem as belezas naturais e a riqueza da cultura local, tornando-se responsável por esse espaço e construtores de uma vida melhor ali.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os alunos da turma 301 demonstraram conhecimentos inerentes a várias disciplinas desenvolvidas no currículo escolar, que foram identificados nas falas constantes no vídeo analisado. Por exemplo, o Português, que é o nosso veículo de comunicação; a Geografia, que permite conhecer o espaço onde se vive; a História, com seus acontecimentos no tempo e no espaço; a Biologia, que é o estudo da vida; o belo das paisagens, que é Artes, além de aprender a pesquisar e desenvolver as habilidades de oralidade, de escuta e de escrita, ainda que com algumas dificuldades e falhas. E todos os conhecimentos imbricados como são e não divididos por disciplina, como citados aqui. No decorrer do Projeto “Conhecer, compreender e interagir com o contexto local”, procuramos incentivar que os alunos construíssem respostas próprias, despertassem a reflexão para encontrá-las, instigando olhares mais amplos, direcionando as lentes para outros ângulos das questões que não foram observadas.

Além disso, o Projeto propiciou aos envolvidos condições para observar, conhecer melhor o ambiente onde vivem os alunos e alguns professores, refletir e questionar sobre as condições reais desses lugares, fazendo uma leitura crítica-constructiva. Propiciou a aproximação entre os conhecimentos sistematizados teoricamente com a realidade, através da observação e reflexões sobre e na própria realidade. Para isso, foi preciso, desde o momento da sua implementação e desenvolvimento, de professores críticos, que reconhecessem os limites da ação pedagógica na prática, que entendessem a importância do trabalho interdisciplinar, e que estivessem dispostos a superar o modelo tradicional de educação embasado na fragmentação do conhecimento e na descontextualização entre os saberes e a realidade local, o qual proporciona atividades pontuais, com uma visão reducionista, que aliena e imobiliza. Os professores foram instigados a pensar no processo ensino-aprendizagem e no meio ambiente com uma perspectiva provocadora, exercendo a sua cidadania e percebendo a sua responsabilidade enquanto cidadão e educador.

Além disso, tivemos todos – professores e alunos – um novo entusiasmo pelo aprender e ensinar. O caminho é de dupla via: os professores estimulam os alunos, assim como nós, professores, somos estimulados ao vermos que estamos seguindo o caminho certo, que os objetivos estão mostrando os resultados esperados. Foi muito significativa e prazerosa nossa

participação neste Projeto, pois além de toda a aprendizagem, comprovamos a importância de se organizar o desenvolvimento do currículo escolar de maneira mais prazerosa. Nada melhor do que ter prazer em aprender.

Outro ponto a destacar, foi a realização desse projeto em uma Escola pública estadual. A sociedade, na sua maioria, vê a Escola pública como sinônimo de educação de má qualidade, de desorganização e de falta de vontade dos professores, como se somente a escola particular promovesse o desenvolvimento integral dos seus alunos com qualidade. É bem verdade que faltam verbas, recursos materiais e humanos, os professores são mal remunerados e, por isso, muitos se veem obrigados a trabalhar em diferentes locais e nos três turnos para poderem sustentar a sua família. Também não temos incentivo, por parte do governo, à formação continuada, não somos dispensados e nem temos redução de carga horária para cursos. É claro que essa situação dificulta o bom planejamento das aulas, pois muitas vezes não conseguimos nem mesmo encontrar os colegas e nos reunir como deveríamos.

A situação é complexa, mas mesmo assim não impede de termos profissionais competentes e apaixonados pela educação, que buscam, na medida do possível, renovar-se, que não têm somente uma boa formação pedagógica, como também estão abertos a novos projetos, tentando inovar sempre, buscando uma melhora na qualidade da educação. Dessa forma, nós, professores, forçosamente desenvolvemos também a criatividade, pois com poucos recursos muitas vezes achamos maneiras de fazermos muito. E é assim que vejo o corpo docente da Escola Estadual Lília Neves, na sua grande maioria. Vejo que alguns colegas contagiam os demais com a sua grande vontade de desenvolver um bom trabalho. É a prova de que o ensino na Escola pública pode sim ser de qualidade.

Promover diálogos no coletivo da Escola, intercambiar conhecimentos é de extrema importância para uma educação que almeje excelência. Cada profissional com a sua formação específica, com a sua visão de mundo deve trazer a sua contribuição. Ouvir os pais e a comunidade onde a Escola está inserida também é importante. Além disso, em uma Escola há professores recém formados e outros que estão se aposentando. Promover espaço para essa troca de experiências é fundamental, assim, construímos estratégias coletivas para superar os desafios. Deve haver uma transdisciplinaridade não apenas dentro da escola, mas, além disso, dessa com outras instituições: Conselho Tutelar, Associação de bairro, Igreja, ONGs, Prefeitura etc.

As atividades proporcionadas por meio da Educação Ambiental constroem culturas ambientais, interferindo na maneira como os grupos sociais dispõem dos bens naturais e veem suas perspectivas de futuro. Nós não somente reproduzimos culturas, pois refletimos e contestamos as injustas relações de poder, mas também construímos novas culturas através da mudança de valores e atitudes e da construção de uma cidadania ambiental.

Torna-se necessária a transformação dos procedimentos didático-pedagógicos a partir de novas concepções de educação e de currículo constituídas na própria experiência dos sujeitos imersos no cotidiano da prática social, tendo como eixo estruturante o lugar. Deve-se voltar o olhar também e primeiramente para o que se deve e se quer ensinar, compartilhar saberes, ideias e práticas e não somente incluir novos métodos com modernas tecnologias.

O Projeto “Conhecer, compreender e interagir com o contexto local” possibilitou que os professores e alunos fossem sujeitos ativos no processo de investigação do cotidiano daquelas comunidades, assim como o resgate da autoestima dos alunos. Possibilitou a minha formação continuada, que eu aprendesse bastante e me constituísse pesquisadora, superando as dificuldades e alcançando as realizações que um curso de mestrado proporciona.

Pesquisa é processo, é encontrar meios de responder as perguntas, é diálogo. Constituir-me *educadora ambiental* está sendo um processo muito mais complexo do que estudar e conhecer autoridades no assunto, pois é fazer com que esse conhecimento adquirido faça parte de mim, da minha prática diária, do meu olhar sob o mundo. Além disso, tal projeto me despertou o sentido de pertencimento ao lugar, ao meu campo profissional e à Educação Ambiental. Proporcionou um processo dialógico comigo mesma, com diversos autores, com os colegas e professores e com as professoras que constituíram a banca, que muito contribuíram para a qualificação desse trabalho.

Vemos que o currículo (que é a identidade da Escola) com perspectivas tais como a transversalidade, a interdisciplinaridade, a complexidade e a contextualização do mundo real, priorizando o lugar na sua estruturação, permite a compreensão do mundo e a interferência por uma vida melhor, mais justa e ecologicamente equilibrada. Sei que as ideias expressas no decorrer dessa pesquisa serão lidas e interpretadas de diversas maneiras, por diferentes visões de mundo, que trazem variados sentimentos e saberes, isso é a diversidade. Mas seria bom se

todos concordassem que precisamos resgatar e ressignificar o respeito pela vida, percebendo as diversidades e fomentando a justiça ambiental, a equidade e buscando a sustentabilidade.

O Projeto “Conhecer, compreender e interagir com o contexto local” é a prova que ensino, pesquisa e extensão não podem ser dissociados, pois não são dicotômicos, devem ser um só. Apesar das dificuldades do século XXI, esse projeto mostrou que podemos e devemos prosseguir vivendo e lutando. Não queremos a adesão desenfreada à competitividade, ao individualismo, ao consumismo e o abandono dos princípios de solidariedade e redução da visão de mundo.

Urge pensar em um mundo mais humano. Para isso, necessário se torna compreender as possibilidades existentes e escrever uma nova história. Reconstruir valores para que esses sirvam de objetivos sociais e políticos e possam contribuir para uma mudança, melhorando as condições históricas do século XXI. Que seja possível universalizar a Educação Ambiental, reflexiva e contemporânea, no Brasil, com suas múltiplas possibilidades de trabalho pedagógico que deve ser permanente, continuado e para todos, a fim de que comece a emanar da escola valores e ações efetivas de paz e sustentabilidade. Direito esse que sabemos ser assegurado por lei, “mas a lei, por si mesma, não produz adesão e eficácia. Somente quando se compreende a importância do que ela tutela ou disciplina, captando seu sentido educativo, é que ela pode ser transformadora de valores, atitudes e das relações sociais.” (LIPAI, LAYRARGUES & PEDRO, 2007, p. 31)

E que cada pessoa possa ser educador ambiental de si mesmo e junto a outros. Que os professores sejam atuantes em suas pesquisas, na orientação de seus alunos quanto à leitura crítica da realidade e que tenham uma atuação cidadã nas comunidades escolares.

Com certeza, os projetos construídos pela Escola têm seus limites, porém sempre é tempo de perceber os equívocos, corrigi-los para ver triunfar resultados significativos. O Projeto “Conhecer, compreender e interagir com o contexto local” hoje é desenvolvido com turmas de 1º ano, pois há ainda mais dois anos seguintes do Ensino Médio para desenvolver o trabalho e/ou aprofundar algum tema.

O Projeto “Conhecer, compreender e interagir com o contexto local” propiciou uma melhor compreensão dos aspectos culturais: visões de mundo, crenças e valores, aspectos

naturais e transformações históricas daquelas localidades, e reafirmamos o nosso princípio de que:

este trabalho humano e social de socializar a natureza é, vimos, um acontecimento contínuo, pois uma vez iniciado é permanente e está sempre acontecendo. É algo inevitável, pois nós somente podemos sobreviver e sermos quem somos através dele. E é também algo irreversível, pois uma vez principiado na história dos seres humanos ele não tem mais volta. (BRANDÃO, 2005, p. 31)

A Educação Ambiental propicia a trama de saberes: culturais, científicos e empíricos, carregados de visões de mundo, com suas crenças e valores, respeitando a diversidade, superando a educação tradicional e despertando o cuidado consigo mesmo e com as demais formas de vida.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Educação como cultura*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

_____. *Aqui onde eu moro, aqui nós vivemos: escritos para conhecer, pensar e praticar o município educador responsável*. Brasília: MMA, Programa Nacional de Educação Ambiental, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais – 5ª a 8ª séries: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Coordenação de Educação Ambiental do Ministério de Educação e do Desporto. *A Implantação da Educação Ambiental no Brasil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMARGO, Denise de & BULPACOV, Yara. *Educação Estética e Constituição do Sujeito: reflexões em curso*. Florianópolis: UFSC, 2007.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. Educação ambiental crítica: nomes e endereçamentos da educação. In: *Identidades da educação ambiental brasileira*. MMA, DEA; Philippe P. Layrargues (Coord.). Brasília: MMA, 2004. p. 13-24.

COSTA, Marisa Vorraber (org). *O currículo nos limiares do contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

COUSIN, Cláudia. *Pertencer ao navegar, agir e narrar: a formação de educadores ambientais*. 2010. 206 f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2010.

DUARTE JR., João Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. Curitiba: Criar Edições, 2006.

ESTÉVEZ, Pablo René. *O belo*. Rio Grande: Editora da FURG, 2000.

ESTÉVEZ, Pablo René. 2003

FAO/INCRA. *Diretrizes de Política Agrária e Desenvolvimento Sustentável*. Brasília, Versão resumida do Relatório Final do Projeto UTF/BRA/036, março, 1994.

FERRARO JÚNIOR, Luiz Antonio (org.). *Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores*. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 21. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1988.

_____. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. *Pedagogia da autonomia*. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia da esperança*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo; FREIRE, Ana Maria Araújo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: UNESP, 2001.

FREIRE, Paulo; Shor, Ira. *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FURG, Universidade Federal do Rio Grande. *Projeto Pedagógico do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental – PPGEA*. Rio Grande: FURG, 2010.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, E. José. *Autonomia da Escola: princípios e propostas*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GAMBOA, Sílvio. *Pesquisa em Educação: métodos e epistemologias*. São Paulo: ARGOS, 2008.

LAYRARGUES, Philippe P. Apresentação: (Re)Conhecendo a educação ambiental brasileira. In: *Identidades da educação ambiental brasileira*. MMA, DEA; Philippe P. Layrargues (Coord.). Brasília: MMA, 2004. p. 7-9.

Lei nº 44 de 12 de maio de 1846

Lei Municipal 4116/86, Art. 19

Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006

LIPAI; LAYRARGUES; PEDRO, 2007

LOUREIRO, Carlos F. B. Educação Ambiental transformadora. In: *Identidades da educação ambiental brasileira*. MMA, DEA; Philippe P. Layrargues (Coord.). Brasília: MMA, 2004. p. 65-84.

MARQUES, Mario Osório. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 2008.

MATURANA, Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MEYER, Mônica A. Projeto pedagógico e educação ambiental. In: *INEP. Desenvolvimento e educação ambiental*. Brasília: INEP, 1992.

MINAYO, M. C. S. *O Desafio do Conhecimento*. São Paulo – Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1994.

_____. *Ciência, técnica e arte: O desafio da pesquisa social: Teoria, Método e Criatividade*. (MINAYO, org.). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p. 9-29.

Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental. *Vamos Cuidar do Brasil: Conceitos e práticas em Educação Ambiental na escola*. UNESCO, 2007.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. *Análise Textual Discursiva*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

MORIN, Edgar. *A Decadência do Futuro e a Construção do Presente*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1993.

_____. *Ciência com consciência*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. *Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

MORIN, Edgar; ALMEIDA, Maria da Conceição; CARVALHO, Edgard (orgs.). *Educação e complexidade: Os Sete Saberes e outros ensaios*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

ORELLANA, Isabel. La estratégia pedagógica de la comunidad de aprendizaje, definiendo sus fundamentos, sus prácticas y su pertinência en educación ambiental. In: SAUVÉ, L.; ORELLANA, I.; SATO, M. *Textos escogidos en Educación ambiental, de una América a la otra*, Tomo 2, ERE-UQAM, Université du Québec, Montreal, 2002.

PCNs – *Parâmetros Curriculares Nacionais*: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. *Edgar Morin: A educação e a complexidade do ser e do saber*. 2. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

REIGOTA, Marcos. *O que é Educação Ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2009.

ROMANOWSKI, Joana. *Formação e profissionalização docente*. 3. ed. Curitiba: IBPEX, 2008.

SÁ, Laís Mourão. Pertencimento. In: FERRARO JR., Luiz Antônio. *Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

SANTOS, Vânia Maria Nunes. *Formação de professores para o estudo do ambiente: projetos escolares e a realidade socioambiental local*. 2006. Tese (Doutorado em Ciências) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas: 2006.

SATO, Michèle. Biorregionalismo: A educação ambiental tecida pelas teorias biorregionais. In: FERRARO JR., Luiz Antônio. *Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

SILVA FILHO, José Carlos Moreira. Dever de memória e a construção da história viva: a atuação da comissão de anistia do Brasil na concretização do direito à memória e à verdade. In: PADRÓS, Enrique Serra & outros (orgs.). *A Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): história e memória*. 2. ed, rev. e ampl. Porto Alegre: Corag, 2010.

TAVARES, Claudia; BRANDÃO, Claudia; SCHMIDT, Elisabeth. Estética e Educação Ambiental no paradigma da complexidade. In: *Pesquisa em Educação Ambiental*, v. 4, n. 1, 2009, p. 177-193.

TEIXEIRA, Maria Ângela. *Conhecer, compreender e interagir com o contexto local*. 2009. Monografia (Especialização em Educação Ambiental Lato Sensu) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2009.

TOZONI-REIS, Marília. Contribuições para uma pedagogia crítica na educação ambiental: reflexões teóricas. In: LOUREIRO, Carlos Frederico (org.) *A questão ambiental no pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Quartet, 2007.

VASCONCELLOS, C. S. *Coordenação do trabalho pedagógico: do Projeto Político-Pedagógico ao cotidiano da sala de aula*. 6. ed. São Paulo: Libertad Editora, 2006.

_____. *Planejamento: plano de ensino-aprendizagem e Projeto Educativo*. São Paulo: Libertad Editora, 1995.

VEIGA, Ilma Passos A. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, Ilma Passos A. (org.). *Projeto político pedagógico da escola: uma construção possível*. São Paulo: Papirus, 2004.